

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ELIZEU DE OLIVEIRA



A FÉ CRISTÃ COMO INSTRUMENTO DE RESSOCIALIZAÇÃO DO RECLUSO DA
CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL/RO

VITÓRIA-ES

2021

ELIZEU DE OLIVEIRA

A FÉ CRISTÃ COMO INSTRUMENTO DE RESSOCIALIZAÇÃO DO RECLUSO DA
CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL/RO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 14/02/2022.



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos

VITÓRIA-ES

2021

Oliveira, Elizeu de

A fé cristã como instrumento de ressocialização do recluso da Casa de Detenção de Cacoal/RO / Elizeu de Oliveira. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2021.

vii, 98 f. ; 31 cm.

Orientador: Francisco de Assis Souza dos Santos

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2021.

Referências bibliográficas: f. 90-80

1. Ciência da religião. 2. Religião e espaço público. 3. Privativo de liberdade. 4. Fé cristã. 5. Agentes religiosos. 6. Ressocialização. - Tese. I. Elizeu de Oliveira. II. Faculdade Unida de Vitória, 2021. III. Título.

ELIZEU DE OLIVEIRA

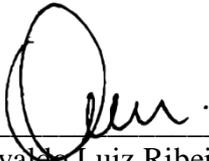
A FÉ CRISTÃ COMO INSTRUMENTO DE RESSOCIALIZAÇÃO DO RECLUSO DA
CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL/RO

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Dissertação de Mestrado Profissional como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade
Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação
em Ciências das Religiões. Área de
Concentração: Religião e Sociedade. Linha de
Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 14 fev. 2022.



Francisco de Assis Souza dos Santos, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).



Osvaldo Luiz Ribeiro, Doutor em Teologia, UNIDA.



Aluer Baptista Freire Junior, Doutor em Direito, FADILESTE.

AGRADECIMENTO

A gratidão é uma virtude que nos faz reconhecer o valor daqueles que nos ajudaram ao longo de uma caminhada e que também nos conecta ao criador. Concordo com o renomado evangelista Billy Graham, quando diz, “gratidão é o fluxo natural de um coração que está sintonizado com Deus”.

Primeiramente agradeço ao Senhor Jesus que esteve ao meu lado fortalecendo-me em todos os momentos desta pesquisa, a Ele glória e honra pelos séculos dos séculos.

À minha querida esposa Elifânia e minha filha Paula que me toleraram com carinho e paciência, substituíram momentos de lazer e conversas agradáveis por incentivos e apoio em tudo o que precisei. Guardo vocês no profundo de meu coração!

Aos meus pais, pastor Isaías de Oliveira e Matilde de Oliveira que motivam sempre seus filhos a estudar, meu respeito e carinho, os senhores são modelos a serem imitados.

À Faculdade Unida de Vitória, imponente, propiciadora de progresso e desenvolvimento. Ao Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos, orientador desta dissertação, consideração pelas contribuições.

Aos meus pastores, Nelson Luchtenberg e Roberto Alves Varjão, grandes ícones no Estado de Rondônia, vosso apoio foi indispensável. À amiga e irmã, missionária Célia Ferreira Maria, mulher de talentos invejáveis e ao professor Caio Cezar Pereira de Souza meus sinceros reconhecimentos.

Por fim e não menos relevantes, aos líderes religiosos, funcionários e reeducandos da Casa de Detenção de Cacoal que prontamente se dispuseram para as entrevistas, imprescindíveis para conclusão dessa dissertação, minha cordial gratidão.



“Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me”.

Mateus 25,35-36.

RESUMO

Esta pesquisa analisa o ofício dos evangelistas cristãos na Casa de Detenção de Cacoal/RO através de um estudo sobre a fé cristã como instrumento de ressocialização do recluso frente à complexa esfera penitenciária brasileira, averiguando a dimensão da veracidade desse trabalho e da adesão dos privativos de liberdade a um sistema religioso, versando sobre os benefícios advindos da aceitação da crença e suas implicações na reintegração do detento. Para tal, realizou-se uma pesquisa bibliográfica dialética e coleta de dados, através de questionário semiestruturado. Assim, com auxílio dos teóricos juristas, Rogério Greco, Júlio Fabrini Mirabete, Nilo Batista, resgatou-se parte da origem e do desenvolvimento histórico das prisões. Em seguida, definiu-se a fé cristã a partir de conceitos e discussões filosóficas de Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, René Descartes, Soren Aabye Kierkegaard e Manuel Garcia Morente. Por fim, em trabalho de campo, 25 voluntários responderam entrevistas: 10 seguidores da fé enquanto cumprem penas, 5 egressos frequentadores das reuniões religiosas quando reclusos, 3 líderes de seguimentos religiosos atuantes nesse cárcere, o presidente da Apac da cidade e 6 funcionários prisionais. Identificou-se que o serviço dos agentes da fé é reconhecido como necessário pela maioria, tanto dos funcionários da prisão, quanto dos privativos de liberdade e da sociedade. Também se concluiu haver um considerável número de egressos seguindo algumas igrejas, embora com pouco apoio dessas entidades, o que reforça a angústia destes por resolver o maior dilema ao voltar à sociedade, o emprego.

Palavras-chave: Privativo de Liberdade. Fé Cristã. Agentes Religiosos. Ressocialização.

ABSTRACT

This research analyzes the work of Christian evangelists at Detention House of Cacoal/RO through a study on the Christian faith as an instrument for the resocialization of inmates in the complex Brazilian penitentiary sphere, investigating the dimension of the veracity of this work upon the prisoners whose were converted to a religious system, dealing with the benefits from the acceptance of the belief and its implications for the detainee's reintegration. To this dialectical bibliographic research and data collection was carried out through a semi-structured questionnaire. Thus, with the help of jurist theorists, Rogério Greco, Júlio Fabrini Mirabete, Nilo Batista, part of the origin and historical development of the prisons was rescued. Then, the Christian faith was defined based on concepts and philosophical discussions of St. Augustine, St. Thomas Aquinas, René Descartes, Soren Aabye Kierkegaard and Manuel Garcia Morente. Finally, in local, interviews were answered by 24 vonlunteers: 10 followers of the faith while serving sentences, 5 beginners attending religious meetings while incarcerated, 3 leaders of religious segments working in this prison, the president of Apac of that city and, 6 prison officials's. By the end It was identified that the service of agents of faith is recognized as necessary by the majority: prison employees, prisoners and society people. It was also concluded that there is a considerable numbers of beginners following some churches, although with little support from them, which reinforces their anguish for solving the biggest dilemma when returning to society, employment.

Keywords: Depravited from liberty. Christian Faith. Religious Agents. Resocialization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A QUESTÃO PRISIONAL E O DILEMA DA RESSOCIALIZAÇÃO DOS DETENTOS	12
1.1 A origem das prisões e o surgimento da ressocialização.....	12
1.2 O problema da ressocialização carcerária	22
1.3 A realidade prisional brasileira.....	29
2 A FÉ CRISTÃ COMO FUNÇÃO DE DESTAQUE À RESSOCIALIZAÇÃO DE DETENTOS	37
2.1 Conceitos de Fé ao longo da história.....	38
2.2 A atuação dos grupos religiosos nos presídios	46
2.3 A fé cristã como instrumento de mudança nos presídios, mito ou realidade?.....	54
3 O TRABALHO DOS GRUPOS RELIGIOSOS NA RESSOCIALIZAÇÃO DO DETENTO NA CASA DE DETENÇÃO DO MUNICÍPIO DE CACOAL/RO	61
3.1 Pesquisas de campo na Casa de Detenção do município de Cacoal/RO	62
3.2 As ações que mitigam a dor do isolamento na Casa de Detenção do município de Cacoal/RO	72
3.3 Os resultados advindos da aceitação da fé cristã e suas implicações na ressocialização do detento	78
CONCLUSÃO.....	88
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	99
APÊNDICE B: ENTREVISTAS.....	103
ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO...	113
ANEXO B: RESPOSTAS DE ENTREVISTAS	115

INTRODUÇÃO

Esta dissertação volve-se para a produção de uma pesquisa, a partir da cronologia histórica da evolução carcerária e sua relação com a realidade atual do sistema penal cacoalense, explorando o trabalho de ressocialização dos agentes da fé cristã, comparando-o com outros realizados por grupos religiosos atuantes em casas de detenções brasileiras. Analisa e mede o influente exercício da fé trabalhada na recuperação daqueles que tiveram suas vidas enveredadas pelo mundo do crime, tentando interpretar e responder racionalmente à questão: a fé auxilia o reeducando restituindo-o à família e à sociedade ou é apenas um recurso falacioso divulgado na sociedade? Também se valendo da opinião filosófica e científica de especialistas no assunto avalia a concepção da sociedade e dos que trabalham com essa massa privativa de liberdade. Além de bibliográfico o estudo se dá, mediante trabalho de campo na CDC - Casa de Detenção de Cacoal - e fora dela.

A relevância desta exposição ancora-se no intuito de subsidiar saberes e postular contribuições à sociedade em geral, bem como favorecer profissionais operadores do direito, capelães prisionais, policiais penais, e cientistas das áreas humanas e sociais que investigam o fenômeno ressocialização carcerária. A proposta é desenvolver cidadãos críticos-reflexivos, expandindo os espaços de discussão, com vistas a clarificar e tornar ainda mais público a realidade e os aspectos decorrentes do trabalho dos agentes da Fé Cristã nas penitenciárias. Assim, empregando o estudo de caso e com abordagem qualitativa, para compreender os aspectos da prática religiosa cristã e avaliá-la no âmbito do presídio cacoalense, focou-se a investigação não em oferecer solução absoluta ao problema pesquisado, mas sim em analisá-lo e interpretá-lo para ampliar a compreensão sobre o fenômeno ressocialização carcerária através da Fé Cristã.

Tendo em vista a impotência do Estado na aplicabilidade estratégica reintegradora penal, outros organismos sociais acabam se envolvendo no campo da ressocialização como é o caso dos missionários nas prisões. Essa ocupação acaba refletindo na comunidade externa, envolta pela insegurança, vitimada pela violência torrencial ao redor do país, provocadora de discussões ideológicas diversas, emanadas nos tribunais, câmeras legislativas, igrejas e escolas. Esse assunto, de necessidade fundamental, inquietou e inquieta estudiosos, na busca da compreensão do universo simbólico e literal, constituinte desse fenômeno da fé nos complexos penitenciários.

O primeiro capítulo discorre sobre a história prisional desde as primeiras punições, investigando as causas e as possibilidades de a religião estar intrínseca ou responsável direta na condução moral das sociedades. Procura relacionar os códigos legais e seus prestígios em auxiliar na humanização do ser racional, e descreve a realidade da época dos clãs, onde se estabelecia a vingança privada, tempo de autodefesa e pouca civilização. Com o advento do Estado, posteriormente, um misto de esperança e desconfiança rompeu, vulnerabilidade de um lado, ao refugiar-se no imperfeito poder público soberano em força, paz, de outro, pela transferência de responsabilidade punitiva ao governo, eximindo o cidadão de praticar a autojustiça. Embora, as punições, desde suas origens tenham sua base amparada nas crenças, a presença religiosa recuperadora de delinqüente presidiários, somente nos três últimos séculos manifestou-se gradativamente, aliás, ainda hoje enfrenta embaraços. No Brasil expande-se a ação evangelizadora dos pregadores no cárcere. Em Cacoal, por ser uma cidade de cerca de 100 mil habitantes, há um mini presídio com vários grupos cristãos evangelizadores, um reflexo da realidade brasileira.

O segundo capítulo discute o significado do fenômeno fé e sua repercussão controversa, debatida por homens como Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, René Descartes, Soren Kierkegaard. Demonstra que no decorrer dos séculos a dicotomia fé/razão fizeram parte dos discursos teológicos e filosóficos, tornando-se um campo aberto de investigação. A pesquisa não buscou exaustivamente aprofundar-se nos vários significados da fé, mas entender a fé cristã, prática corrente no Brasil. A intensa manifestação da fé nas penitenciárias revela o enorme interesse das entidades cristãs, resultando em números elevados de novos adeptos, principalmente das igrejas de ideologia proselitistas. Esse trabalho tornou-se afamado por transparecer solidário também com as necessidades emocionais, físicas e intelectuais dos detentos, produzindo sentimento regenerador, agente estimulante de apoio jurídico e governamental. Há aqueles que exteriorizam indiferença aos reeducandos e oficiantes da fé no espaço prisional. Confrontando essa rejeição de parcela da sociedade, o Estado, compensa a sua debilidade em reeducar, apoiando e incentivando a visitação cristã nesses espaços solitários brasileiros.

O desenrolar do terceiro e último capítulo se deu através de estudo bibliográfico, e de análise sistemática de materiais narrativos de líderes dos grupos religiosos, funcionários da casa de detenção, presidente da Apac – Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, presos e egressos que participam/participaram dos grupos religiosos. A pesquisa aconteceu por entrevistas de forma aberta e não por conveniência, a partir de questionário escrito, respondido

pelos voluntários, obedecendo a seguinte ordem: autorização e entrevista ao Diretor da Casa de Detenção de Cacoal/RO; visita ao espaço carcerário para agendamento das perguntas aos funcionários e reclusos, e posteriormente entrevista; interrogação aos líderes dos grupos religiosos que atuam nessa unidade, depoimento de cinco egressos. Objetivando não causar constrangimento nas declarações ou reserva nas falas, os nomes foram subtraídos, exceto o do diretor, prevenindo toda e qualquer categoria de retaliação ou até alteração na convivência com os outros presos, direção, funcionários e grupos religiosos aos quais frequentam. Assim, denominaram-se os declarantes com as letras do alfabeto, exemplo: agente penitenciário “A”, agente penitenciário “B”, reeducando “A”, reeducando “B”. Para cada grupo houve um questionário organizado e agendas feitas com antecedência.



1 A QUESTÃO PRISIONAL E O DILEMA DA RESSOCIALIZAÇÃO DOS DETENTOS

As formas de punição para aqueles que praticam delitos ainda é um enorme impasse para o Estado que visa controlar através de leis os seus indivíduos. O desemprego, a pobreza e a maldade, por vezes, se unem na direção da violência. A estruturação de um amplo aparelho carcerário pelo Estado vem se revelando ineficaz, também a preocupação dos governantes da nação se dirige apenas para a edificação arquitetônica, quando, na verdade, a promoção da ressocialização deveria ser o destaque. Este capítulo descreve as origens históricas das punições e o dilema da ressocialização frente à realidade atual brasileira. A primeira parte tem por escopo analisar os aspectos históricos do surgimento das punições e códigos de leis que regeram a vida de sociedades desde a época em que o ser humano vivia em clãs e tribos (período da vingança privada), até os dias atuais, demonstrando diferenças e semelhanças existentes entre a maneira dos povos e culturas tratar o criminoso, abordando as práticas penais adotadas pelos antigos antes de a pena de prisão ser concretizada e os fatores que ocasionaram o seu surgimento.

No ponto seguinte, o foco é dado ao problema da ressocialização carcerária com vista ao surgimento do Estado regulador das leis, da ordem social, da proteção à dignidade humana e, em simultâneo, detentor da autoridade de punir. Analisa-se assim, até onde essa função controladora e disciplinar tem sido eficaz na recuperação do delinquente.

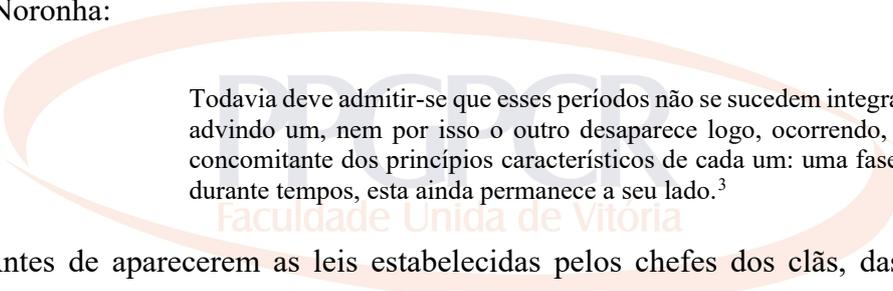
A última divisão apresentará a face prisional brasileira e um vislumbre da realidade da Casa de Detenção de Cacoal com foco para o trabalho dos agentes religiosos. O objetivo é descrever a situação em que vive o preso no Brasil e seu relacionamento com os funcionários da instituição carcerária, bem como, relatar a realidade do presídio de Cacoal, objeto de estudo dessa dissertação.

1.1 A origem das prisões e o surgimento da ressocialização

As legislações, prisões e punições desde seu surgimento passaram por várias transformações em seus moldes até chegar ao estilo em que se tem hoje. A partir do aparecimento da escrita, por volta de 4000 a.C., conhecido por alguns historiadores como marco inicial do que se convencionou história antiga, relata-se muitas formas de regulamentos e punições utilizadas pelos seres humanos. A cronologia das penas e detenções começou com a vingança privada onde a retribuição da ofensa era conforme o poder e a força do ofendido, passando pelos mais diversos e arbitrários castigos, como os impostos pela lei de Talião,

seguido pelas mais diversas legislações, por primitivos meios de encarceramento e insalubres masmorras até as modernas celas, algumas deploráveis, outras com ar-condicionado, a depender do sistema que a controla.

No início não havia regulamentos estabelecidos para imputar ao criminoso correção similar aos danos causados ao próximo e, no afã de resolver as demandas muitos inconvenientes aconteciam, segundo Rogério Greco a pena era aplicada não somente a pessoa, mas também a família e a tribo.¹ Nesta época não existiam prisões e, mais a frente quando surgiram, apresentavam um perfil de guarda, como uma medida cautelar, e não de recuperação, mantendo o réu preso na espera do dia do tormento que seria um suplício corporal ou mesmo a pena capital.² Não é possível organizar perfeitamente a cronologia das punições, haja vista, enquanto uma forma de sanção deixava de ser usada em uma região dando espaço a outra, em outro lugar, a punição anterior começava a ser aplicada. Há castigos que deixaram de ser empregados por uma civilização e séculos depois foram presenciados em povos de outras culturas conforme registra Noronha:


 Todavia deve admitir-se que esses períodos não se sucedem integralmente, ou melhor, advindo um, nem por isso o outro desaparece logo, ocorrendo, então, a existência concomitante dos princípios característicos de cada um: uma fase penetra a outra, e, durante tempos, esta ainda permanece a seu lado.³

Antes de aparecerem as leis estabelecidas pelos chefes dos clãs, das Tribos ou das sociedades, época da vingança privada, devido não haver um detentor de autoridade responsável para punir o mal impetrado, a retribuição era efetuada pela própria pessoa lesada ou seus parentes. A religião e o direito durante a história caminharam paralelos enquanto suportes ordenadores de vivência social, independentemente ser racional ou religiosa a estrutura praticada na legitimação normativa imposta, configurou-se como dominância sobre os interesses peculiares do povo. No passar dos séculos, com o avanço do conhecimento e das técnicas, algumas regiões organizaram-se para punir e controlar o povo por leis escritas. Destacam-se na história antiga das punições da humanidade os babilônicos, os indianos, os egípcios, os hebreus, os assírios, os gregos, os romanos, os germânicos, e a Igreja católica. Esta instituiu o famoso conjunto de leis, o Direito Canônico.

Os babilônicos se destacaram como um dos primeiros povos a possuírem uma jurisprudência para sua sociedade. Na dinastia do rei Hamurabi elaborou-se, por suas ordens, o

¹ GRECO, Rogério. *Curso de Direito Penal*. 17 ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2015. p. 17.

² GRECO, 2015, p. 23.

³ NORONHA, E. Magalhães. *Direito Penal*. 38 ed. São Paulo: Saraiva, 2004. p. 20.

compêndio de leis que leva seu nome. Esse Estatuto se tornou famoso, nele está a Lei de Talião, universalmente conhecida por sua máxima “Sangue por sangue, olho por olho, dente por dente”. Ao indivíduo prejudicado era legalmente assegurado o direito de retribuir ao seu semelhante o equivalente ao mal recebido.⁴ A lei de Hamurabi é o emblema da sociedade mesopotâmica. Além de trazer um arcabouço de informações econômicas, políticas e sociais do império da época, no século XVIII a.C., teve seus artigos compilados, entalhado e esculpido em uma Pedra de basalto negro de 2,25 m de altura, distribuídos em 46 fileiras de escrita e em 3600 pautas com 282 regulamentações. O monumento codificado, registra K. V. Nagarajan, foi visto por antiquários da França em 1902, em Suzano, Irã.⁵

A lei de talião, a justiça de natureza privada, a regulamentação que dividia a sociedade em três grupos e a concepção que não distinguia o homicídio culposo do doloso, são heranças recebidas dos sumérios pelo código de Hamurabi. O sistema constitucional sumeriano foi a sua mais notável realização, embora de seu conjunto de normas sobre poucos resquícios documentais, conforme leciona Edward Burns: “Sobreviveram na sua forma original somente alguns fragmentos dessa compilação, mas o famoso Código de Hamurabi, o rei babilônico, é hoje tido como não sendo mais que uma revisão do Código de Dungi”⁶. Os estatutos de Hamurabi se tornaram conhecidos e influenciaram culturas diversas. Artigos como estes se tornaram famosos: Art. 209. “Se alguém bate numa mulher livre e a faz abortar, deverá pagar dez siclos pelo feto”; Art. 210 “Se essa mulher morre, então deverá matar o filho dele”.

Os indianos deixaram também sua contribuição na construção das leis e regulamentações da sociedade hodierna. Suas normas legais ficaram conhecidas através do código de Manu, conjunto de leis elaborado na própria Índia entre o século II e I a.C., composto de 12 livros que registram normas de Condutas para a sociedade, organização e estruturação do sistema de castas. Conforme mencionou Noronha:

Um dos principais códigos é o da Índia, de Manu (*Manava, Dharma, Sastra*). Tinha por escopo a purificação da alma do criminoso, através do castigo, para que pudesse alcançar a bem-aventurança. Dividia a sociedade em castas: brâmanes, guerreiros, comerciantes e lavradores.⁷

⁴ MIRABETE, Júlio Fabbrini. *Manual de Direito Penal*. 17 ed. São Paulo: Atlas, 2001. p. 36.

⁵ NAGARAJAN, K.V. *The Code of Hammurabi: an economic interpretation*. International Journal of Business and Social Science, v. 8, n. 2, 2011. p. 108.

⁶ BURNS, Edward McNall. *História da civilização Ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1967. p. 80.

⁷ NORONHA, 2004, p. 21.

O primeiro livro trata da origem do universo segundo o pensamento hindu e da divisão de castas: brâmanes, xátrias, vaixás, sudras e por fim, os párias (marginalizados); o segundo trata dos direitos e obrigações da classe mais poderosa, os brâmanes; no terceiro e no quarto são apresentadas as normas para os chefes de família, obrigações domésticas e regulamentos para o casamento; e no nono e décimo encontram-se as prescrições penais entrelaçadas em um misto de leis civis e criminais que regulam a hierarquia das classes sociais.

Segundo a crença hindu, Brahma criou de sua substância uma mulher, Saravasti. Desta união nasceu Manu (filho de Brahma e pai dos homens). Originalmente a legislação de Manu era composta por mais de 100.000 dísticos, está reduzido atualmente em 2.865 e escrita em versos⁸, no intuito de facilitar a memória. Nesse sistema como meio de confissão o acusado era submetido a ferro quente ou ingestão de veneno. As punições variavam desde amputação até pena capital. Paulo Gusmão registra que a mulher era tratada com desvelo: “Não se bate numa mulher nem mesmo com uma flor”⁹.

O Egito foi um dos países da antiguidade que se destacou e tornou célebre pela sua ciência, entretanto não estabeleceu nenhum sistema jurídico que perdurasse influenciando outros povos. Foi o primeiro a estruturar uma legislação regimentada para sua gente entre a 2.^a e a 5.^a dinastia. A sociedade egípcia era organizada hierarquicamente: no topo da pirâmide estava o imperador, depois vinham os comandantes das repartições, em seguida estavam os funcionários que eram separados por secretarias. Esta nação tinha seus costumes, assim como as demais culturas da história antiga, dominados por um acerbado sentimento religioso. Antônio Wolkmer chega a afirmar: “Consagrou-se, no Egito, a concepção de que o monarca não era um simples representante divino na Terra. Ele era o próprio deus”¹⁰.

Os documentos de leis por ter como material de escrita o papiro, na maioria desapareceram, o que se preservou, foi por ironia do destino, e o mais antigo catalogado data dos anos de 2420 a.C., época em que funcionava o modo de produção asiático onde o rei era proprietário de todas as terras, não havendo possibilidade de compra e venda e cabendo uma porcentagem de toda a produção para o monarca. As primeiras prisões egípcias têm seus registros datados no reino médio, século XXI a.C. e tinham como objetivo manter a ordem pública instituída pelos faraós que as estabeleciam como dever sagrado. Como outras leis desse tempo passado, o Código Penal egípcio era severo, Paulo Gusmão detalha algumas normas:

⁸ GUSMÃO, Paulo Dourado de. *Introdução ao estudo do direito*. 49 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018. p. 272.

⁹ GUSMÃO, 2018, p. 272.

¹⁰ WOLKMER, Antônio Carlos. *Fundamentos de História do Direito*. 5. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2006, p. 9.

Para o homicídio, pena de morte; para o parricídio, a morte na fogueira; para o adultério, mutilações e vergastadas. Mas, se a mulher adúltera estivesse grávida, a execução da pena só ocorria depois do parto. Para o furto, escravização do ladrão ou mutilação. Assim, bastonadas, mutilações (ablações das orelhas, do nariz, da língua ou das mãos), exílio, lançamento à fogueira com mãos e pés amarrados, eram as penas mais usadas no direito penal egípcio.¹¹

O Egito antigo possuía uma justiça bem organizada, contava com uma divisão de seis tribunais compostos por juízes formados. Esses servidores designados se gloriavam acreditando praticar uma justiça imparcial. O tratamento que davam aos pobres em julgamento não era diferente daquele praticado com os ricos e nem mesmo com os da família do rei. Edwards Burns lecionando sobre o assunto, afirma que “Os faraós do Antigo Império não tinham, ainda, aprendido a infame distinção entre crimes políticos e crimes comuns, que foi estabelecida pelos governantes de alguns Estados modernos”¹².

O sistema de leis dos Hebreus apresentam suas normas, direitos e punições encontrados na Torah, os cinco livros escritos por Moisés que estão na Bíblia. Estas leis, segundo a tradição judaica, foram entregues a Moisés por YAVEH no cume do Monte Sinai. Embora, a crítica científica questione a historicidade do pentateuco mosaico, oferecendo uma data mais recente para sua produção — pós-exílio babilônico —, por volta do século V a.C., por sacerdotes e escribas judeus¹³. O quinto livro, Deuteronômio é um resumo desta legislação dividida em três partes principais: leis cerimoniais, civis e morais. As leis da Torá são altamente rigorosas no quesito da Justiça. A equidade no julgamento é colocada como elemento fundamental, conforme Deuteronômio relata: “Não atentareis para pessoa alguma em juízo, ouvireis assim o pequeno como o grande; não temereis a face de ninguém, porque o juízo é de Deus; porém a causa que vos for difícil fareis vir a mim, e eu a ouvirei.” (Dt 1. 17)¹⁴

Fazer cumprir a lei era um compromisso rigoroso de todos, conseqüentemente as punições prescritas por esse código destacavam-se, dentre outras, apedrejamento, ataque de animais ferozes, força e, na maioria, impetradas em público, promovendo temor aos demais cidadãos da nação. O quarto livro, Números registra um fato sintomático:

Estando, pois, os filhos de Israel no deserto, acharam um homem apanhando lenha no dia de sábado. E os que o acharam apanhando lenha o trouxeram a Moisés e a Arão, e a toda a congregação. [...] Então, toda a congregação o tirou para fora do arraial, e

¹¹ GUSMÃO, 2018, p. 265.

¹² BURNS, 1967, p. 47.

¹³ CRÜSEMANN, Frank. *A Torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Trad. Haroldo Reimer. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 56.

¹⁴ BÍBLIA com anotações A. W. Tozer. Trad. Degmar Ribas Júnior e Michael Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. (para todas as demais referências Bíblicas neste documento será usada esta Bíblia de A. W. Tozer).

com pedras o apedrejaram, e morreu, como o Senhor ordenara a Moisés. (Nm 16.32-36)

Essa sociedade era regida por intensa prática religiosa, o que explica a rigidez das punições dos delitos cometidos contra a deidade. Punia-se assim, com pena de morte variedade de delitos, fossem eles blasfêmia, idolatria ou mesmo a quebra a lei da guarda do sábado. Outras penas, mesmo que não fosse a capital, eram severas. Por exemplo, determinadas quebras da lei rendiam ao faltoso uma quarentena de açoites (Dt 25.3).

O império dos assírios se estabeleceu no norte da Mesopotâmia nos idos de 2500 a.C., dominou várias outras nações e tornou-se célebre por intervenção de várias dinastias que se perpetuaram por centenas de anos, por fim teve sua derrocada no ano de 609 a.C. Grande parte dos súditos deste reino eram escravos e divididos em dois principais grupos: aqueles que trabalhavam em afazeres domésticos e os outros, a maioria, executavam os serviços públicos. Segundo Edwards Burns este último grupo enfrentava grande miséria “presos por pesados grilhões eram compelidos a trabalhar até à exaustão na construção de estradas, canais e palácios”¹⁵.

Ao cárcere no império assírio destinavam-se os bandidos, os traficantes, os ladrões e os cativos forçados a trabalhos penosos. Quando uma pessoa abastada economicamente cometia delitos tinha o privilégio de escolher o suicídio como opção à pena pública. A pena principal aos criminosos conforme a legislação Assíria era a decapitação e como meio de injetar medo às nações vizinhas ainda não conquistadas os cativos eram torturados em público. Edwards Burns sobre isso afirma:

Os assírios também lançavam mão do terror como meio de subjugar o inimigo. Infligiam aos soldados capturados em batalha e, às vezes, também aos não combatentes, crueldades indescritíveis, como o esfolamento em vida, empalamento, a amputação das orelhas, narizes e órgãos sexuais e, depois, exibiam em gaiolas as vítimas mutiladas, para servir de advertência às cidades que ainda não se tinham rendido.¹⁶

Os assírios, egípcios, hebreus, gregos, persas acreditavam que a aplicabilidade de suas leis correspondia com a vontade de seus deuses.¹⁷ Antônio Wolkemer afirma que: “[...] na Assíria, as cidades de Nínive, Assur e Nuzi tinham algum destaque. Todas essas cidades possuíam soberanos e divindades próprias”¹⁸, fator que posteriormente na Europa moderna e

¹⁵ BURNS, 1967, p. 89.

¹⁶ BURNS, 1967, p. 87.

¹⁷ GUSMÃO, 2018, p. 332.

¹⁸ WOLKMER, 2006, p. 20.

nas democracias que vieram depois, não funcionou mais, a ênfase agora, é dada a tradição, aos costumes, a força política do Estado ou vontade do povo.

O império grego, berço da filosofia, trouxe teor significativo para o estilo de punição até então impetrada. Não há muitos documentos com perfil de código de direito nesta civilização, contudo podem-se destacar alguns legisladores como Dracon e Sólon que deram suas contribuições. A despeito de a Grécia antiga ser marcada em toda a sua história pelo escravagismo. No século VII a.C. Sólon prescreveu regulamentos sobre a escravidão, herança, padrão monetário e composição política àqueles que possuíam autoridade e riquezas; redigiu leis que distinguiam a liberdade individual do poder estatal.¹⁹ Outro legislador que deixou sua contribuição foi Clístenes, que formulou no século VI a.C. um arcabouço doutrinário, versando sobre a importância da participação política do cidadão e propondo um individualismo para o direito da cidade de Atenas.²⁰

Nos meados do século VII a.C., uma cidade da Ilha de Creta teve o privilégio de receber em seu espaço público um documento escrito, marcando novo tempo, ao subtrair o domínio privado autoritário que ditava as regras em prol do bem comum.²¹ Dessa forma a elaboração da norma legal promovia a cooperação comum e a democratização. Os filósofos contribuíram em muito para o desenvolvimento da legislação grega, enquanto lecionavam sobre diversos assuntos e colocavam em xeque por intermédio das discussões os princípios do direito. Platão e seu discípulo Aristóteles se destacaram nesse quesito, segundo afirma Paulo Gusmão, “A ideia de justiça, que nós, ocidentais, temos, é herdada em grande parte de Platão, Aristóteles e dos juristas romanos. Os dois primeiros deram a ela o sentido ético e formal, enquanto os romanos, o sentido jurídico e material”²². Platão conceitua a criminalidade do sujeito como uma doença de desgaste social que necessita da punição para sarar e incutir temor, limitando coercivamente às ações delinquentes da sociedade, para que os demais indivíduos, agora receosos, evitem a prática do mesmo ato.

O criminoso transgride as regras legais estabelecidas no âmbito social em decorrência principalmente, da personalidade mal formada, pois, o crime está interligado a avareza, a ignorância e a paixão, sendo a educação o meio eficaz de prevenção ao delito, mas que deve ser aplicada na tenra idade.²³ Segundo Aristóteles “É difícil, senão impossível, erradicar pelo

¹⁹ SANTORO, Luciano de Freitas. *Justiça Penal: Princípios, História e Teorias da Pena*. São Paulo: Independently published, 2019. p. 15.

²⁰ GLISSEN, Jonh. *Introdução a História do Direito*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. p. 74.

²¹ VERNANT, Jean Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2002. p. 57.

²² GUSMÃO, 2018, p. 87.

²³ CUNHA, Rogério Sanches. *Manual de Direito Penal*. 7. ed. Salvador, jusPODIM, 2019. p. 47.

raciocínio os traços de caráter que se inveteraram na sua natureza”²⁴ e ainda, leciona haver gente tão dominada pelo vício da desonestidade que somente a punição consegue impor-lhe limites: “[...] Precisamos de leis que cubram também essa idade e, de modo geral, a vida inteira, porque a maioria das pessoas obedece mais à necessidade do que os argumentos, e ao castigo mais do que ao sentimento Nobre”²⁵.

A nação grega tinha o perfil de buscar a coletividade, o cidadão não era valorizado em sua particularidade, aliás, tudo girava em torno da inserção do indivíduo à sociedade conforme leciona Cleber Masson:

Na justiça ateniense, as penas passaram a ser dotadas de certa dose de humanidade. Autorizava-se, exemplificativamente, a absolvição do culpado, quando a sua eliminação fosse capaz de prejudicar os inocentes dele dependentes para sobreviver. Pensava-se no caso, no desenvolvimento da sociedade e não propriamente no acusado.²⁶

O império grego, embora, deixando seu quinhão de colaboração no aspecto punição e ética na aplicação da legislação à sociedade, proporcionando autonomia ao indivíduo para expressar suas opiniões, não conseguiu indicar meios para a ressocialização do delinquente.

Depois desse forte governo mundial levantou-se a supremacia romana com sua capital Roma, fundada em 753 a.C. seus imperadores eram permanentes, porém, eletivos, as corporações escolhiam seus ditadores que eram investidos de poder civil, religioso, militar e judiciário.²⁷ As legislações latinas tiveram um processo gradual, iniciando com a promulgação da Lei das doze tábuas em 445 a.C., e assim como a grega, influenciaram o nosso direito ocidental. A partir da queda da República, esse sistema de normas foi praticamente extinto ou substituído por novos critérios e juízos que brotaram das transformações dos costumes, das instruções filosóficas históricas e dos decretos pretorianos.²⁸

Ao fazer um levantamento cuidadoso dos artigos do Código Civil brasileiro ver-se-á que 80% deles são originados da cultura e das fontes romanas.²⁹ A própria Bíblia possui passagens que fazem referência ao direito romano, como é o caso do julgamento de Paulo em Jerusalém e Cesareia de Felipe, narrativa registrada no Livro dos Atos dos Apóstolos. Quando algemado para ser açoitado, interrogou: “[...] É-vos lícito açoitar um romano, sem ser condenado?” (At

²⁴ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 237.

²⁵ ARISTÓTELES, 1991, p. 238.

²⁶ MASSON, Cleber. *Direito Penal Esquematizado*. 10. ed. São Paulo: Método, 2016. p. 75.

²⁷ CASTRO, Flávia Lages. *História do Direito Geral e Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007. p. 79.

²⁸ GUSMÃO, 2018, p. 200.

²⁹ LOBO, Abelardo Saraiva da Cunha. *Curso de Direito Romano*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006. p. 17.

22.25). As autoridades responsáveis, ao ouvir estas palavras ficaram amedrontadas, pois, conheciam a legislação Romana. Ainda em processo, Paulo desconfiado, apela para César, direito que o cidadão Romano gozava de escolher ser julgado em Roma. (At 25.11). A constituição Romana distinguia dois crimes: o público e o privado. O primeiro, atribuição da nação envolvia assassinato, traição e conspiração contra o governo; o segundo era transferido ao próprio lesado, influenciando o Estado apenas para controlar a sua execução.³⁰

Outro povo que dispunha de método punitivo de desempenho expressivo dado à influência sobre vários povos foi o Germano, gente que compunha um sistema de etnias nômades com um extenso território, dividido entre vários países. A legislação alemã contava com um código de normas equivalente aos de outras nações europeias, e, por serem pessoas carregadas de hábitos e costumes, desenvolvidos por tradições sem livros ou documentos escritos, exceto algumas citações no país da Escandinava e algumas inscrições ao norte da Germânia, interferiram na construção de cânones de civilizações estranhas.³¹

Ao buscar organizar a lei Germânica, necessário se faz incluir leis e costumes romanos e de outros povos, para que a construção não seja diminuída bruscamente em sua proporção, pois, conforme leciona Abelardo Lobo “[...] apenas os frisões, os saxões, e os turingios organizaram legislações de caráter rigorosamente local”³². Nos estatutos germânicos os castigos torturantes eram permitidos em crimes de assassinatos ou para escravos. As pessoas livres não podiam ser acusadas por escravos nem acusar ninguém de autoridade superior. Edwards Peters enfoca, “A tortura tem de se realizar na presença do juiz ou dos representantes nomeados e não é permitida nem a morte, nem a inutilização de qualquer membro. Homicídio, Adulterio, ofensas ao rei..., a tortura pode ser aplicada, inclusive na pessoa de um Nobre”³³.

Na Idade Média, a Igreja Católica teve seu período áureo, exerceu grande influência na forma de pensar, dominou o cenário religioso, foi detentora de poder político e econômico, instituiu e depôs reis. Nessa época surgiu o direito canônico, organizado no século XII, pelo compilador Graciano que o sistematizou versando sobre as prerrogativas das pessoas, leis sacramentais, normas eclesiásticas etc. Essa legislação transformou radicalmente a noção de família, organizando a estrutura da realeza e contribuindo para a formação do direito moderno. Nos idos de 1250 a.C, tornou-se vastamente conhecida e utilizada em vários países que professavam o catolicismo, perdurando por cerca de 600 anos, até o final do século XVIII.

³⁰ MASSON, 2016, p. 76.

³¹ GLISSEN, 1995, p. 162.

³² LOBO, 2006, p. 535.

³³ PETERS, Edwards. *A história da Tortura*. Lisboa: Teorema, 1985. p. 42.

A confissão que se tornou uma obrigação religiosa aos fiéis e a partir do Concílio de Latrão passou a ser um recurso indispensável em situação de delitos graves. Edwards Peters comenta: “assim sendo, sem uma confissão e sem duas testemunhas oculares, o juiz dispunha apenas de uma combinação classificada de provas parciais e, por conseguinte, não era possível qualquer condenação”³⁴. A base severa de provas era indispensável, a falta de testemunhas impedia que os réus fossem condenados, destarte, para se alcançar a confissão, arbitrava o Estado à tortura como recurso contra hereges e feiticeiros; o tribunal da Inquisição, segundo Flávia Castro, era um meio singular:

Durante a idade média a Inquisição era o tribunal especial para julgar e condenar os hereges, pessoas ou grupos que acreditavam em um catolicismo considerado ‘desviado’ ou praticavam atos que, naquele período em que a superstição reinava, eram indicados como bruxaria ou feitiçaria.³⁵

No final do século XVI, começa-se a buscar estratégias para regenerar pessoas marginalizadas, são fundadas as casas de força com vista à reabilitação de contraventores, mendicantes e prostitutas que eram submetidos a trabalhos como meio de educação destinada a criar hábitos saudáveis. Nesse século se tornaram célebres os nomes de Jeremy Bentham, Cesare Bonesana e Jonh Howart,³⁶ homens que escreveram livros relevantes sobre a necessidade de se instituir um sistema de punição que proporcionasse também condições de recuperação para o criminoso recluso. O calvinista Howart dedicou boa parte de sua vida acreditando nos princípios religiosos como aparelho eficaz de reintegração.

O advento da razão disseminada pela filosofia das luzes no século XVIII trouxe novas configurações para aparelho punitivo que vinha sendo utilizado como instrumento manufatureiro, praticado pelos reclusos com a justificativa de desenvolvimento humanitário, mas que possuía forte marca de interesses de produção econômica e penas atroz, propagando o pensamento de que maus tratos aos presos deveriam ser erradicados, levando assim, o iluminismo, a alcunha de criador do cárcere. Foucault afirma, “O protesto contra os suplícios é encontrado em toda parte na segunda metade do século XVIII: entre os filósofos e teóricos do direito; entre juristas, magistrados, parlamentares; [...] e entre os legisladores das assembleias”³⁷. Iniciou-se assim um período em prol da pena privativa de liberdade que teria ênfase no século XIX e aplicação prática a partir do início do XX, destacando a ressocialização

³⁴ PETERS, 1985, 51.

³⁵ CASTRO, 2007, p. 137.

³⁶ NUNES, Adeildo. *A Realidade das Prisões Brasileiras*. Recife: Nova Livraria, 2005. p. 24.

³⁷ FOUCALT, Michel. *Vigiar e Punir*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 61.

do detento e a licença dos agentes religiosos oficializarem seus ensinamentos nas penitenciárias, amparados por lei.³⁸

1.2 O problema da ressocialização carcerária

O ser humano é por natureza um ser sociável. Desde o nascimento, manifesta sua dependência, não só da mãe, mas também dos semelhantes que vivem ao seu redor. Seus pensamentos e sentimentos gravitam em torno de uma vida gregária. A convivência é produtora de significado para o ser e acontece primeiramente, segundo Aristóteles entre o marido e a mulher³⁹, em seguida, aparece à instituição família que se expande e, em sua ampliação e interação entre as pessoas, constitui a cidade⁴⁰. Os moradores que se aglomeravam para formar a cidade viviam próximos uns dos outros, se relacionavam e compartilhavam os bens comuns. A convivência interpessoal conseqüentemente passou a gerar os conflitos decorrentes das diferenças individuais.

O inglês geógrafo David Harvey definiu cidade como um “[...] sistema dinâmico complexo no qual a forma espacial e o processo social estão em contínua interação”⁴¹. Posteriormente passou a considerar como o lugar das contradições acumuladas.⁴² A partir dessa interdependência social, por vezes, regras acordadas eram desrespeitadas tornando o transgressor passível de sanções. Sobre isso leciona Rogério Cunha:

A manutenção da Paz social, que propicia a regular convivência humana em sociedade demanda a existência de normas destinadas a estabelecer diretrizes que impõe ou proíbem determinados comportamentos. Quando violadas as regras de condutas, surge para o Estado o poder (dever) de aplicar as sanções, civis e/ou penais.⁴³

As punições surgem com a comunidade que para preservar sua integridade responde ao seu semelhante com vingança diante do prejuízo suportado. Logo que o ser humano começou a conviver em sociedade percebeu a necessidade de penalizar o infrator das normas, fossem elas individuais ou coletivas. Aliás, enquanto o indivíduo vivia em grupos familiares pequenos, desfrutava de liberdade e resolvia as demandas conforme surgiam, mas desde que buscou

³⁸ BRASIL. Lei no 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Brasília: Congresso Nacional, 1984. p. 24.

³⁹ ARISTÓTELES. *A Política*. Ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. p. 15.

⁴⁰ ARISTÓTELES, 2011, p. 16.

⁴¹ HARVEY, David. *A Justiça Social e a Cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980. p. 34.

⁴² HARVEY, 1980, p. 174.

⁴³ CUNHA, 2019, p. 34.

proteção em corporações maiores, obrigou-se a acordos e, conseqüentemente, teve de prescindir da tão preciosa autonomia, Beccaria registrou:

As primeiras uniões formaram necessariamente outras para resistir àquelas e, assim, o estado de guerra transportou-se do indivíduo para as nações, foi, portanto, a necessidade, que impeliu os homens a ceder parte da própria Liberdade. É certo que cada um só quer colocar no repositório público a mínima porção possível, apenas a suficiente para induzir os outros a defendê-lo.⁴⁴

No início, os primeiros habitantes não dispunham de leis reguladoras, a insegurança era um estado de sentimento, o perigo era iminente e a guerra inevitável, Thomas Hobbes diz que eles habitavam em desarmonia “Em todos os lugares onde os homens viviam em pequenas famílias, roubar e espoliar uns aos outros sempre foi uma ocupação legítima. Longe de ser considerada contrária à lei natural, quanto maior era a espoliação conseguida maior a honra adquirida”⁴⁵. Nessa época segundo esse filósofo o desentendimento era constante e a maldade possuía livre curso.

Pensando diferente de Hobbes, o sociólogo Jean Rousseau afirma que o indivíduo nasce bom, mas o agrupamento das pessoas e o avanço das técnicas fomentadas pela ganância desenvolve a sociedade, maculando e tornando os homens corrompidos:

A vida do homem primitivo, ao contrário, seria feliz porque ele sabe viver de acordo com suas necessidades inatas. Ele é amplamente autossuficiente porque constrói sua existência no isolamento das florestas, satisfaz as necessidades de alimentação e sexo sem maiores dificuldades, e não é atingido pela angústia diante da doença e da morte.⁴⁶

Assim, diante da ameaça, a vulnerabilidade humana se manifesta, buscando proteção em alguém superior que lhe garanta segurança, mesmo que, precise prescindir de sua liberdade ao depositar e fiar sua vida às normas de uma instituição, dirigida por um líder que, teoricamente, o protegerá com bem-estar e desenvolvimento. Essa ação de subordinação e acordo do ser humano com a pátria é conhecida como contrato social, e seus defensores, contratualistas. Esse pacto, não foi um instrumento assinado em papel ou registrado em cartório, mas emblema que marcou o rompimento do indivíduo da condição natural em que vivia para o Estado de sociedade em que hora passa a pertencer.

O afastamento do ser primitivo de seu estado originário, que o distava do sistema político e da organização social foi discutido, além de outros, por John Locke, inglês do século

⁴⁴ BECCARIA, Cesare. *Dos delitos e das penas*. 2.ed.São Paulo: Editora Revista dos Tribunais,1999. p. 29.

⁴⁵ HOBBS, Thomas. *O Leviatã*. São Paulo: Martin Claret Ltda., 2006. p. 128.

⁴⁶ ROUSSEAU, Jean Jacques. *Do contrato social*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 13.

XVII, defensor da ideia de um contrato social, alegando a partir desse, ampliar a liberdade humana e alavancar a expansão da ciência. O ser humano, para Locke, não é originalmente mal, mas nasce possessor, não somente de uma propriedade geográfica, mas também dos bens naturais: existência, inteligência e liberdade. São suas estas declarações: “De fato, nascemos livres assim como nascemos racionais; não que tenhamos realmente o exercício dessas duas prerrogativas: a idade que traz uma delas traz também a outra”⁴⁷.

O Estado regulador surgiu para assegurar os direitos inatos e proteger as propriedades dos cidadãos, responsabilizando-se por garantir as prerrogativas fundamentais à subsistência, legitimando, concomitantemente, o domínio sobre o povo da nação. Entendendo que o Estado não é perfeito, mas passível de perversão, o indivíduo deve abandonar o conformismo e resistir aos desmandos que eventualmente esteja enfrentando. Sobre isso, diferente de Hobbes, dizia Locke, “Com o que fica evidente, mesmo em sua doutrina, que, desde que em alguns casos é permitido resistir, nem toda resistência aos Príncipes é uma rebelião”⁴⁸.

Estabelecida a sociedade, emerge a necessidade da aplicação de punições justas, regulamentadas, que expressem justiça e afastem a violência, soberana das desigualdades sociais, e, em paralelo, discipline os sujeitos de caráter deturpado ou de transtornos de personalidade. Embora a violência mais brutal seja a provocada pelo próprio Estado que carrega a insígnia de Pátria, constituída para amparar seus cidadãos, e que, por vezes, os subjuga, respondendo com o mal àqueles que lhe delegaram o poder que usufrui.

Karl Max e Friedrich Engels previram e registraram agruras que aconteceriam e se perpetuariam na sociedade, afirmando que a história já possuía em seus anais cicatrizes do relacionamento entre Estado e cidadão e salientaram, “Toda história tem sido a história da luta de classes, da luta entre explorados e exploradores, entre classes dominadas e as dominantes nos vários estágios da evolução social”⁴⁹.

A face da violência permeia todo o âmbito social e se configura de diversas formas, atingindo toda a cadeia da sociedade. A violação dos limites estabelecidos, por parte do indivíduo contra o seu semelhante em sua estrutura física, mental, patrimonial, religiosa ou cultural tem de ser prevenida, reprimida e corrigida. Para tanto, punições instituídas promulgam normas disciplinares que, se não extingue o mal, ao menos respondem à sociedade. Entretanto, essas prescrições precisam ter a anuência das duas partes como propôs Cesare Beccaria “Olhemos a história e veremos que as leis, que são, ou deveriam ser pactos entre homens livres

⁴⁷ LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. Petrópolis: vozes, 2019. p. 18.

⁴⁸ LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 589.

⁴⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998. p. 74.

[...]”⁵⁰, de modo a proteger a integridade das pessoas, raramente atendem tais expectativas. No afã de incrementar a justiça, o aparelho público através das punições pode infringir a integridade humana, resolvendo o problema de um e gerando ferida no outro. Esta violência por parte do Estado é mais danosa que a praticada pelo indivíduo.

A dignidade humana está relacionada à sua identidade e é um patrimônio que toda pessoa consciente ou não, luta para defender. O Estado é o protetor dos cidadãos e deve tratá-los com igualdade e equidade para não ser passível também de punição. O impetrante da Justiça precisa ser modelo de integridade, fenômeno que a história humana nem sempre tem vivenciado, pelo contrário, confrontos de várias formas marcam essa trajetória, com destaque às guerras civis, a exemplo da revolução russa registrada por Paulo Fagundes Visentine:

Ao longo de 1918, a guerra civil espalhou-se pela Rússia, e as diversas forças da contrarrevolução tiveram o apoio dos países da Tríplice Entente, que iniciaram a intervenção internacional contra a Rússia Soviética. O decreto que racionalizava as grandes empresas, inclusive estrangeiras, sem indenização, enfureceu as potências ocidentais particularmente a Grã-Bretanha.⁵¹

Alguns conflitos se arrastam por séculos como é o caso da escravidão indígena que, a despeito de haver instrução a favor da liberdade nativa do índio, o desrespeito para com este grupo ficou marcado na história do Brasil. Hebe Maria registra que “[...] o cativo legitimado pela guerra justa ao índio pagão e hostil permaneceu na América portuguesa até o advento das reformas pombalinas”⁵². Por outro lado, a ideologia democrática vem sobressaindo desde a idade moderna, propondo a construção de uma sociedade mais digna e humanizada, onde a política torna-se vinculada ao povo, e o direito a opinião e a escolha dos representantes políticos é igualitária. As nações que optam por esse regime, mostram uma diferença abissal, ao primar pela liberdade, em comparação a outra que mantém os seus patriotas subordinados ao autoritarismo; a propósito, quando o indivíduo sabe que seu governo é oposto à sua consciência, sente-se amordaçado e indefeso.

Pior ainda será se o sujeito estiver por trás das grades da penitenciária, pois, ali sua voz será mais fraca e dificilmente alguém lembrará que nesse local há uma pessoa que, mesmo criminosa, é ainda humana, e não objeto ou bicho. À medida que os partícipes de uma nação se

⁵⁰ BECCARIA, 1999, p. 24.

⁵¹ VISENTINI, Paulo Fagundes. *Os paradoxos da revolução Russa: Ascensão e queda do socialismo soviético (1917-1991)*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017. p. 14. *E-book*.

⁵² MATTOS, Hebe Maria. A escravidão moderna nos quadros do império português: o Antigo Regime em perspectiva atlântica. In: FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima. (orgs.). *Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 142-163. p. 146.

distanciam da ignorância causada principalmente pela falta de oportunidade, rompem-se com a posição de coisificação que o Estado ou o outro semelhante, lhes reduziu, e passam a deslocar-se em direção a dignidade, alçando a voz anulada, que fende com as estruturas estabelecidas por sistemas autoritários.

Em 10 de dezembro de 1948, pós-Segunda Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas – ONU instituiu a Lei Universal dos Direitos Humanos, presenteando o mundo com normas que serviriam de modelo para várias nações. Esse fenômeno foi um avanço em direção à honra do cidadão que, curiosamente, em qualquer parte do mundo, somente foi protegida a alto custo.

Diferente dos animais as pessoas possuem razão, emoções e vontade. Por conseguinte, têm livre arbítrio e são únicas e insubstituíveis no mundo. Qualquer atitude que anule a liberdade inata do indivíduo, caracterizando-o como objeto, será considerada sutil, por isso mesmo, rejeitada. Sendo o sujeito racional por natureza, autônomo, é dever do Estado e de cada indivíduo prestigiá-lo e batalhar para que sua integridade não seja violada, conforme declara o filósofo Immanuel Kant,

[...] a humanidade é ela própria uma dignidade, pois o homem não pode ser usado por nenhum homem [...] e nisto (a personalidade) consiste propriamente a sua dignidade, por meio da qual ele se eleva sobre todos os outros seres do mundo que não são homens e que podem certamente ser usados; e eleva-se, portanto, sobre todas as coisas.⁵³

A dignidade humana, em se tratando do recluso, está interligada a sua necessidade de ressocialização, haja vista, antes de ser criminoso, o delinquente é uma pessoa cidadã como qualquer outra, passível de erros, que merece a oportunidade de restauração. Esse assunto não tem sido entendido por boa parte da população e se perpetua como um problema, não só filosófico, mas também legal como defende o livro “Debates sobre Direitos Fundamentais”, escrito pelo jurista Alex Mendonça: “A ideia de dignidade humana fornece suporte primeiro à maioria dos sistemas jurídicos, em especial ao ordenamento jurídico brasileiro no qual desempenha papel de epicentro de todo o arcabouço jurídico”⁵⁴.

Destruir a honra é extinguir do indivíduo a própria vida, é arrancar-lhe o bem maior, assim uma pátria que se preza, não negará a seus filhos aquilo que é prerrogativa inata do ser humano.⁵⁵ Qualquer regime civilizado primará pelo bem-estar de seu povo, entendendo que o

⁵³ KANT, Immanuel. *Metafísica dos costumes*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 463.

⁵⁴ MENDONÇA, Alex Assis de; ABREU, Célia Barbosa; RANGEL, Tauã Lima Verdam. *Debates sobre direitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Gramma, 2017. p. 348.

⁵⁵ KANT, 2013, p. 420.

relacionamento entre cidadãos e governo se torna imprescindível. Além disso, respeito e equidade mútua promove a paz, responsabilidade cabível, primeiro ao governante, força maior e encarregada de manter a ordem, rechaçando a força brutal movida pela ignorância, incorporada em alguns reinantes, violadores do princípio defendido pelo Estado Democrático de Direito em seus fundamentos mais proclamados, a humanização da vida do ser racional.

No Brasil, as notícias comunicam que a cadeia se transformou em um lugar de confinamento, sofrimento, tortura e desrespeito aos direitos humanos, tornando-se indispensável o empenho das demais instituições coletivas e dos cidadãos em particular para afastar a estrutura prisional do caos de modo a proporcionar o cumprimento dos direitos fundamentais do detento. O delinquente, se recuperado pode trazer benefícios para si mesmo, à família e à sociedade. A escala social da criminalidade desceu aos níveis mais degradantes. Pouco ou nenhum avanço se detecta no que diz respeito à situação prisional, pois, ao invés de baixar, o número de detentos, aumenta; as vagas diminuem e as condições de ressocialização não são favoráveis. Segundo levantamento do Departamento Penitenciário Nacional, o número de presos em 2018 (julho a dezembro) era de 744.216, destes 289.383, eram provisórios, já o número de vagas existentes somava um total de apenas 454.883.⁵⁶ Em 2019, no mesmo período, o número de presos atingiu a cifra de 755.274, sendo 229.823 provisórios, e as vagas 442,349.⁵⁷

Ao analisar os números citados observa-se que apesar de a Lei de Execução Penal ser benéfica tem muitos de seus artigos descumpridos. A quantidade de presos que permanecem detidos por longo tempo sem serem condenados ultrapassa mais da metade das vagas que estão faltando, contribuindo para uma superlotação nos presídios. A prisão cautelar é uma regra e não uma exceção. O desprovimento de vagas é de 312.925, acarretando sérios prejuízos no processo de ressocialização. A Lei de Execuções Penais tem dois principais objetivos: o primeiro é punir, executando a sanção criminal para que o indivíduo entenda e reflita sobre o mal causado e as consequências dos seus atos criminosos à sociedade; depois, visa a ressocialização para o retorno ao convívio harmonioso familiar, ao emprego, à educação e a outros direitos inerentes ao cidadão. A religião, direito constitucional do preso se coloca como aliada no propósito de reintegrar o transgressor ao proporcionar-lhe o desenvolvimento de valores éticos, espirituais e sociais.

⁵⁶ DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Levantamento Nacional de Informações penitenciárias. Tabela 7 - Presos em unidades Prisionais no Brasil. jul. - dez./ 2018. [online].

⁵⁷ DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Levantamento Nacional de Informações penitenciárias. Tabela 7 - Presos em unidades Prisionais no Brasil. jul. - dez./ 2019. [online].

Grande parte da sociedade não foi educada para entender a realidade do criminoso e chegam a pensar que quando se tranca a porta da cela com o infrator dentro, o problema foi resolvido. O tempo passará e o indivíduo voltará a conviver na comunidade: se, reeducado à coletividade se beneficiará, se abandonado na prisão, possível nefasto criminoso se aperfeiçoará, como reverbera Foucault: “A prisão, conseqüentemente, em vez de devolver à liberdade indivíduos corrigidos espalha na população, delinquentes perigosos”⁵⁸.

O detento chega ao presídio e passa pela triagem para em seguida ser conduzido à cela, onde começa a pagar a pena privativa de liberdade. Ali é local de sofrimento, mas, se atendido nas normas legais, principalmente pelo agente prisional, essa dor é amenizada. Segundo Maria Miranda, o serviço do agente tem finalidade reintegradora, “O trabalho do agente é ou deveria ser o de preparar o apenado para seu retorno à sociedade, ou seja, ele tem a figura do ressocializador”⁵⁹. Entretanto, quando não visto pelo funcionário por esse viés, o preso piora o processo de reintegração e, se for maltratado mediante a disseminação do ódio, por alguém despreparado, o trabalho caminhará na contramão e demonstrará involução, assemelhando-se a realidade dos dias de Beccaria do século XVII que dizia:

É porque no sistema penal de hoje, segundo a opinião dos homens, prevalece à ideia da força e da prepotência sobre a da Justiça; porque se atiram, indistintamente, no mesmo cárcere, não só os acusados como os condenados, porque a prisão é mais lugar de suplício do que de Custódia do réu e, porque a força interna, tutora das leis, é separada da força externa, defensora do trono e da Nação, quando deveriam estar Unidas.⁶⁰

A Instituição prisional foi desenvolvida para ressocialização do apenado, finalidade que os complexos brasileiros, segundo o CNJ notícias, não conseguiram alcançar: “Pesquisa inédita realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica aplicada (IPEA) a pedido do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) revela que a cada quatro ex-condenados, um, volta a ser condenado por algum crime no prazo de cinco anos”⁶¹. A reabilitação nessa nação difere da dos sistemas mais modernos de outros países onde o apenado estuda e trabalha; no Brasil, quando isso acontece são poucas as vagas de emprego e para o encarcerado que não aceita a proposta, não há nenhuma repreenda. O instrumento carcerário é um dos mais necessários recursos da sociedade e, ao mesmo tempo, um dos mais negligenciados pelas políticas públicas.

⁵⁸ FOUCALT, 2004, p. 221.

⁵⁹ MIRANDA, Maria M. *Diário de um Presídio*. Vila Velha: Above Publicações, 2011. p. 88.

⁶⁰ BECCARIA, 1999, p. 99.

⁶¹ CNJ NOTÍCIAS. *Um em cada quatro condenados rescinde no crime aponta pesquisa*. [online].

Em meio a todos os obstáculos surge a religião como proposta aliada à justiça, oferecendo suportes espirituais para o preso, prática aplicada em vários presídios. O amparo religioso, destarte não tenha espaço prioritário nem seja a base central da vida do apenado, é uma realidade estampada na sociedade. O valor educacional que as pessoas detidas recebem dos trabalhos dos agentes religiosos para muitos é de fundamental importância, pensamento corroborado pelo doutrinador Paulo Nogueira quando diz “[...] concluiu-se que a religião tem, comprovadamente, influência altamente benéfica no comportamento do homem encarcerado e é a única variável que contém, em potencial, a faculdade de transformar o homem encarcerado ou livre”⁶².

Há catedráticos que analisam o artigo 5.º e inciso VII da Constituição Federal e julgam que existe uma discrepância com a laicidade do Estado em função da oferta de assistência religiosa como fator essencial. Alexandre Moraes afirma que a nação brasileira ainda que imparcial e laica no que diz respeito à religião, não é atea e o direito nela inserido é subjetivo, não constituindo um dever, mas valorizando a escolha daqueles que optam por não pertencer a nenhum credo.⁶³

Desse modo é percebido que a assistência religiosa promove melhorias ao recluso que passa a conviver pacificamente com os demais; proporciona bom comportamento; facilita remição de pena por meio do acesso descomplicado ao trabalho; fomenta no recluso, necessidade de projeto de vida familiar; mas, em contrapartida, pode haver interesses inverossímeis por trás de tudo isso, tanto por parte do reeducando como dos agentes religiosos.

1.3 A realidade prisional brasileira

Nas próximas linhas o enfoque se dará apresentando um vislumbre da realidade prisional brasileira na conjuntura atual, a busca foi realizada pelos diversos meios de circulação investigativa, tais como, pesquisa informativa de institutos, de teses e de revistas qualificadas, para identificar os principais dilemas enfrentados tanto pela população civil quanto pela prisional, frente à desestruturação carcerária em reabilitar o preso, pois, de um lado vê-se o combate aguçado à violência, e de outro, a confrontação às trágicas e desumanas penitenciárias. São muitos os elementos retratadores do abandono acentuado dos diversos entes sociais, indiferentes ao problema carcerário nesta vasta nação.

⁶² NOGUEIRA, Paulo Lúcio. *Juizados Especiais Cíveis e Criminais*. São Paulo: Saraiva, 1987. p. 224.

⁶³ MORAES, Alexandre de. *Direito Constitucional*. 34 ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 57.

O estigma do cárcere é um mal arraigado no seio da sociedade que manifesta a decadência de caráter provindo da ausência de educação consistente que possibilite ver o seu semelhante em condições de regeneração. É corrente a ideia de que a justiça é impune e age às avessas prendendo quem deveria estar solto e soltando a quem tem de estar detido. Demandam que o trabalhador livre ganha um desprezível salário, enquanto o delinquente tem auxílio-reclusão elevado. A maioria da população não percebe que, quem recebe este benefício não é o preso, mas sua família e, só o adquire porque o detido contribuíra com a previdência, como afirma Renata Rodrigues: “O benefício previdenciário Auxílio-reclusão, possui cunho assistencial, prestado tão somente à família do preso, desde que atendidos os requisitos necessários, oriundo do labor antecedente a prisão”⁶⁴.

O espaço prisional não consegue dialogar com os outros ambientes da jurisprudência e, embora a Lei de Execução Penal - LEP contemple o preso em sua totalidade, não há o cumprimento dessa norma, o que instiga a pensar na hipótese da eclosão de algo melhor que o direito penal, o perdão à vítima que demanda de uma justiça restaurativa. Os que atuam na segurança pública vivem em constante enfrentamento que poderia ser amenizado mediante recursos estruturais e tecnológicos. Segundo a Folha Política Jusbrasil, a cada 32 horas, um policial morre em confronto com criminosos no país.⁶⁵

Os agentes penitenciários também vivem em frequente tensão devido às ameaças, perseguições e revoltas nos estabelecimentos carcerários. Rebeliões com elevada mortandade são ininterruptas: no mês de outubro de 1992, na Penitenciária de Carandiru foram mortos 111 presos; em 2002, no presídio Urso Branco, Porto Velho em Rondônia, 27; em 2010, no complexo de Pedrinhas, São Luís, 18; na Casa de Custódia de Benfica no Rio de Janeiro, atingida por bandidos em 2004, 30, um pastor evangélico encaminhou a negociação que deu fim a revolta; nos centros de reclusão Anísio Jobim e Puraquequara, Manaus, em 2017, 56; na luta entre facções da cadeia do Monte Cristo, Roraima, em 2017, 33, alguns tiveram os olhos e o coração extirpados; em Natal, Rio Grande do Norte, no cárcere de Alcaçuz em 2016, 26; em 2019, no complexo Anísio Jobim em Manaus durante um dia de visita familiar, 55; em 29 de julho de 2019, em Altamira no Pará, 52, destes, 16 foram decapitados.⁶⁶

Um preso custa em média de R\$ 3.000,00 para o Estado brasileiro que gasta com estabelecimento, remuneração de funcionários e manutenção. O país tem a terceira maior

⁶⁴ MARMOL, Renata Rodrigues. *Auxílio reclusão, entenda antes de atirar a primeira pedra: reflexões sobre a fundamentalidade do direito (ao auxílio)*. Belo Horizonte: dialética, 2020. p. 7. E-book.

⁶⁵ FOLHA POLÍTICA. *Brasil tem um policial morto a cada 32 horas aponta levantamento*. [online].

⁶⁶ O GLOBO. *Os maiores massacres em presídios do Brasil*. [online].

população carcerária do mundo,⁶⁷ perdendo apenas para os Estados Unidos e a China. A maior reclamação no que diz respeito ao universo prisional pelo encarcerado, agente público, família e sociedade, é a superlotação. O jornal O Globo afirma,

Nacionalmente, a superlotação do sistema atinge 69.3% em 2019, mas há Estados em que o número de presos é maior que o dobro do número de vagas disponibilizadas pelo Estado, como no Amapá, Amazonas, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Roraima e Pernambuco.⁶⁸

Os problemas que envolvem a questão prisional são inestimáveis e tornam de primeira vista, a discussão sobre ressocialização um assunto irrelevante, visto que a perpetuação do desinteresse do Estado para com esta gente confinada, espelha aos profissionais da área, descrédito na possibilidade de recuperação do delinquente.⁶⁹ No pensamento de Alessandro Baratta, o cárcere, na forma em que se apresenta não reeduca, embora não seja um projeto para se rejeitar, pois, há suportes para se construir a estrutura transformadora, bastando apenas à cooperação entre as partes: primeiro, o vocábulo ressocialização que se configura uma atitude de enfrentamento das entidades por melhorias e que denota, em síncrono, passividade e oposição por parte do recluso, deve ser substituído por reintegração; depois, o aparelho público precisa viabilizar meios, para que essa reabilitação, que implica trabalho dos interessados em conjunto, se torne realidade.⁷⁰

Desde que o Brasil fixou a lei antidrogas em 2006, que apresenta a distinção entre traficante e usuário⁷¹, o número de presos por tráfico de entorpecente subiu inusitadamente o que indica que esse crime não dá trégua, está aumentando e conseqüentemente, os dependentes químicos também.

A vida nas celas carcerárias do país, segundo Arnaldo Palma, é caracterizada pela superlotação, falta de higiene, abusos sexuais degradantes, e proliferação de doenças como a SIDA, a tuberculose, o sarampo que prejudica a saúde dos presos e dos agentes penitenciários. São por essa ausência de respeito à dignidade humana que ocorrem no interior do complexo penitenciário, mortes, torturas e rebeliões.⁷²

⁶⁷ REVISTA CONSULTOR JURÍDICO. *Maior população carcerária do mundo – 726 mil presos*. [online].

⁶⁸ SANTOS, Thandara; MARQUES, David. Prisões superlotadas não inibirão o crime e a violência. *GI*, São Paulo, 26 abr. 2019. [online].

⁶⁹ SALLA, F.; LOURENÇO, L. C. *Aprisionamento e prisões*. São Paulo: Contexto, 2014.

⁷⁰ BARATTA, Alessandro. *Ressocialização ou controle social: uma abordagem crítica da reintegração social do sentenciado*. Alemanha: Universidade de Saarland, 2007. p. 3.

⁷¹ BRASIL. [Lei antidrogas (2006)]. *Lei Antidrogas*. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012. p. 41.

⁷² PALMA, A. Castro; ROGÉRIO, Ivonte; NEVES, Lair Celeste Dias. *A Questão Penitenciária e a Letra Morta de Lei*. Curitiba: JM, 1997, p. 35.

A falta de oportunidade, desde a infância até a maturidade no Brasil, é uma das causas de pessoas na marginalidade, pois, ao receber uma herança cultural desprovida de acesso à educação e ao emprego digno, não conseguem administrar a situação, declinando para o mundo do crime. Esse prejuízo atinge a todos, não só pela insegurança do cidadão frente à delinquência, mas por ser a sociedade um corpo que sofre quando uma das partes adoece. Daí, quando um preso morre na penitenciária, seus parentes e até desconhecidos ficam indignados. Logo, promover um corpo social íntegro é uma necessidade coletiva que depreende empenho de todos e não somente da Segurança Pública que, sozinha, demonstra ter fracassado nos resultados como registra o G1 notícias, 70% dos penitentes reincidem na delinquência.⁷³

A reeducação do preso também germina através do trabalho que estorva o crime organizado, enfraquece as atividades dos traficantes e dificulta o aliciamento de outros propícios ao tráfico. Quando o preso é separado com critério, recebe cursos profissionalizantes e atividades laborais, mesmo que seja em obras públicas dentro ou fora do presídio, além de ter sua pena diminuída, passa a ver a vida com outros olhos. Executar tarefa não inocenta o transgressor que lesionou o próximo e a sociedade e deve ressarcir de alguma maneira o prejuízo sem paternalismo, pelo contrário, o educa e o responsabiliza. Rogério Greco instrui que:

O trabalho do preso, sem dúvida alguma, é uma das formas mais visíveis de levar a efeito a ressocialização. Mais do que um direito, a Lei de Execução Penal 574 DAS PENAS, CAPÍTULO 36 afirma que o condenado à pena privativa de liberdade está obrigado ao trabalho interno na medida de suas aptidões e capacidade (art.31).⁷⁴

Quanto ao trabalho dos agentes religiosos na prisão, no Brasil é habitual e garantido por lei. Ao longo da história da nação, criaram-se sete constituições, sendo a primeira de 1824. Essa legislação já assegurava a liberdade de culto e a proibição à perseguição religiosa, embora permitisse os ajuntamentos para as religiões, exceto a oficial, somente nos próprios espaços privados. A Constituição de 1891 estabeleceu a laicidade do Estado, benefício mantido nas demais constituições. Um marco para o direito brasileiro no que diz respeito à liberdade religiosa foi a declaração dos direitos humanos, da ONU, assinada em 1948, que assegurava no Artigo XVIII, a permissão ao culto.

Há autoridades do direito que elogiam o trabalho reintegrador dos visitantes religiosos nas casas de detenção em favor do delinquente. Rogério Greco ressalta:

⁷³ G1. Cerca de 70% dos presos postos em liberdade volta cometer crimes. *G1*, Piauí, 17 mai. 2013. [online].

⁷⁴ GRECO, 2015, p. 574, 575.

Contudo, vale destacar a necessidade de assistência religiosa no cárcere. Quem tem um pouco de experiência na área penal e conhece de perto o sistema carcerário sabe da importância e da diferença entre um preso convertido, ou seja, que teve um encontro com Deus, daquele outro que ainda não teve essa experiência pessoal e continua com os mesmos pensamentos que o levaram a praticar delitos.⁷⁵

De maneira que, a situação de lamúria causada pelo isolamento, as celas deploráveis e a humilhação que a própria conjuntura inflige servem como alavanca para os próprios apenados buscarem nos agentes religiosos, apoio espiritual e doações de recursos de necessidades materiais básicas. É comum perceber no detento e em outras pessoas a noção de presídio como espaço de aprendizagem nociva, escola de crime, que ao invés de regenerar e ressocializar, degenera e desintegra. O religioso imagina haver no preso, necessidade espiritual e acredita na transformação de seu comportamento.

No Brasil, assassinatos ocorrem com repetição frenética, atingiram o patamar de 65.602 homicídios em 2017, o que corresponde a 31,6 eliminações por 100 mil habitantes.⁷⁶ Ponderando, que, por um lado o país desconheça teoricamente a existência de agitações internacionais ou mesmo de ordem civil nacional, e que, por outro, vê os avolumados conflitos internos da sociedade, consequência do tráfico narcótico, do roubo e da violência em âmbitos gerais, depreende-se que a nação se expande sob uma estrutura axiológica corrompida. Frente a essa realidade o Estado brasileiro enfrenta um elevado encarceramento, mas de pouca relevância, haja vista, apresentar pouca redução no índice de violência. Por exemplo: segundo o G1 em 2018, houve 51.558 assassinados, em 2019, 41.730, e em 2020, 43.892.⁷⁷ Logo, há muito ainda que se fazer em prol de melhorias nesse sistema.

O aparelho estatal penal ao desenvolver o seu ofício detecta a própria inaptidão de resolutividade, o enfrentamento da delinquência via coerção espelha o autoritarismo modulado pelas elites em diversos períodos da história. Sucede que, hoje, determinada maneira de agir provoca respostas violentas a repressão estatal. Todavia, fomentado, principalmente pela mídia, a ideologia da prisão como segurança para a sociedade é impetrada à população, que ao saber do encerramento do réu na cela, acredita ter resolvido o problema da criminalidade, quando, na verdade, a solução tem se mostrado longe desse alcance.

Outra angústia que atormenta o universo prisional em todas as unidades federativas brasileiras, trata-se da superlotação que extrapola excessivamente, inviabilizando as políticas

⁷⁵ GRECO, 2015, p. 571.

⁷⁶ INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Orgs.). *Atlas da violência 2019*. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA; FBSP, 2019. [online].

⁷⁷ G1. Brasil tem aumento de 5% nos assassinatos em 2020, ano marcado pela pandemia do novo coronavírus; alta é puxada pela região Nordeste. *G1*, São Paulo, 12 fev. 2021, [online].

reabilitadoras, prejudicando o próprio projeto estatal, massificado pelo aglomerado de presos⁷⁸, aliás, nessa proposta, parece não haver preocupação de gerenciamento dos cárceres, a ótica mantém-se voltada para a ordem e disciplina, impostora de intimidação. Não raro, as direções se apresentam como ditadores, com um desempenho egoísta, gerando conflitos e crimes intramuros e impossibilitando a convivência normal dos detentos e funcionários. Dessa forma, as casas de detenções brasileiras com seu modelo retrógrado, propicia um constante desprezo social à massa carcerária, provindo da população extramuros.

A partir de 1972, no Brasil surgiu o método “apaqueano” por voluntários cristãos, sob a direção do advogado Dr. Mário Ottoboni, visando humanizar as prisões por meio da assistência espiritual e apoio a reintegração do preso, sem inocentá-lo de sua pena. Com essa proposta de valorização humana tinha o intuito de oferecer aos apenados recuperações, segurança a sociedade e promoção à justiça. Iniciou-se em São José dos campos e acabou se estendendo para outras cidades do Brasil, transpassando hoje as divisas nacionais e alcançando vários países. A Apac “É uma entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, com patrimônio e personalidade jurídica próprios e tempo de duração indeterminado.”⁷⁹ No início tinha conotação puramente religiosa: “Amando o Próximo, Amarás a Cristo”⁸⁰, posteriormente tornou-se a instituição que é atualmente.

Com o intuito de abolir a prisão, esse método vem ganhando espaço, pois sugere uma forma de autogestão que defende a abolição da prisão, sugerindo novas formas de gerência em relação à criminalidade. Esse pensamento também é aventado por teóricos como Bitencourt:

A abolição da prisão supõe o desenvolvimento de formas alternativas de autogestão da sociedade no campo de controle da delinquência. Tais formas autogestionárias de controle da delinquência exigiriam a colaboração das entidades locais e das associações obreiras, afim de evitar o isolamento social que sofre o infrator quando é recolhido a uma instituição penitenciária.⁸¹

O abolicionismo é projeto contrário ao aparelho penal, concebido como sistema de regras legalizadoras das práticas repressivas, convencionadas, não apenas pelo Brasil, mas pela maioria das nações. Fica difícil acreditar no banimento das prisões em curto prazo, pois, como meio controlador, é indispensável à sociedade; ademais, os agentes e as associações comuns não estariam dispostos a assumir o controle da delinquência.

⁷⁸ WACQUANT, Loïc. *As prisões da miséria*. Trad. André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 11.

⁷⁹ FERREIRA, Valdeci; OTTOBONI, Mario. *Método APAC: sistematização de processos*. Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, 2016. p. 20.

⁸⁰ FERREIRA; OTTOBONI, 2016, p. 69.

⁸¹ BITTENCOURT, Cezar Roberto. *Tratado de Direito Penal: Parte Geral I*. 17. Ed. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 593.

A Apac está em expansão no Brasil, embora, nem sempre bem acatada por algumas esferas da sociedade, que veem tal método como meio de acobertar criminosos, talvez por desconhecerem a realidade do sistema ou como uma forma de passividade, afastando de si, um problema social que direta ou indiretamente atinge a todos. Essa técnica cresce expressivamente no Brasil, conforme a Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados, há 141 Apacs vinculadas a tal entidade, 80 em processo de estabelecimento e 61 funcionando plenamente. Destaca-se, entre os Estados brasileiros que aplicam essa instrumentalidade, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do norte, Rondônia e Rio grande do Sul; Minas Gerais sobressai, com 46 estabelecimentos entre os 61 organizados. O relatório informa ainda que a média de reincidência internacional é de 70%, a nacional 80% e nas Apacs 15%.⁸²

Em relevância ao exposto nesse capítulo, depreende-se que as punições acompanham o ser humano desde o seu nascedouro, e que as primeiras prisões ou cativeiros tinham como finalidade o encerramento de escravos conquistados. Nesses tempos, os crimes eram o endividamento, anarquia desobediência aos patrões ou governos, por não haver códigos organizados, normalmente tais prisioneiros eram flagelados e executados. A finalidade dos cárceres era de anular as contrariedades e não a de reintegrar ou recuperar o faltoso.

Muitas formas de punição ocorreram, não somente nos diferentes tempos da história, mas também nos diversos lugares e culturas. Foram utilizadas masmorras, castelos, calabouços, ou mesmo, qualquer espaço abandonado onde alguém pudesse ficar recluso. Com a instituição do Estado, as demandas saem da dimensão particular para serem resolvidas pelo órgão representante da sociedade. Todavia, tornando-se prerrogativas desse, a vulnerabilidade do ser humano pôde caracterizar algumas comunidades, a depender dos chefes de nações, primando ou não pela justiça, e das legislações com suas aplicabilidades visando à dignidade humana.

Destarte, o sistema prisional brasileiro apresenta poucos avanços desde seu surgimento e continua em crise, sobretudo pela problemática da superlotação, detecta-se ainda a ineficiência em conquistar resultados pertinentes ressocializadores. A indiferença política estatal para com a questão carcerária e o desinteresse das autoridades legais pelos esforços de entidades solidárias e religiosas agentes em prol da recuperação delinquente é acentuada por inconvenientes, tais como: ambiente inadequado; atendimento medicinal inadequado; direito do encarcerado tolhido; incapacidade de bloquear a ação do crime organizado que orchestra ataques e atentados extramuros; corrupção, tortura, omissão, negligência e outras ilicitudes como o acesso de produtos ilegais, no interior da casa de detenção. Esses fatores revelam a

⁸² FBAC. *Relatório sobre APACs*. 02 jul. 2021. [online].

existência de uma expressão grave por políticas melhores, não somente para o detento, também para os que trabalham nessas enclausuras brasileiras.



2 A FÉ CRISTÃ COMO FUNÇÃO DE DESTAQUE À RESSOCIALIZAÇÃO DE DETENTOS

Neste capítulo o assunto busca conceituar fé nos seus mais diversos sentidos, evidenciando que seu campo, além de amplo, como fenômeno geral utilizado nos mais distintos espaços, como no mundo jurídico, é conteúdo substancial de inúmeras religiões paralelas ao cristianismo, e neste, manifesta seus múltiplos significados. Esta pequena palavra aquiesceu muitas discussões filosóficas no decorrer do tempo. Todavia para evitar prolixidade pela vastidão desse universo, este capítulo disserta perpassando pela perspectiva de vários teóricos, mas aporta sua teoria nas concepções de Fé de Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, Soren Kierkegaard e Manuel Garcia de Morente. Este afirma que a prática da fé é mesclada de constituintes psíquicos, lógicos, e de elementos reais, interessando ao campo da lógica, da psicologia e da ontologia e, por serem intensamente reservados aos objetos do ato de fé, vinculam a um fenômeno divino ou sobrenatural, pertencendo assim a um quarto campo, o da teologia.⁸³ Manuel Morente leciona ainda que:

O ato de fé é um ato adequado ao conhecimento da realidade sobrenatural, como a intuição intelectual é o método adequado ao conhecimento da realidade ideal; a experimentação, o adequado ao conhecimento da realidade física; a teologia, o adequado à realidade vivente, e a biografia o adequado à realidade histórica. Assim o ato de fé, pode integrar-se, como peça de função e sentidos próprios na nova lógica do conhecimento, que o pensamento atual há de construir necessariamente sobre a nova ontologia realista, que substitui ao postulado, já obsoleto, do idealismo filosófico.⁸⁴

Enquanto Agostinho e Tomás de Aquino dedicaram-se em questionar a dicotomia fé/razão o que se verá mais a frente, para Kierkegaard, a fé é o ponto mais elevado atingido pelo ser humano na concretização de sua subjetividade, por meio dela cruza o abissal espaço entre o efêmero e o eterno. Ele se opõe à concepção filosófica religiosa Hegeliana atenuadora do cristianismo a uma esfera controlada pela lógica, contraria a combinação entre filosofia e religião como construto especulador que fundamenta e elucida a fé.⁸⁵ Na obra, *Temor e Tremor*, pondera a estrutura da fé cristã, baseado no relato bíblico de Gênesis 22, sobre a prova de Abraão, afirmando ser a fé cristã precedida pela resignação e aderente ao absurdo, ao paradoxal: “A fé não constitui, portanto, um impulso de ordem estética: é de outra ordem muito mais

⁸³ MORENTE, Manuel Garcia (1886-1942). *Fundamentos de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou (s.d.), p. 154.

⁸⁴ MORENTE, [s.d.], 165.

⁸⁵ GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução a Kierkegaard*. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 147.

elevada, justamente porque pressupõe a resignação. Não é o instinto imediato do coração, mas o paradoxo da vida”⁸⁶.

A fé como recurso para a reintegração dos custodiados nos presídios brasileiros, tem sido recepcionada e praticada por diferentes frentes de evangelização, contribuindo para transformação do encarcerado e servindo-lhe de lenitivo na solidão. Por outro lado, parcela da sociedade desacredita na possibilidade desse grupo redimir-se, pois, bastasse à multiplicidade das teorias sobre a fé, sua manifestação prática é pessoal, o que acalora ainda mais a discussão, sobre ser a sua função ressocializadora ou utópica no mundo prisional.

2.1 Conceitos de Fé ao longo da história

A palavra fé do vocábulo Grego, *pistis*, acreditar, e do Latim, *fides*, fidelidade, é a convicção incondicional devotada a um objeto, independente de provas verificáveis pela absoluta entrega que se faz a algo ou alguém. Entre algumas definições apresentadas pelo dicionário Michaelis para fé, destaca-se: “Convicção da existência de algum fato ou da veracidade de alguma asserção; credulidade, crença. Conjunto de ideias e crenças de determinada religião ou doutrina. [...] fidelidade a compromissos e promessas; [...]”⁸⁷. Na fé é assente a opinião de que algo é, sem necessidade de alguma prova ou critério observável, pela disposição de confiar no princípio ou fonte objetiva de verificação.

Esse vocábulo pode denotar diferentes significados que se distanciam parcialmente do sentido original conforme o contexto empregado. Por exemplo, a expressão dar fé, traz a implicação de garantia, segurança ou transmissão de confiança, sendo usada para testificar e assegurar veracidade. Já no contexto religioso, universo onde é aqui trabalhada, pode ser traduzida como visão de determinada religião em detrimento de outra. Nesse entendimento, distinguem-se inúmeras manifestações de fé, tal como: a islâmica, a budista, a indiana e a cristã.

Através da fé confia-se nos pais, no cônjuge, na promessa de um amigo, no professor, nos líderes religiosos, em Deus. Pode-se classificar várias categorias de fé: fé natural - denota opinião, convicção imediata, certeza baseada em testemunho; histórica - confiança no professor, nos livros, na Bíblia; miraculosa - crença no Sobrenatural milagroso; temporal -

⁸⁶ KIERKEGAARD, Soren Aabye. Diário de um sedutor; Temor e Tremor; O desespero Humano. 2. ed. São Paulo: abril Cultural, 1984. p. 136.

⁸⁷ VOCABULÁRIO. In: DICIONÁRIO Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021. [online].

certeza da existência divina sem subordinação a doutrinas e dogmas; salvadora - segurança de salvação e descanso após a morte.

Na visão teológica Judaica a fé em Deus é demasiado meritória, mas não imperativa; mais do que acreditar em Deus, atitude indispensável, necessário se faz viver de maneira decente. Atestar a existência de Deus com provas contundentes através de uma vida prática vai além da mera fé. Já, o Hinduísmo que apresenta várias formas de fé, sustenta a ótica de que todas as expressões de crenças culminarão, na verdade única, hoje, de difícil descrição para as religiões. Acreditam na reencarnação contínua da alma após a morte. A expressão de suas devoções vem sendo mantida pela tradição oral: “Ao contrário do Judaísmo, do cristianismo e do islamismo, que se baseiam, sobretudo nos textos sagrados, as crenças hindus vêm sendo preservadas em grande parte pela tradição oral”⁸⁸.

No campo religioso budista, fé é uma espécie de versatilidade psíquica e confiança na própria habilidade de percepção, uma valorização do que é positivo, a criação de hábitos cognitivos menos severos e mais otimistas. O vocábulo fé é desconhecido em idiomas orientais e a experiência de crença altera com intensidade devido à ausência de tradução precisa da expressão. A ideia de um ser supremo não é recepcionada pelo budismo que motiva uma avaliação racional elevada de sua doutrina. Para o próprio Buda, não adianta alguém aceitar o que um líder diz, apenas porque é autoridade, conforme expõe o pensador Peter Harvey, “O Buda enfatizou que a pessoa não deveria confundir crença com conhecimento e sublinhou a importância da autoconfiança e de submeter todos os ensinamentos à experiência prática, inclusive os dele [...]”⁸⁹.

A visão de fé islâmica está tecida com a conduta, indo além da aceitação meramente racional, também não se resume a obediência teórica ou verbal da verdade, tampouco se limita ao cumprimento de cerimônias externas. Xeiq Al-khazraji reitera que no islã “[...] a fé é a própria fonte e essência da vida. A fé é a conduta e a conduta é a fé. Deus não aceita a fé que não se expressa em ações e não aceita as ações que não sejam consoantes com a fé [...]. A medida de nossa fé é a medida de nossa obediência”⁹⁰. Assim, crer é praticar os mandamentos de Deus e rejeitar o que desagrade a Deus. Somente haverá fé verdadeira se houver conhecimento do objeto, pois, quem não conhece não confia, engana-se.

⁸⁸ SCHAEFER, Richard T. *Sociologia*. 6. ed. São Paulo: AMGH, 2006. p. 334.

⁸⁹ HARVEY, Peter. *A tradição do budismo: história, filosofia, literatura, ensinamentos e práticas*. São Paulo: Cultrix, 2019. p. 50.

⁹⁰ AL-KHAZRAJI, Xeiq Taleb Hussein. *Islamismo*. São Paulo: Belaetra, 2015. p. 6.

Segundo o cristianismo, todo o sistema de ensino contido na Bíblia compõe universo da fé, incluindo os textos hebraicos do antigo testamento. No espaço protestante os próprios textos bíblicos são utilizados para conceituar a fé: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem.” (Hb 11.1). Surge quando se ouve os ensinamentos da Bíblia: “De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus.” (Rm 10.17). A salvação é mediada pela fé: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.” (Ef 2.8,9). Embora, a mesma sem obras não tenha validade: “Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.” (Tg 2.17).

Já, no universo católico, o Compêndio da doutrina social da Igreja atesta ser a fé um fruto divino pelo qual adquirimos certeza, a revelação da existência de Deus e de tudo o que a Igreja propõe que se acredite: “A salvação que Deus oferece aos seus filhos requer a sua livre resposta e adesão. Nisso consiste a fé, pela qual o ser humano entrega-se total e livremente a Deus, respondendo ao amor proveniente e sobreabundante de Deus”⁹¹. Essa fé que opera pela caridade se fundamenta na Bíblia, interpretada pela Igreja, e as tradições são, com os textos bíblicos, fonte de revelação divina.

No âmbito da filosofia, a ruptura com a fé se deu muito rápido, pois, ao nascer no século VI a.C., a busca pelo conhecimento filosófico, vem impregnada da ideia de combater os mitos e as crenças produtoras de insegurança e medo, frente aos fenômenos da natureza, até então, incompreensíveis, por isso mesmo, misteriosos. Filósofos como Pitágoras, Anaximandro, Heráclito e Demócrito se opunham à religião. Com os questionamentos filosóficos inevitáveis ao cristianismo em expansão, a partir do século I, surgiu a patrística introduzindo o embate que se arrastaria por séculos: o antagonismo entre razão e fé.

A título de informação, discute-se a inexistência de uma definição clara de filosofia cristã, pois, o confronto entre o imaginário cristão e a teoria anterior arrastou por séculos um debate acirrado, principalmente na dicotomia fé e razão, também, por ser questionada a construção de um pensamento especulativo apenas por cristãos. Todavia, entre tantos teóricos, Abraão Avelino e Marilena Chaui defendem uma filosofia cristã a partir da patrística. Chaui leciona:

A patrística foi obrigada a introduzir ideias desconhecidas para os filósofos greco-romanos: a ideia de criação do mundo, de pecado original, de Deus como trindade una, de encarnação e morte de Deus, de juízo final ou de fim dos tempos e ressurreição

⁹¹ CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA E PAZ” *Compêndio da doutrina social da Igreja*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 44.

dos mortos, etc. Precisou também explicar como o mal pode existir no mundo, já que tudo foi criado por Deus, que é pura perfeição e bondade.⁹²

Assim, a filosofia cristã despontou-se a partir da expansão do cristianismo com os apóstolos, e pais da Igreja como Justino, Orígenes, Eusébio, Atenágoras, Clemente, mas segundo Abraão Avelino, “[...] é sob a égide intelectual de Clemente de Alexandria (morto antes de 215 d.C.) que no final do século II e início do século III, nasce a filosofia cristã,[...]”. Depois, entre outros, com Santo Agostinho, Bispo de Hipona, do século III, que ao elaborar sua filosofia, enfatizou a união entre fé e razão, esta corrente alargou-se. Para ele, exercer a fé consiste em pensar com assentimento, alavancando a inteligência através da vontade e das emoções, estas, não com significado sentimentalista de chorar, arrepiar, mas como uma experiência pessoal subjetiva, distinta da análise da razão. Defendia que razão e fé estão interligadas de forma circular e dependem uma da outra.⁹³

O pensar com assentimento de Agostinho implica em crer com as faculdades da razão, pois, quando se crê não se crê simplesmente com a boca, com o estômago, ou com o intestino, algo foi apresentado com visão de mundo que aguça o pensamento, propondo a adesão e o aceite da propositura como verdadeira. No próprio ato de fé está implícita a razão, por isso Santo Agostinho diz: “[...] é necessário crer para conhecer e conhecer para crer [...]”⁹⁴. A pedra, a planta, o cachorro não tem como realizar um ato de fé, porque mesmo que se afirme que esta é um dom de Deus, esses, não são seres racionais, o ser humano, pelo contrário, ouve, pensa, analisa com a razão: “Só a alma racional pode alcançar a posse de verdades eternas [...]. A fé que se refere Santo Agostinho nada tem de irracional ou de absurdo”⁹⁵. As verdades da fé vão além da razão. A fé é um círculo virtuoso, eu creio para compreender e compreendo para amar, primeiro crê-se na verdade revelada, depois se compreende pelo uso da razão, pois, mesmo crendo não se entende completamente; a fé precede a razão. Por um lado, tem-se uma razão que compreende, mas primeiro acontece o ato de fé que só é possível por quem é racional. Há uma razão não explicativa que possibilita o próprio ato da fé gerada no pensamento e na adesão.

O doutor de Hipona ao tratar do cristianismo alinha-o de filosofia e teologia, e atesta, depois de sua conversão, a inexistência de verdadeira filosofia fora da cristã. A tese agostiniana demonstra que o cristianismo está envolto pela fé, e que a religião é a resposta ao coração; declara não haver antagonismo entre razão e fé, ninguém precisa renunciar à primeira nem fechar os

⁹² CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000. p. 53.

⁹³ PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *As revoluções utópicas dos anos 60: a revolução estudantil e a revolução estudantil e a revolução utópica da Igreja*. 3 ed. São Paulo: 34, 2006. p. 29.

⁹⁴ AGOSTINHO, Santo. *Confissões De Magistro*. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 18.

⁹⁵ MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2004. p. 61.

olhos para a segunda. O ser humano crê porque tem uma alma racional e Deus não despreza aquilo que deu ao homem, distinguindo-o dos animais. A fé tem função de purificar, orientar e produzir esperança à razão: ao enxergar sua finitude, insuficiência e necessidade, a razão se humilha e a fé a purifica; diante do incompreensível orienta-se a aguardar até que com o tempo aflore o entendimento; ao esperar usufrui de outro benefício, a esperança.

Ainda na Idade Média destacou-se como apologista da fé, Santo Tomás de Aquino, estudioso de Aristóteles. Seu pensamento oposto à Patrística é edificado em fundamentos empíricos e racionais, divorciou teologia de filosofia, e sujeitando a segunda à primeira, reservou para a razão o papel de organizar e clarificar os segredos desvendados pela fé. Razão e fé no pensamento tomista, apesar de serem distintas, são harmonizadas. Há algumas verdades da deidade, que superam completamente as faculdades da capacidade humana, e outras, sob o limite de alcance da razão: a compreensão da existência de Deus e de sua trindade exige dimensões de raciocínio diferentes.⁹⁶

O emprego da razão em prol da fé cristã no pensamento de Aquino é encontrado em sua filosofia, nas cinco vias que levam o ser humano a Deus. Tais vias são argumentos da esfera empírica: o movimento, a causalidade, o possível e necessário, os graus de perfeição, e a finalidade. O primeiro, parte da premissa de que tudo no universo se move e que algo não pode ser motor e mover-se a si próprio no mesmo ponto de vista, é preciso existir quem provoque o movimento. A outra via similar à primeira é a causalidade, ensina que no universo os fenômenos possuem relação de causa e efeito, logo, deve-se admitir uma causa eficiente primeira, doutra forma haveria uma sequência infinita de causas. A terceira via é a do possível e necessário – o que se vê na natureza pode ser e não ser, e o que pode não ser, em algum tempo não foi, todavia é de se supor que haja um ser não contingente, que exista como necessário por si mesmo, ou se esbarraria no primeiro e no segundo argumento, e o nada primeiro sempre seria o nada.

A quarta via denomina-se, graus de perfeição, procede dos graus de proporção encontrados em maior ou menor quantidade nos seres: uma pessoa é mais generosa que a outra, e as águas de um determinado rio são mais frias que a de outro. Finaliza Tomás de Aquino:

Existe em grau Supremo algo verdadeiro, bom, nobre e, conseqüentemente o ente em grau Supremo, pois, como se mostra no livro II da metafísica, o que é em sumo grau verdadeiro, é em sumo grau. Por outro lado, o que se encontra no mais alto grau em determinado gênero é causa de tudo que é desse gênero: assim o fogo, que é quente, no mais alto grau, é causa do calor de todo e qualquer corpo aquecido, como é

⁹⁶ AQUINO, São Tomás de. *Suma Teológica I*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003. p. 556.

explicado no mesmo livro. Existe então algo que é, para todos os outros entes, causa de ser, de bondade e de toda perfeição: nós o chamamos Deus.⁹⁷

A quinta e última via trata da finalidade, algumas coisas como os corpos naturais despidos de conhecimento, e outros seres que se movem desde a mais ínfima bactéria até a mais elevada criatura possuem finalidade, entretanto existe uma mente inteligente direcionando esses seres, e esta mente não pode ser outra senão a do próprio arquiteto do universo, Deus. Conforme o pensamento tomista quando os argumentos da fé chegam à pessoa, o intelecto assimila, apreende e percebe que tal proposta não é absoluta nem absurda, justamente porque Deus quer preservar a liberdade de modo que o ser humano possa escolher. A verdade é transmitida até certo ponto e, a partir daí dependerá do interesse do receptor em abrir ou não à revelação da fé. Os mistérios da fé devem ser entendidos pela razão, serva dessa:

São Tomás de Aquino construiu um vigoroso sistema filosófico, suas principais ideias eram ‘a razão deve servir a fé’. Nós devemos buscar entender com o raciocínio, os mistérios, mas nunca opor ‘razão e fé’, pois a fé ainda suplanta a razão.⁹⁸

Com o início da filosofia moderna que vai do século XV ao XVIII, efervesce a transição do pensamento teocêntrico para o antropocêntrico, época que será marcada pelo empirismo e racionalismo, fluxos de ideias levantadas para dar explicações ao conhecimento humano: O primeiro se fundamentará na experiência e o segundo na razão. O filósofo René Descartes ao levar o campo da filosofia para uma nova dimensão passa a ser reconhecido como o principal expoente dessa época, lança as colunas do método científico moderno e torna-se o pai do racionalismo, por isso mesmo, uma valorosa fonte para o estudo da fé.

Com o olhar voltado para a razão, o racionalismo de Descartes eleva a posição humana, não com intuito de negar Deus, e sim de demonstrar o diferencial do ser criado racional. Seu eixo filosófico buscava um sistema social que não convergisse num materialismo ou ateísmo. Essa construção em meio à reforma protestante exigia teor filosófico e não mais uma fé de molde medieval. Defendia a existência de uma verdade plena e incontestada, possível de alcançar através do método da dúvida, ou seja, questionava as teorias morais estabelecidas, sem abandonar sua crença católica, mas confirmando-a como certeza ao sugerir uma ciência não especulativa, mas prática. Antoine Vergote reforça esse pensamento quando relata: “O que há para nós de moderno em Descartes, tal como houve para seus contemporâneos, é sua exigência

⁹⁷ AQUINO, 2003, p. 168.

⁹⁸ NUNES, Cesar Aparecido. *Aprendendo Filosofia*. 17. Ed. Campinas: Papirus, 2008. p. 58.

de pensar de modo autônomo a verdade, a ponto de começar por querer duvidar de tudo até o momento em que possa enunciar um juízo com a certeza do dizer verdadeiro”⁹⁹.

A ideia cartesiana de Deus detém uma singularidade sem paralelo, apoia a fé na existência divina, exclusivamente sobre sua perfeição, Deus existe por si só, se produz, é a sua própria causa. Por outro lado, o ente mortal conduz no seu interior não a dedução, mas a consciência do infinito, uma ideia testemunhadora da existência de Deus. A deidade capacita nessa metafísica ao ser humano conhecer os princípios que fazem o conhecimento indubitável. Nesta corrente de pensamento Deus não é mais visto com base do universo, mas da intermediação do indivíduo e de suas relações com o mundo, como comenta Urbano Zilles, “A questão de Deus passa a ser tematizada não mais a partir do mundo, e sim através da mediação do homem e de suas relações com o mundo[...]”¹⁰⁰.

Nessa filosofia, Deus e cristianismo não ocupam espaço, apenas o Deus da ciência e da filosofia recebe abordagem. A fé é uma exceção à regra da lei universal da evidência, por não ser um fato da razão, mas da vontade, provinda da revelação. Há uma distinção absoluta entre razão e fé que não se confrontam e merecem respeito mútuo. O filósofo Charles Taylor afirma que a forma de conceber a existência de Deus no pensamento de Descartes teve seu centro gravitacional deslocado:

A prova cartesiana não é mais a busca de um encontro com Deus no interior. Não é mais o caminho para uma experiência de tudo em Deus. O que agora encontro sou eu mesmo: adquirei uma clareza e uma plenitude de autopresença que não tinha antes. Mas, a partir do que encontro aqui, a razão leva-me a inferir uma causa e uma garantia transcendente, sem as quais minhas capacidades humanas agora bem compreendidas não poderiam ser o que são.¹⁰¹

Assim, em Descartes, o ente humano é senhor do objeto, é o ser que analisa a história e arquiteta a ciência conforme a sua liberdade. A certeza inicial não se deslocou do âmbito transcendental divino para residir na esfera imanente. O giro do sistema circular do caminho intelectual, parte da convicção do indivíduo para a certeza de Deus.

Outro pensador cuja contribuição para o conceito de Fé se mostra relevante é o filósofo Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), crítico que assentou as bases do existencialismo, desenvolvido por vários nomes da filosofia, com destaque, entre eles, Jean Paul Sartre. Kierkegaard desenvolve a ideia de que a vida do indivíduo, por vezes, marcada pela angústia

⁹⁹ VERGOTE, Antoine. *Modernidade e cristianismo*. São Paulo, Loyola, 2002. p. 54.

¹⁰⁰ ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. São Paulo, Paulus, 2010. p. 8.

¹⁰¹ TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 207.

merece atenção da filosofia. Sua pretensão é caracterizar esse ser como concreto, real, que pode ser descrito e explicado por outros ângulos que não apenas o puramente racional, não se preocupando com uma verdade objetiva, consoante analisa Anderson Lima:

Na percepção dele, o ser existente puramente subjetivo está além do alcance da Razão, da Lógica, dos sistemas filosóficos, ou até mesmo das definições psicológicas. A grandeza de Kierkegaard está em ter-se mantido sempre atento a subjetividade viva, assumindo sofrimento de suas inquietações interiores como índice de sua vitalidade e sinal de sua liberdade.¹⁰²

Ainda reforça Sören Kierkegaard, “minha vida não será, apesar de tudo, mais que uma existência poética”¹⁰³. Ele laborava no intuito de demonstrar que mediante a fé justifica-se diante de Deus, e não através da ética. O foco de sua teoria está no vínculo entre a pessoa humana, Deus e o mundo, e a matriz de sua concepção é a sua própria existência. Como intenso defensor do cristianismo, instruía haver uma batalha interior em cada pessoa por humilhar, angustiar, retidão, temor e tremor. Ser cristão é estar para além das aparências, pois, um dia todos terão que responder pelas suas práticas. Em sua opinião no decorrer da história o cristianismo foi perdendo sua essência ao ser influenciado pelas culturas por onde palmilhou durante séculos, passando a ser concebido para levar uma vida serena e tranquila, alvo esse que esconde a verdadeira face ensinada pelo próprio Cristo: “Então, disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me;” (Mt 16.24).

Além de finito, o sujeito vive diante de opções de escolhas, todavia, por mais que as escolhas de um determinado indivíduo sejam éticas, não significa que o levará a realidade da fé, pois, esta ultrapassa aquela. Abraão, conhecido na Bíblia como o pai da fé, decide por sacrificar seu próprio Isaque, uma atitude absurda se olhada pela lente da ética, e Kierkegaard acredita que a opção de cada genuíno cristão, é similar à de Abraão nas decisões que a vida impõe. Na história desse patriarca enxerga o filósofo que Deus não lhe assegurou garantias, pois a fé é um “salto no escuro”, por isso, nele, a noção de angústia carrega profunda significação, enquanto oportuniza a liberdade de escolha, direcionando o indivíduo para a fé.

Em sua opinião não há intermediação científica ou filosófica para o acesso a Deus, a conexão deve ser direta com a divindade, pois, a filosofia em sua preocupação mais íntima visa apenas gerar ideias, excluindo a existência concreta do ser humano. Dessa forma, frente à epistemologia adquirida através da pesquisa ou da prática sistemática, Deus tem a

¹⁰² LIMA, Anderson. *A Vida Humana como Reinvenção Em Sören Kierkegaard*. [s.l.]: Managed, 2006. p. 23.

¹⁰³ KIERKEGAARD, 1984, p. 7.

proeminência, e toda a relevância da ciência minguou, razão pela qual a fé torna-se a única opção para uma existência autêntica.

2.2 A atuação dos grupos religiosos nos presídios

As penitenciárias e casas de detenção estão por todas as cidades do vasto Brasil, e sendo o país laico, várias leis, tanto de âmbito nacional quanto local, facilitam o acesso do trabalho das mais diversas instituições religiosas nos presídios, o que não garante a inexistência do enfrentamento dos inúmeros entraves pelos agentes responsáveis dessas entidades. No olhar de alguns, a assistência religiosa consiste em um competente meio de reabilitação e/ou recuperação dos privativos de liberdade, para outros, esses missionários têm interesses próprios; há ainda aqueles que acreditam ser esse um serviço de fanáticos. Todavia, a despeito dos que se opõem, não somente os religiosos aprovam a ação como um recurso recuperador de vidas delinquentes, mas também autoridades, pesquisadores e organizações sociais que têm fomentado e feito parcerias para que esse serviço aconteça.

Averiguando o exercício religioso nas casas de detenções brasileiras, constata-se a presença de inúmeras religiões e seguimentos de crenças, tendo predominância o catolicismo e o protestantismo. Detecta-se também a presença de budistas, espíritas e adeptos das religiões afro-brasileiras, entretanto, estas assinalam pouca atuação, além da pequena incidência, as práticas religiosas de matriz africana não são sempre bem recebidas por todos os detentos, ou mesmo, por alguns agentes da segurança pública. Esta atitude é um reflexo do que está para além dos muros provindos de uma realidade não originada no interior dos presídios, como registra Djean Ribeiro gomes:

Apesar de sabido que os espaços oriundos de religiosidades de ascendência africana despontam como importante locus de produção de saúde, de educação, de assistência, [...]. Ainda assim continuam a ocupar o lugar de destaque principal dentre as religiões mais perseguidas, intoleradas e odiadas na sociedade brasileira.¹⁰⁴

Considerando a hegemonia cristã no rol de entidades registradas, vale dar enfoque ao tratamento dado aos privativos de liberdade das penitenciárias do Rio de Janeiro, quando a Coordenação de Serviço Social, que normatiza e orienta a prestação de Assistência Religiosa nos Complexos Prisionais do Estado, abriu inscrições de credenciamento em 2020 para outras

¹⁰⁴ GOMES, Djean Ribeiro; JESUS, Monica Lima de. Entre discursos intolerantes e privilégios religiosos: práticas discursivas sobre religiões de matrizes africanas no cárcere baiano. *Revista ODEERE*, Bahia, V. 4, n. 8, p. 261-291, 2019. [online].

instituições religiosas, interessadas em contribuir com seus serviços; as vagas foram disponibilizadas para adeptos do Judaísmo, Islamismo, Budismo, Confucionismo, Taoísmo, Hinduísmo, Xamanismo, Anglicanismo, Mormonismo, Hare Krishna, Fé Baháí, Candomblé, outras matrizes africanas, Tradições Indígenas, Tradições Ciganas e Santo Daime.¹⁰⁵

Entre as denominações eclesiais com mais espaço nas penitenciárias estão as pentecostais. Seguimento esse que vem crescendo vertiginosamente, a exemplo da Assembleia de Deus que, conforme o Censo do IBGE de 2010, registrou 12,3 milhões de adeptos no Brasil,¹⁰⁶ e um crescimento de 4 milhões de membros nos anos 2001 a 2010. Essas Igrejas constituem uma grande corporação de evangelizadores, tanto de homens quanto de mulheres que chegam aos presídios com diversas literaturas para distribuir aos presos e funcionários: folhetos, Harpas Cristã, Bíblias, Revistas de Escola Dominical, Jornal Mensageiro da Paz. Após passarem pelo comissariado, onde são identificados, aguardam a ordem para adentrarem nos espaços onde realizarão cultos ou estudos bíblicos. Para fazer parte desses grupos, nem sempre é exigido da liderança da Igreja que seus membros realizem um curso de capelania prisional, muitos exercem a tarefa como voluntários que acreditam cumprir uma ordem de Cristo. Daí, compõem essa equipe pessoas de vários ofícios ministeriais, desde um simples membro até ao grau mais elevado, o de pastor.

Para a realização das atividades pelos líderes representantes das Igrejas, vários locais são improvisados: sob varandas, árvores, na porta das celas, em estreitos corredores; nem sempre se consegue usar caixa de som, e quando possível, a criatividade precisa ser aplicada. Alguns dirigentes são menos rigorosos nas normas e costumes, outros, mais radicais tal como um dirigente da Igreja Deus é Amor que exige certo desempenho, fato registrado por Flávia Melo,

Quanto ao vestuário feminino, as fiéis usam trajes diferenciados como saias longas, [...] sobre o traje masculino, os pastores e obreiros utilizam terno e gravata, sem um padrão de tonalidade específica – exceto a cor vermelha – mas não foi observado nenhum participante do culto que não estivesse pelo menos trajando camisa de manga longa e gravata. Os detentos que fazem a opção de integrantes da Igreja Deus é Amor precisam também fazer a opção de renunciar ao trabalho remunerado na confecção de bolas de futebol dentro do presídio.¹⁰⁷

¹⁰⁵ RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado de Administração Penitenciária – SEAP. *Edital 01/2020* [Dispõe sobre as inscrições para o credenciamento de Instituições Religiosas junto a Secretaria Estadual de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro]. Rio De Janeiro: Governo do Estado, 12 fev. 2021. [online].

¹⁰⁶ IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Tabela 2103 – *População residente, por situação de domicílio, sexo, grupos de idade e religião*, 06 jul. 2021. [online].

¹⁰⁷ MELO, Flávia Valéria C.B. *Nem culpa, nem condenação: a saída pode ser Jesus. A atuação das Igrejas pentecostais na agência prisional de Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, departamento de filosofia e teologia, mestrado em ciências da religião, Goiás, 2005.

As denominações evangélicas, hoje, são conhecidas das autoridades dos mais diversos órgãos do Estado. Em Cuiabá/MT, os juízes, Jorge Luiz Tadeu Rodrigues e Geraldo Fernandes Fidelis Neto visitaram a Conemad/MT (Convenção Estadual dos Ministros Evangélicos das Assembleias de Deus Ministério de Madureira no Estado de Mato Grosso), com o intuito de prestigiar os convencionais e motivá-los a continuar projetando e oferecendo diretrizes a seus membros no sentido de assegurar a assistência espiritual aos reeducandos que cumprem penas. Eles expressaram reconhecimento, e agradeceram os ministros pelos serviços realizados na cidade e em todo o Estado:

Agradecemos o que a Assembleia de Deus tem feito na recuperação dos reeducandos e viemos aqui pedir que levem essa assistência espiritual a todos que queiram. Assim, ajudarão na reinserção social. Despertar o ser humano para os valores espirituais é essencial para a recuperação. Se dermos casa, comida e roupa lavada ao egresso (aquele que acabou de deixar a prisão), ele possivelmente não voltará a delinquir. Devemos plantar a semente das virtudes, um dos papéis da religião, disse Jorge Tadeu, que atua como juiz auxiliar da Corregedoria-Geral da Justiça.¹⁰⁸

Entre as Igrejas pentecostais, há muita semelhança na forma como o serviço religioso no interior do cárcere acontece, como afirma a pesquisadora Maria Andery: “No presídio, os cultos evangélicos, por exemplo, não se diferenciam muito de Igreja para Igreja, isso pode ser visto no funcionamento e na fala dos religiosos”¹⁰⁹. Os louvores apresentados, com algumas exceções, são os mesmos e torna-se a parte favorita dos cultos para os encarcerados. A distribuição gratuita de Bíblias é uma ação constante por parte de todas as denominações cristãs, o momento de sua explanação é recebido com muito temor, e quando incentivado a prática da leitura pós-reunião, passa a ser prioridade frente a outras literaturas e tarefas importantes. O escritor Gilmar Dias Santos registrou “[...] a única forma de mantê-los integralmente informados e alimentados espiritualmente é através da ‘palavra de Deus’, a Bíblia Sagrada. Ela, sim, pode tornar-se a companheira fiel durante o tempo em que os presidiários passam nas celas”¹¹⁰.

O seguimento neopentecostal tem uma maneira própria de agir com os internos custodiados. Na nação brasileira, alguns dos grandes e mais destacados grupos dessa manante são as Igrejas Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Mundial do Poder de Deus, Renascer em Cristo, Apostólica Fonte da Vida, e a Comunidade Cristã Paz e Vida.

¹⁰⁸ JUSBRASIL. *Espiritualidade é uma das bases para recuperação*. [s.d.], 12 fev. 2021. [online].

¹⁰⁹ ANDERY, Maria Carolina Rissoni. *Presídio Romão Gomes: a religião como meio de emancipação e submissão*. Curitiba: Appris, 2016. p. 125.

¹¹⁰ SILVA, Gilmar Dias. *Novas Atitudes No Cárcere: Buscando novos atos*. São José dos Campos: Amazon, 2017. p. 18.

Essa corrente se configura como menos radical que os seguimentos pentecostais, nos quesitos costumes e doutrinas, o que a faz mais fascinante. Com uma mensagem positivista, propondo melhorias financeiras, físicas, emocionais e espirituais atraem facilmente os internos, que acabam se enquadrando nas situações estabelecidas, como causas para tantos males, que, aliás, passam a ser tratados como maldições, dependentes de curas. Os líderes propagam um sentimento de fé e esperança que contribui para a elevação da autoestima. Em depoimento sobre a ação desses religiosos no Centro de Reeducação Feminino, Maria Júlia, Maranhão, em João Pessoa, Anaize Anália de oliveira diz:

Chegam e tratam de organizar novamente a disposição das cadeiras, testam o som e começam com uma oração de joelhos implorando ao Deus o perdão e a bênção para aquele dia, entoam louvores e fazem leituras bíblicas sempre voltadas para a misericórdia de Deus e a conscientização do pecado. Nessa reunião cerca de 30 detentas se fazem presentes. Restringe-se à assistência puramente religiosa. Enquanto alguns cuidam da celebração propriamente dita, outros saem entregando folhetos bíblicos às detentas que se encontram dispersas. Eles buscam conversar individualmente e falam do plano de Deus para a vida daqueles que se dispõem a segui-lo. Ouvem suas petições e até suas críticas. Fazem orações específicas e particulares e por vezes anotam seus pedidos de orações para levarem até o templo onde congregam.¹¹¹

Há aqueles que não veem o trabalho desses religiosos com bons olhos, alegam que os detentos convertidos se tornam missionários, justamente para evangelizar nos presídios, e não se sabe a verdadeira intenção desses novos agentes, levantando suspeita se a conversão rompe com a vida delinquente anterior, ou se constitui uma conexão ainda maior com o mundo do crime. Se a segunda opção tiver sentido, aquilo que poderia ser benéfico passa a receber contornos de prejuízos irreparáveis, pois, o alvo dos pregadores, além dos presos, alcança aos seus familiares. De qualquer forma, o avanço, principalmente da Igreja Universal, nos presídios do Brasil, admira os pesquisadores do assunto:

Ao nível nacional, segundo a página da IURD na internet, existem mais de oito mil obreiros trabalhando voluntariamente em presídios brasileiros, levando, além da palavra de Deus, também livros religiosos, kits de higiene e serviços que proporcionam melhor qualidade de vida para os detentos. São mais de 30 anos de atuação, segundo informação da Folha Universal [...].¹¹²

¹¹¹ OLIVEIRA, Anaize Anália de. *A Experiência Religiosa no Cárcere: O caso do Centro de Reeducação Feminino Maria Júlia Maranhão em João Pessoa – PB*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões): Universidade Federal da Paraíba Centro de Educação Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, Paraíba, 2012.

¹¹² NUNES, Ana Idalina Carvalho. *Discurso Religioso no Cárcere: caminhos e possibilidades*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais): Universidade Federal de Juiz de Fora programa de pós-graduação em ciências sociais, Juiz de Fora, 2017.

Outro movimento que tem suas marcas nas assistências religiosas em presídios, diz respeito ao espírita e ao dos praticantes de religiões afrodescendentes, pouco expressivos. Pesquisas indicam que esses voluntários não encontram a mesma abertura que as outras religiões, parece também não haver muito empenho por parte de suas instituições na visitação dos encarcerados, e, quando alguns se aventuram, defrontam-se, por vezes, com discursos propagados nestes espaços, com anuência organizacional instrumentalizada pelos funcionários das casas de detenção possuidores de bases religiosas protestantes, gerando conotações de desautorização religiosa, através de métodos de demonização dos cultos afro-brasileiros. Esses contornos são incrementados pela tática de austeridade da penitenciária, ao minimizar essa esfera religiosa, além de agregar perversão e incorrigibilidade humana, o oposto do aspecto que legitima as correntes cristãs evangélicas/protestantes. Regina Novaes explica que:

[...] as religiões afro brasileiras ocupam posição subordinada no campo religioso: na sociedade e também dentro dos presídios. Isto pode ser justificado tanto pelo preconceito histórico ainda existente em um país colonizado nos moldes da cultura católica, quanto pelas características de seus rituais que pressupõe espaços apropriados para o transe, para o uso de variado vestuário, para a utilização de determinados instrumentos de percussão.¹¹³

Sobre o culto das religiões afro-brasileiras, o jornal G1, reportou o caso Flavia Pinto como a única mulher que conseguiu permissão para levar as palavras de uma religião afro-brasileira até um presídio no Rio de Janeiro e registrou que, “Normas de segurança nas unidades prisionais impedem que o ritmo dos atabaques passe dos muros das cadeias. Por isso, a umbanda que entra nos presídios é bem diferente do pé no chão dos terreiros”¹¹⁴.

O seguimento espírita pode ser entendido como uma doutrina religiosa filosófica que crê na existência de Deus, na comunicabilidade com os espíritos, alguns de antepassados e na manifestação/possessão deles para conversação com os vivos. As atividades dos espíritas, dentre outras formas, nos presídios, iniciam-se com uma prece seguida por palestras alinhadas a algum tema definido sobre questões diversas da vida e da doutrina; ao evangelizar, destacam a vivência e os ensinamentos de Jesus Cristo e de seus apóstolos, mas não enfatizam a busca de adeptos, como expõe Regina Novaes “os espíritas kardecistas, historicamente legitimados por sua “obra social”, são pouco proselitistas. A ênfase filantrópica dos espíritas, em seu exercício

¹¹³ NOVAES, Regina Reyes. Trajetórias religiosas e experiências prisionais: a conversão em uma instituição penal. In: QUIROGA, Ana Maria; VITA, Christina; CONRADO, Flávio; CUNHA, Marilena (orgs.). ISER, Comunicações do. *Religiões & prisões*, n. 61. Rio de Janeiro: Minister, 2012, p. 75-85. p. 8.

¹¹⁴ PRADO, Amanda; BASSAN, Pedro. RJ tem apenas uma mãe de santo autorizada a entrar em presídios: “A cadeia reproduz o preconceito da sociedade”. *G1*, Rio de Janeiro, 19 nov. 2020. [online].

da caridade cristã, muitas vezes faz invisível o seu viés religioso”¹¹⁵. Para as reuniões portam literaturas informativas sobre o assunto a ser trabalhado e as distribuem aos assistentes, os ensinamentos acontecem, geralmente, em forma de diálogo com os participantes.

O quarto grupo que vale a pena nomear é o dos protestantes tradicionais ou de missão, originados antes do século XIX. Pertencem a ele, entre outros os luteranos, batistas, anabatistas, metodistas, presbiterianos, congregacionais, episcopais-anglicanos. Alguns pesquisadores acrescentam a esse rol os adventistas. Para o presidente da Associação Nova Criatura, pastor Marcos Ricci, que desempenha a função de assistir os presos não somente no interior da casa de detenção, mas também quando egressos, com suporte espiritual, emocional, material e profissional durante 20 anos, é evidente a mobilidade transformadora da conduta e dos hábitos dos privativos de liberdade que se envolvem com as práticas religiosas no presídio, houve situações de custodiados aprenderem a ler para estudar a Bíblia.¹¹⁶ Eva Scheliga versando sobre isso, registra:

De acordo com a tradição protestante, todo e qualquer fiel tem a possibilidade de se transformar num anunciador do discurso religioso. Daí parece decorrer a importância concedida aos ‘testemunhos’ que durante os cultos intercalam-se às orações. Os ‘testemunhos’ dos já convertidos não raras vezes foram determinantes nas opções religiosas de outros detentos.¹¹⁷

Além dos depoimentos de dirigentes de instituições religiosas de assistência aos encarcerados, retratando os resultados dos serviços promovidos nas casas de detenção pelos protestantes tradicionais, autoridades civis e outros seguimentos da sociedade, por vezes, dão aquiescência, como é o caso do procurador Gilmar Bortolotto, do Ministério Público que assevera, “o trabalho das Igrejas deve ser intensificado e, ao mesmo tempo, regulamentado o acesso aos presos. A diretora do Departamento Penal da Susepe, Mara Nadir Borba Minotto, anunciou que a Secretaria de Segurança está tratando da ampliação do número de casas correccionais com assistência religiosa”¹¹⁸.

A Secretaria de Estado da Justiça viabilizou um momento de capacitação para um grupo de não menos de 80 humanitários assistentes religiosos das unidades prisionais capixabas, quando, então, a coordenadora esclareceu: “Estamos muito satisfeitos com o trabalho que esses

¹¹⁵ NOVAES, 2012, p. 75-85. p. 8.

¹¹⁶ SEJUSP. *Coordenado pela Agepen, grupo ecumênico inicia trabalhos para aperfeiçoar assistência religiosa em presídios*. [s.d.], 14 fev. 2021. [online].

¹¹⁷ SCHELIGA, Eva Lenita. Trajetórias religiosas e experiências prisionais: a conversão em uma instituição penal. In: QUIROGA, Ana Maria; VITA, Christina; CONRADO, Flávio; CUNHA, Marilena (orgs.). ISER, Comunicações do. *Religiões & prisões*, n. 61. Rio de Janeiro: Minister, 2012, p. 75-85. p. 76.

¹¹⁸ JORNAL BOM DIA. *A importância da função social das igrejas nos presídios*. [s.d.], 15 fev. 2021. [online].

voluntários oferecem e buscamos, através do diálogo, trabalhar em conjunto para aprimorar o nosso serviço, com mais segurança e diversidade religiosa”¹¹⁹. Outro depoimento de conotação semelhante surgiu da liderança da casa de prisão do Agreste, Débora Amorim, a subchefe do presídio da cidade, quando assegurou que a atmosfera da casa carcerária se torna mais calma depois das reuniões religiosas: “Acredito que a religião é o ponto de partida para a ressocialização. Os internos agradecem e elogiam esse trabalho, afirmando que fica mais fácil cumprir a pena ouvindo palavras de otimismo”¹²⁰. Ainda, vale salientar as palavras dos próprios reeducandos, registrados pela Revista Adventista, que entusiasmados reverberam, como é o caso de Rochinha:

José Antônio Faria Rocha, conhecido nos presídios de Taubaté e Tremembé (SP) como Rochinha, acredita nesse trabalho. Há 11 anos, o que o move é testemunhar a transformação de centenas de detentos. ‘Quem transforma é Jesus. Nossa obrigação é fazer com que o amor dele chegue a todos por meio de nós. Porque para Deus não há diferença entre quem está dentro ou fora da cadeia. Todos somos pecadores e dependemos da graça de Deus para a salvação’, garante.¹²¹

A quinta e última equipe a ser evidenciada neste texto refere-se aos correligionários do catolicismo romano, comunidade pioneira nas assistências religiosas em presídios brasileiros. A ação desses voluntários busca proporcionar ao reeducando o conhecimento de Deus e a prática dos rituais da Igreja, com vista à regeneração do indivíduo integralmente, ao oferecer atendimento solidário, através de recursos materiais e alimentícios. Por outro lado, laboram com intuito de defender a dignidade humana, possibilitando atendimento jurídico e valorização dos direitos humanos, ao contatar órgãos de defesa em favor do detento e, ocasionalmente denunciar desmandos do poder público, disposição nem sempre contemplada com olhar de aprovação pelos funcionários das unidades.¹²²

Por ser um trabalho voluntário, imensos se tornam os obstáculos enfrentados pela pastoral carcerária que como os demais religiosos precisam reservar um tempo, quase sempre em horário comercial, tirar dinheiro das próprias economias para chegar até o presídio, amiúde são desvalorizados pelos servidores do complexo, provocando um prejuízo sorrateiro que incide nos presos. Em registro da pastoral carcerária lê-se a seguinte contestação:

A pessoa presa é afetada bastante com a falta da assistência religiosa. É preciso muita força para aguentar todas as dificuldades nesses infernos que os cárceres são, e uma

¹¹⁹ GOVERNO ES. *Sejus capacita voluntários para oferecerem assistência religiosa nos presídios*. [s.d]. 15 fev. 2021. [online].

¹²⁰ SERIS. *Assistência religiosa muda a vida de reeducandos nos presídios alagoanos* [s.d], 15 fev. 2021. [online].

¹²¹ REVISTA ADVENTISTA. *Liberdade atrás das grades*. [s.d], 15 fev. 2021. [online].

¹²² REVISTA DO BRASIL, REVISTA DO BRASIL. *Disputa de igrejas em presídios interessa ao sistema, não aos presos, diz especialista*. [s.d.], 15 fev. 2021. [online].

palavra de consolo, celebrações, a partilha de uma palavra, orações em conjunto, tudo isso importa muito.¹²³

Destarte, percebe-se que a quantidade de agentes do catolicismo tem paulatinamente diminuído e sendo ocupado por outros seguimentos protestantes, principalmente porque, diferentes destes, a pastoral exerce certa postura fiscalizadora, conforme já evidenciado. Ratificando esse pensamento, leciona a pesquisadora Edileuza Lobo que concluiu ao conversar com os detentos que,

[...] o catolicismo ali praticado guarda semelhanças com a igreja progressista no seu engajamento na luta pela justiça social em favor dos direitos humanos dos presos. Uma agente religiosa com quem conversei recentemente revelou que, com os presos sua prática religiosa é baseada na ‘espiritualidade chão’ da corrente inaciana, voltada para reflexão sobre os atos cometidos e a consciência da responsabilidade sobre os mesmos. Com a morte do padre Bruno, o discurso de defesa dos direitos humanos dos presos ainda continua presente, embora enfraquecido.¹²⁴

Em suma, a atuação religiosa nos presídios não é um fenômeno de fácil assimilação, há uma massa que compreende sua desenvoltura como uma dinâmica relevante, merecedora de empenho por parte de todos ao trabalhar o ser humano integralmente, permitindo-lhe uma vida nova de caráter, por conseguinte, sustentação para viver saudável com a família, comunidade, profissão e a fé quando egresso. Além disso, constrói no espaço carcerário, relação de ordem e disciplina, correspondendo com os objetivos da estrutura prisional. Oposta a essa concepção, encontra-se aqueles que argumentam ser a religião um aparelho de controle dissimulador que esconde os reais motivos dos envolvidos: religiosos, funcionários, custodiados. Essa propositura foi bastante abordada por Michel Foucault quando lecionou sobre o papel do presídio:

O castigo e a correção que este deve operar são processos que se desenrolam entre o prisioneiro e aqueles que o vigiam. Processos que impõem uma transformação do indivíduo inteiro - de seu corpo e de seus hábitos pelo trabalho cotidiano a que é obrigado, de seu espírito e de sua vontade pelos cuidados espirituais de que é objeto: São fornecidas Bíblias e outros livros de religião prática; o clero das diversas obediências que se encontrar na cidade e nos arrabaldes realiza o serviço religioso uma vez por semana e qualquer outra pessoa edificante pode ter acesso aos prisioneiros todo o tempo.¹²⁵

¹²³ PASTORAL CARCERÁRIA. *Intolerância Religiosa: as restrições ao culto da fé sofridas no cárcere*. [s.d], 15 fev. 2021. [online].

¹²⁴ LOBO, Edileuza Santana. *Católicos e evangélicos em prisões do Rio de Janeiro* In: QUIROGA, Ana Maria; VITA, Christina; CONRADO, Flávio; CUNHA, Marilena (orgs.). ISER, Comunicações do. *Religiões & prisões*, n. 61. Rio de Janeiro: Minister, 2012, p. 22-29. p. 28. [online].

¹²⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 29. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 83.

Nessa ótica, a assistência Religiosa que não assegurar à permanência dos novos afiliados a fé quando egressos, garantindo condições do não retorno à prática de novas violações, torna-se apenas um instrumento de controle. Sob outra perspectiva, pesquisadores alegam que, acima de distinguir se a ação desses agentes da fé produz benefício ou não, necessário se faz analisar os motivos pelos quais essas classes aderem às religiões. Há, por exemplo, pesquisas que atestam ser os protestantes mais numerosos entre os pobres, nas palavras de André Corten: “Estes dados misturam os pentecostais aos protestantes históricos de tal maneira que se dispõe apenas de uma visão muito aproximativa. Eles permitem, contudo, ver que os evangélicos são mais numerosos entre os que têm renda mais baixa [...]”¹²⁶ Assim, a questão da religiosidade nos presídios brasileiros recebe da parte de uns, nota de prestígio e incentivo à prática, de outros, descrédito e ataques.

2.3 A fé cristã como instrumento de mudança nos presídios, mito ou realidade?

Na opinião comum, a prisão existe para manter o criminoso longe do cidadão, garantindo paz e segurança a sociedade, pois, sob custódia em uma cela, o problema causado pelo delinquente fica resolvido e, quanto mais permanecer enclausurado, melhor será para todos. Tal visão simplória sucumbe frente à realidade de que a pena privativa de liberdade tem limite demarcado para encerrar, possibilitando outra vez a presença da pessoa no interior da sociedade. Envoltos pela insolubilidade do problema, o Estado, responsável pela segurança passa a recepcionar toda contribuição proposta na direção de resolver ou amenizar a angústia de sua impotência, e sendo um contributo voluntário, o fenômeno fé cristã como instrumento de apoio para a recuperação de vidas no cárcere, torna-se promissor.

A expressão “fé” no presídio denota um recurso em desenvolvimento no espaço prisional, por meio da educação religiosa aplicada por pessoas dos mais diversos ramos doutrinários, visando à mudança da vida de pessoas que infringiram as regras sociais. Esta ação é vista por diversos ângulos a depender das mais diversas concepções sustentadas na sociedade. Não constitui tarefa fácil compreender as táticas ideológicas e simbólicas que envolvem o campo da fé cristã na prisão, especialmente no que tange à conversão religiosa de indivíduos assinalados por um passado histórico de práticas delinquentes. Estariam os seguimentos, empregando tempo e recursos materiais de forma voluntária e desinteressada ou esse investimento encorpado tem interesses ocultos? A dificuldade de responder essa intrincada e

¹²⁶ CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 83.

complexa pergunta, incita que seja feita buscas a partir de pesquisas criteriosas, sobre o que pensam algumas competências, como os governantes, os juristas, os pesquisadores, a sociedade, os próprios presos, e os funcionários dos complexos prisionais.

Os assistentes religiosos são grupos de trabalhadores movidos pela coragem própria, que com auxílio ou não do Estado, se empenham na atividade de recuperar detentos. Para o Estado, nem sempre este trabalho é visto positivamente, pois, a presença dos religiosos nas casas da detenção espelha a impotência do poder público. O descaso e a resistência por parte das autoridades governamentais é uma realidade que vem se perpetuando na história prisional, a começar com a insensibilidade aos delinquentes, e a prosseguir com todos aqueles que se posicionam frente a frente ao problema, ou seja, não somente os missionários da fé costumam ser vistos e tratados com indiferença, mas todos os que oficiam no interior dos muros sofrem o desprezo, com essa massa marginalizada. São pertinentes as palavras de Bruno Costa e Francisco Santos:

De fato, não é dado o devido valor à assistência religiosa que há nas penitenciárias. Há uma atmosfera de preconceito e uma resistência do Estado, às vezes veladas pelos bastidores, desviando os olhos de agentes externos do interior das penitenciárias e do terror do Estado no desvelamento das infâmias intramuros decorrentes da ineficiência gestora.¹²⁷

Por outro lado, a coerção social, por parte do cidadão, alavanca questionamentos desestabilizadores para com os que trabalham no poder público, compungindo-os a irromperem de seus ninhos de conforto e pagarem o seu quinhão, principalmente, fazendo cumprir as exigências legais. Para tanto, secretarias de justiça, Juízes, deputados, promotores, e defensores públicos produzem documentos e se reúnem para tratar da função social das entidades religiosas nos presídios. Exemplo disso aconteceu no Rio Grande do Sul, quando diversas autoridades se reuniram em audiência pública para pactuar sobre a assistência religiosa aos detentos e dependentes químicos. O relator da comissão, deputado Volnei do Paraná, afirmou:

O trabalho evangélico realizado nas casas prisionais do RS tem um papel essencial na recuperação de apenados, ajudando o Estado ‘sem nenhuma remuneração, mas com resultados efetivos [...]’. ‘O trabalho da igreja é recuperar valores perdidos pela família e com consequências nefastas para toda a sociedade brasileira analisa o presidente da comissão, deputado Sérgio Peres’. Para o procurador Gilmar Bortolotto, do Ministério Público, o trabalho das Igrejas deve ser intensificado e, ao mesmo tempo, regulamentado o acesso aos presos. A diretora do Departamento Penal da

¹²⁷ COSTA, Bruno Moraes; SANTOS, Francisco de Assis Souza dos. Ressocialização mediada pela assistência religiosa: direito dos encarcerados no sistema penitenciário. *Revista Unitas*, v.5, n.2, p. 901-928, 2017. p. 914. [online].

Susepe, Mara Nadir Borba Minotto, anunciou que a Secretaria de Segurança está tratando da ampliação do número de casas correcionais com assistência religiosa.¹²⁸

Ainda, em Cachoeiro do Itapemirim, a Sejus (Secretaria de Estado da Justiça), capixaba, viabilizou capacitação a mais de 80 integrantes de grupos voluntários que exercem a assistência religiosa nas casas de detenção; o evento ocorreu nas dependências da Igreja Batista, onde houve socialização com os diversos componentes das categorias de evangelismos das mais distintas denominações, com a finalidade de conscientização para a tolerância religiosa e práticas rotineiras de regulamentos securitários. Em suas palavras a coordenadora do grupo, Maria Jovelina Debora, disse:

Nós queremos garantir que todos os internos que desejam contar com assistência religiosa possam acessá-la. Para isso, frequentemente nos reunimos com os representantes religiosos e os voluntários para que compreendam não só a importância do trabalho espiritual, mas também a metodologia, e a fundamentação legal dos nossos procedimentos. Estamos muito satisfeitos com o trabalho que esses voluntários oferecem e buscamos, através do diálogo, trabalhar em conjunto para aprimorar o nosso serviço, com mais segurança e diversidade religiosa.¹²⁹

Alguns doutrinadores da área jurídica opinam que, a despeito dos percalços evidentes nos cárceres enfrentados pelos agentes da Fé, estes demonstram a capacidade de se adaptar às circunstâncias em constante transformação, e os resultados deste ofício tem sido benéfico ao preso, independentemente da religião, haja vista, ser o papel de todas a promoção e a educação; e seus frutos têm sido favoráveis ao detento. Seja qual religião for, é um dos elementos de educação irrestrita, mesmo que não seja a base para tal, permanecendo na mão do poder público, a responsabilidade dos suportes para uma ressocialização integral. Júlio Mirabete Leciona:

Não se pode desconhecer, entretanto, a importância da religião como um dos fatores da educação integral das pessoas que se encontram internadas em um estabelecimento penitenciário, razão pela qual a assistência religiosa é prevista nas legislações mais modernas. [...], concluiu-se que a religião tem, comprovadamente, influência altamente benéfica no comportamento do homem encarcerado e é a única variável que contém, em potencial, a faculdade de transformar o homem encarcerado ou livre.¹³⁰

Entre os juristas o debate sobre a ressocialização do preso mediante a assistência religiosa se apresenta de forma acirrada. Embora o trabalho dos agentes da fé, entre esses, o da Apac tenha se apresentado promissor, não há nada na doutrina do direito, estabelecido com regra fundamentadora da religião como instrumento de ressocialização, permanecendo esta

¹²⁸ JORNAL BOM DIA. *A importância da função social das igrejas nos presídios*. [s.d], 23 fev. 2021. [online].

¹²⁹ GOVERNO ES. *Sejus capacita voluntários para oferecerem assistência religiosa nos presídios*. [s.d], 14 mar. 2021. [online].

¹³⁰ MIRABETE, Júlio Fabrini. *Execução Penal*. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 83.

responsabilidade de produção de conteúdos e estratégias apenas para outros interessados. Alguns, desses especialistas do direito não veem resultados à ressocialização do detento, desaprovam a via espiritual e qualquer outro meio. O doutor Nilo Batista anota: “A segunda ideia que se viu cumpridamente demolida, é a da ressocialização do condenado à pena privativa de liberdade”¹³¹. De ideologia diferente leciona Rogério Greco:

Contudo, vale destacar a necessidade de assistência religiosa no cárcere. Quem tem um pouco de experiência na área penal e conhece de perto o sistema carcerário sabe da importância e da diferença entre um preso convertido, ou seja, que teve um encontro com Deus, daquele outro que ainda não teve essa experiência pessoal e continua com os mesmos pensamentos que o levaram a praticar delitos.¹³²

As prisões ainda funcionam como um campo de luta entre o poder do Estado e a força do presidiário. Há um controle do corpo por mecanismos utilizados pelas autoridades prisionais que se apresentam em todos os aspectos, forçando o privativo de liberdade a perceber isso das mais diversas maneiras: física, social, emocional e espiritual. O poder de punir se torna mais expressivo ao incidir sobre o corpo e o tempo do delinquente, como sustenta Foucault: “O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder”¹³³. Sucumbido pela impotência e sentindo a esperança esvair-se paulatinamente, toda oportunidade de uma palavra de ânimo constitui-se lenitivo para as longas horas de aguardo, frente ao tempo que não passa. Nesse dilema conturbado para o detento, voltar-se aos recursos espirituais, parece o melhor escape.

Nem todos os custodiados enxergam isso com bons olhos, e alegam que, convergir para a fé implica em esconder-se atrás da religião, assumindo uma atitude hipócrita e covarde. Nas regras que controlam a convivência dos membros da massa prisional inexistente a oportunidade de remissão, as sentenças são inflexíveis, e o sujeito transgressor de alguma norma encerra vivendo num Estado demasiadamente vulnerável onde aceitar o apelo religioso é a única probabilidade de se safar. Em contrapartida, ao converso incide a responsabilidade do cumprimento integral de seus compromissos religiosos, deverá provar sua transformação sob pena de castigo ou até a morte. Assim, nessa ótica, a pertença a uma Igreja na prisão representa inferioridade, submissão e renúncia de comportamentos. Erving Goffman considera essa separação como perda de papel: “[...] a separação entre o internado e o mundo mais amplo dura

¹³¹ BATISTA, Nilo. *Temas de Direito Penal*. Digitalizado: Liber Juris, 1984. p. 131.

¹³² GRECO, 2015, p. 571.

¹³³ FOUCALT, Michel, 2004, p. 129.

o tempo todo e pode continuar por vários anos. Por isso ocorre [...] uma ruptura inicial profunda com os papéis anteriores e uma avaliação da perda de papel”¹³⁴.

Para os presos que aderem aos seguimentos religiosos e para alguns outros, a religiosidade é compreendida como um revestimento de forças para vencer as agruras provindas do aprisionamento¹³⁵, enquanto desperta no adepto a busca de uma vida santificada através da leitura bíblica e da oração. Quando a mudança é real, a cela torna-se mais pacífica, aliás, os conflitos gerais no cárcere diminuem significativamente. Ainda mais, quando considerável maioria decide pelo evangelho da fé, as conversas e pensamentos mudam de rumo, o interesse passa a ser o conhecimento religioso, e estudos bíblicos e cultos são realizados pelos próprios penitentes, em qualquer dia ou hora que desejam marcar.

O processo de transformação de vida de um presidiário é presenciado primeiramente pelos funcionários do complexo, em especial os agentes penitenciários que no dia a dia acompanham as ações de cada detento. Grande parte desses funcionários ao enfrentar a reincidência de apenados acaba por não acreditar na ressocialização dos delinquentes. Isso faz com que esses, não vejam a presença dos religiosos como instrumento benéfico, mas sim como um problema a ser resolvido, pois, cada vez que se apresentam para o trabalho na casa de detenção acabam aumentando os afazeres no complexo.

Tal atitude percebida pelos visitantes torna-se obstáculo e aumenta a complexidade do trabalho missionário. Há também aqueles funcionários que apoiam a ação dos agentes da fé e motivam sua execução, por vezes, prontificando-se a auxiliar. Quando o agente penitenciário pertence a algum seguimento religioso, facilita tanto para os missionários como para os detentos, e a conversão dos presos além de gerar tranquilidade no espaço, evoca respeito dos funcionários, conforme atesta Edileuza Lobo “A conversão dos presidiários também gera simpatias por parte dos administradores, já que esses entendem que os evangélicos geram menos conflitos”¹³⁶. Esse apoio recebido pelos agentes evangelizadores tem se alargado em alguns lugares com destaques tangíveis através de outras autoridades dispostas a contribuir: diretores dos presídios, juízes, promotores e policiais. É de um delegado a declaração registrada por Lobo:

Todas as vezes que acontece um batismo, faço questão de falar aos presos. Acho esse trabalho importantíssimo. Em primeiro lugar porque sentimos que, após esse encontro

¹³⁴ GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 24.

¹³⁵ ANDERY, 2016, p. 15.

¹³⁶ LOBO, 2012, p. 22-29. p. 22.

religioso, os presos ficam mais calmos. Em segundo, o trabalho que vem sendo desenvolvido pela igreja tem dado resultado.¹³⁷

Pesquisadores conjecturam que a dicotomia religião/prisão é vetusta e tem sua origem nas punições de crimes de imoralidade que demandavam clausura para a remissão dos erros. A própria palavra penitenciária, em sua etimologia latina, refere-se à penitência, que no que lhe concerne denota arrependimento e expiação. Na Idade Média o cárcere tinha a finalidade de torturar o corpo para salvar a alma, hoje parece não ser muito diferente, uma vez dentro de um complexo prisional, o preso sente-se numa nova moradia – insalubre, inóspita e fétida – onde passará obrigatoriamente por mudanças em todos os aspectos da vida. Nesse espaço, o isolado enfrentará um processo de despojamento, esvaziando-se de tudo, para outra vez se recompor através de artifícios psíquicos de defesa. Nesse processo, o sujeito deixa de ser ele mesmo e, no afã de sobreviver, passa a desenvolver muitas personalidades: faz-se de inteligente entre os inteligentes e de néscio entre os néscios. Erving Goffman denomina isso de mortificação do Eu e salienta ser esse processo uma característica interessante desse sistema:

Os internados, bem como os diretores, ativamente buscam essas reduções do eu de forma que a mortificação seja complementada pela auto mortificação, as restrições pela renúncia, as pancadas pela autoflagelação, a inquisição pela confissão. Como os estabelecimentos religiosos se interessam explicitamente pelo processo de mortificação, tem um valor específico para o estudioso.¹³⁸

Nesse ponto de vista a religião é apenas um meio de controle. Para o preso independentemente do que figure sua pertença a um grupo, é indispensável à sobrevivência, qualquer lenitivo emocional/espiritual é plausível. Ainda mais, quando integrado a uma aliança religiosa, a probabilidade de ser remanejado para um espaço especial sem agressões, sem abusos sexuais ou motins, uma cela dos “crentes” é grande. Corroborando com a ideia de monitorar, Foucault acentua que a prisão tem efeito disciplinador, mas não visa à expiação e tampouco à repressão¹³⁹. Dessa forma a fé na prisão exerce o papel eficaz de apaziguar e, em simultâneo, alienar, pois, àquele que está preso fisicamente passa a ter a sua mente também dominada pelo divino que conhece os pensamentos, por isso, pode fiscalizar perfeitamente.

A realidade prisional brasileira reflete o atraso educacional brasileiro: de um lado a criminalidade e de outro a incompetência do Estado sem políticas de ressocialização eficazes. Corolário dessa decadência a sociedade brasileira em sua maioria não consegue entender o problema, ou mesmo, a finalidade dos agentes religiosos atuarem nas casas de detenção. A

¹³⁷ LOBO, 2012, p. 22-29. p. 27.

¹³⁸ GOFFMAN, 1974, p. 49.

¹³⁹ FOUCAULT, 2004, p. 152.

visão que se desenha do detento é a de um criminoso irrecuperável que precisa pagar pelos seus erros recebendo a falta de liberdade que merece, buscar ressocializá-lo ou ajudá-lo na restauração é perda de tempo. Todavia, à luz da teoria clássica sociológica, com vista à esfera religiosa primitiva, Emile Durkheim reverbera que a religião é intrínseca a sociedade e que, a convivência grupal ao alcançar certo patamar, ativa o conhecimento religioso, responsável pela origem da maioria das grandes organizações sociais.¹⁴⁰ Assim, ao passo em que a coletividade se desperta para a compreensão da dignidade humana, amadurecendo seu entendimento, educando-se, transcendendo, paulatinamente terá o problema prisional se dissolvendo e novas desenvolturas e compreensões certas se petrificando.

Destarte, existem polêmicas no universo social que problematizam a questão religiosa nos presídios, indicando que a discussão ainda está longe de encerrar, mas, amparados pela constituição, evangelizadores, familiares de detentos, e outros apoiadores continuam acreditando no direito de uma segunda oportunidade para a massa carcerária. Não poucos garantem ser possível através de estratégias ocupacionais e do ensino, gerar alternativas punitivas e ressocializadoras, acreditam que a religião é um instrumento desbravador estratégico benévolo aos encarcerados e egressos vulneráveis ao crime. Dessa forma, o detento presa fácil de retornar ao universo prisional agradece ao serviço dos agentes da fé, crendo que sua dimensão abarca além da questão espiritual, a dimensão física, econômica, intelectual e emocional.

¹⁴⁰ DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 15.

3 O TRABALHO DOS GRUPOS RELIGIOSOS NA RESSOCIALIZAÇÃO DO DETENTO NA CASA DE DETENÇÃO DO MUNICÍPIO DE CACOAL/RO

A Casa de Detenção de Cacoal é uma das 53 unidades prisionais de Rondônia,¹⁴¹ localiza-se na Avenida Itapemirim, 421, bairro Brizon. Até o ano de 1998, conforme a secretaria de Justiça do Estado foi administrada pela Polícia Civil; a partir daí, com um quadro de funcionários formado por agentes penitenciários, um diretor de segurança e um administrador Geral, passou a ser gerenciada pela SUJUDECI — Superintendência da Justiça e Defesa da Cidadania, hoje SEJUS.

A cidade de Cacoal pertence ao Estado de Rondônia e está situada a 179 m de altitude, nas margens da BR-364, distando 482 km da Capital Porto Velho, por estrada. Com uma população estimada de 86.416 habitantes, conforme os dados do IBGE tem uma área geográfica de 3.793 km².¹⁴² Na sua zona urbana com 43 bairros, é bem provida dos serviços básicos de infraestrutura: pavimentação, iluminação pública, rede de água tratada, arborização, coleta de esgoto e calçamento dos passeios. Cacoal possui o quinto maior PIB do Estado, é o terceiro município em densidade populacional e ocupa a quinta posição em população.

A unidade prisional de Cacoal ainda está inclusa entre os minis presídios, possui apenas 33 celas abrangendo os regimes, fechado, semiaberto e provisório, inclusive o espaço destinado à ala feminina: 12, no fechado, 17, no semiaberto, 3, no pavilhão feminino, e 1, no ambiente reservado para a Apac¹⁴³. O trabalho dos Agentes Penitenciários se divide em revezamento de plantões; escoltas judiciais, hospitalares e fúnebres; setores administrativos e outras atividades importantes para a preservação da ordem em todas as instâncias do aparelho prisional. O árduo serviço do agente carcerário não visa apenas à coibição da liberdade, mas a perspectiva da ressocialização. Laboram também na Casa de Detenção de Cacoal, médicos, enfermeiros, psicólogos, odontólogos e assistentes Sociais. Os detentos quando chegam ao presídio são entrevistados pelo diretor de segurança que os direciona para a cela onde devem cumprir a pena e, em síncrono, seja-lhes preservada a dignidade.

¹⁴¹ SERPRO. Rondônia implanta sistema para mapear população carcerária. [online].

¹⁴² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). [site institucional]. [online]

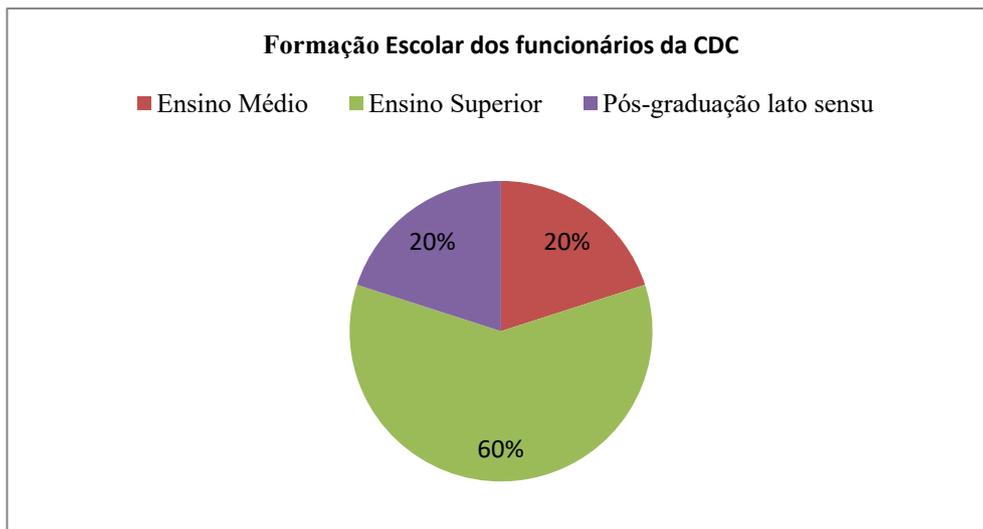
¹⁴³ Dados colhidos em entrevista com o diretor da CDC, Gilberto Santos de Andrade, 17 out. 2020 (informação escrita).

3.1 Pesquisas de campo na Casa de Detenção do município de Cacoal/RO

A partir de depoimentos de reclusos e egressos que apresentaram a sua realidade anterior e posterior ao contato com a fé, da declaração dos líderes dos grupos religiosos que realizam as reuniões na Casa de Detenção e dos funcionários que laboram nessa unidade, averiguou-se a prática, o desenvolvimento e a receptividade do serviço dos missionários, objetivando compreender a viabilidade ou não do recurso fé cristã como instrumento de reintegração. A pretensão foi verificar até que ponto esse contributo à sociedade devolve o detento ao convívio familiar e social, com nova ideologia e objetivo de vida. As entrevistas foram concretizadas de forma estruturada. Contou-se com as informações colhidas por questionário escrito, com permissão prévia dos entrevistados que tiveram liberdade para escrever ou falar espontaneamente.

Na coleta de dados dos agentes penitenciários e funcionários que estiveram em contato direto com os presos da unidade carcerária, pode-se registrar alguns números relevantes sobre o grau de escolaridade e seguimento religioso, bem como, as respostas destes comissários revelam a maneira como enxergam o reeducando participante de uma ordem espiritual no presídio. Registrou-se que 20% dos funcionários são pós-graduados, 60% tem formação superior e 20%, apenas o nível médio.

Gráfico 1. Escolaridade dos funcionários da CDC¹⁴⁴



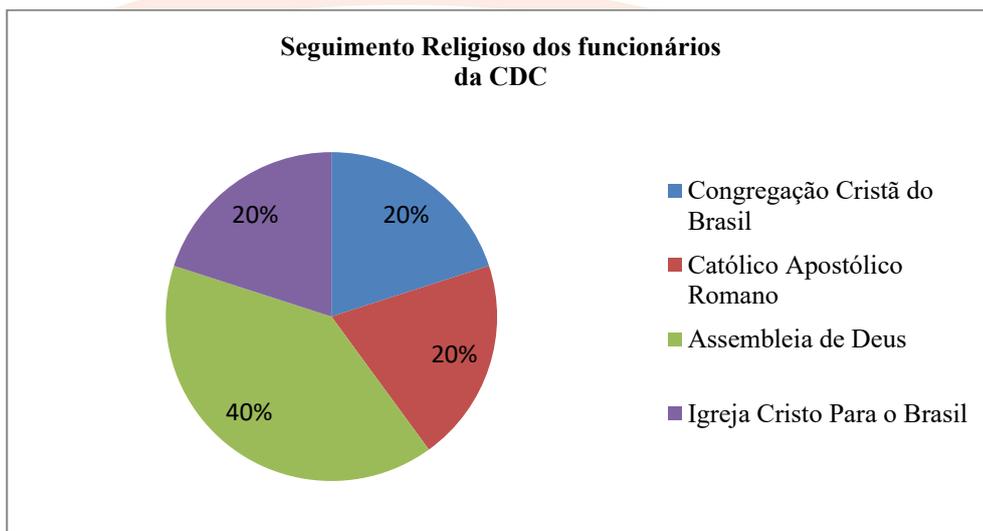
Vê-se que, ainda há ausência de formação no atendimento dos privativos de liberdade por parte dos agentes prisionais, desfavorecendo o aspecto da humanização desses indivíduos

¹⁴⁴ Informações extraídas do Anexo B4. Elaboração própria, dados inéditos, 2021.

que pagam penas. Por outro lado, verifica-se a falta de formação continuada que instrumentaliza nortes para uma prática reeducadora mais fecunda. Railander Figueiredo ressalta a necessidade dessas capacitações, afirmando ser competência dos órgãos estaduais “[...] procurar desenvolver ações de forma sistemática, envolvendo profissionais em serviços penais na articulação de propostas e mobilização dos seus próprios saberes, adquiridos com a prática”¹⁴⁵. Reforçam essa ideia, Janete Palazzo e Gabriela Pimentel, quando afirmam, “Cabe ao poder público [...] ofertar formação continuada para diretores de estabelecimentos penais, agentes penitenciários e professores, bem como adquirir acervo bibliográfico”¹⁴⁶.

Concernente ao seguimento religioso dos funcionários entrevistados concluiu-se que, 40% são do seguimento, Assembleia de Deus, 20%, Congregação Cristã do Brasil, 20%, Católico Apostólico Romano, e 20%, Igreja Cristo Para o Brasil. Observa-se assim que 100% são cristãos, pertencendo a quatro denominações diferentes.

Gráfico 2. Pertença religiosa dos funcionários da CDC¹⁴⁷



Isso parece facilitar a prática da Fé Cristã na casa de prisão. Por outro lado, mesmo aqueles que não acreditam nas decisões religiosas dos detentos acabam contribuindo, enquanto entendem as vantagens advindas do serviço dos evangelistas da fé. O agente penitenciário “A” registrou:

¹⁴⁵ FIGUEIREDO, Railander Quintão. Educação em serviços penais: diretrizes para a escola de formação do sistema prisional em Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007, p. 85,86.

¹⁴⁶ PALAZZO, Janete; PIMENTEL, Gabriela Souza Rêgo. O acesso à educação em prisões no Brasil: desafios de atendimento escolar In: SANTOS, Fernanda Marsaro dos; Gomes, Cândido Alberto; Vasconcelos, Ivar César Oliveira de. (orgs.). *Educação nas prisões*. Jundiaí: Paco, 2019, p. 70.

¹⁴⁷ Informações extraídas do Anexo B4. Elaboração própria, dados inéditos, 2021.

Em minha opinião a assistência religiosa nos presídios deve continuar, é muito importante na questão da ressocialização, pois, através do evangelho o detento passa a conhecer a palavra de Deus que pode mudar a sua vida, os seus caminhos, transformando-o de pessoa criminosa em um canal de bênção para sociedade.¹⁴⁸

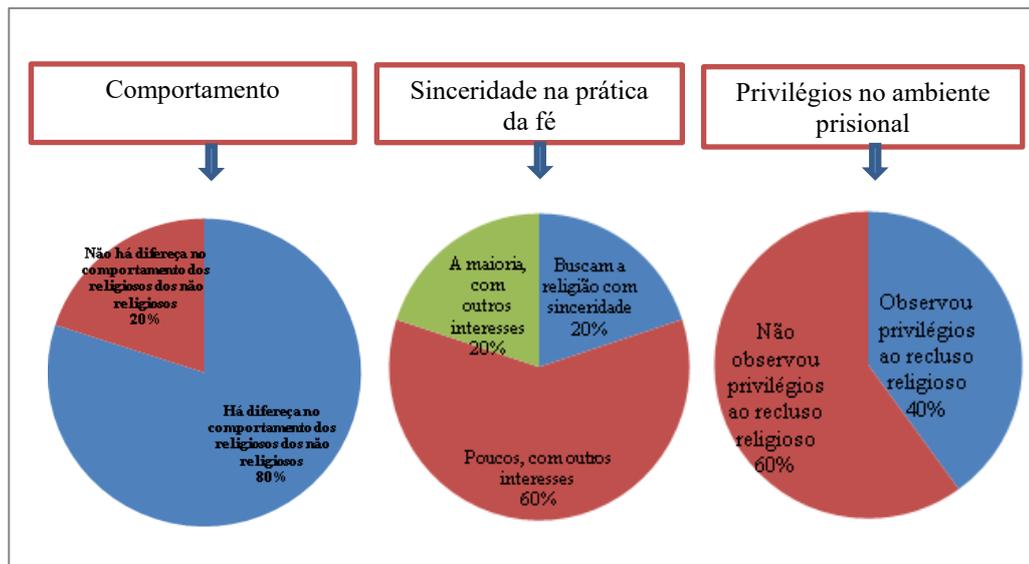
Para a maioria dos funcionários do estabelecimento prisional, existe uma diferença visível no comportamento dos reeducandos religiosos, alegam que esses após convertidos oram e cultuam a Deus, não somente nos momentos em que seus representantes cristãos os visitam, mas programam seus instantes próprios de adoração entre si. Além disso, andam com roupas mais asseadas e parecem cuidar melhor do visual: cabelos e barbas. Apenas 20% afirma não haver diferença entre um preso religioso e outro que não professa nem segue alguma categoria de fé ou organização religiosa. Também reiteram 80% deles que o trabalho religioso é indispensável para a ressocialização do preso, e 20% acreditam que têm parcial relevância.¹⁴⁹

Para 20% dos funcionários, os reeducandos que aderem à fé, o fazem com sinceridade, 20% afirmam serem poucos os que seguem sem compromisso, e 60% acreditam que a maioria deles aceita algum seguimento religioso com outros interesses, que não obedecer às doutrinas ensinadas, mas para adquirem vantagens no cumprimento da pena ou se safarem de algum revés no interior da Casa; 60% defendem não haver benefícios, nem privilégios diferenciados para quem segue a religião; 40% declaram existir regalia para os conversos; 80% assimilam que os detentos cristãos têm comportamentos diferentes e melhores; 20% não veem essa diferença; 100% depõem que não tiveram nenhum inconveniente de ordem disciplinar com os participantes dos seguimentos religiosos.¹⁵⁰

¹⁴⁸ Respostas recebidas de entrevista ao agente penitenciário da CDC, “A”, 17 out. 2021 (informação escrita).

¹⁴⁹ Dados colhidos em entrevista com os Agentes Penitenciários, conforme Anexo B4 (informação escrita).

¹⁵⁰ (informação escrita). Veja nota 149.

Gráfico 3. Conduta, sinceridade e privilégios dos reclusos religiosos – Ótica dos funcionários¹⁵¹

No presídio de Cacoal atuam algumas entidades religiosas que devido à pandemia da Covid-19 tiveram as suas atividades interditadas. As Igrejas, Assembleia de Deus, Católica, Adventista do Sétimo Dia, Batista Videira, Universal do Reino de Deus e Congregação Cristã do Brasil, temporariamente, realizaram atividades evangelizantes nesse cárcere, entretanto, poucas conseguiram permanecer. Nos últimos anos, três Igrejas atuaram com mais intensidade: a Igreja Assembleia de Deus, a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Congregação Cristã do Brasil. Vale ressaltar também a atuação da Apac.¹⁵²

A Apac no presídio de Cacoal trabalha para recuperar o detento, assistindo-o espiritual, psicológica, médica e juridicamente. Segundo o presidente, este projeto é antigo, atua desde 1979 executando alguns convênios com as empresas. A partir do ano de 2017, tomou novos nortes, iniciando a primeira turma de apaqueanos com vinte e três pessoas, e hoje, já com a segunda, tem vinte e oito homens do regime fechado. Diferente do sistema convencional, esses presos contam com bens básicos, conforme o presidente Antônio Mazzioli:

No local da (pré-apac) têm cama de madeira, colchão, os reeducandos não dormem como no sistema fechado, sobre jirau de cimento. Dispõem de uma série de coisas permitidas, por exemplo: um pequeno fogareiro; alimentação diferenciada, uma fruta, uma verdura. Eles já têm alguma vantagem como recompensa desse processo que avança a cada dia para a reintegração social, e estão sendo preparados para voltar a sociedade de uma maneira diferenciada daqueles do sistema comum.¹⁵³

¹⁵¹ (informação escrita). Veja nota 147.

¹⁵² (informação escrita). Veja nota 143.

¹⁵³ Dados extraídos de entrevista ao presidente da Apac da CDC, Antônio Mazzioli, 20 ago. 2020, conforme Anexo B3 (informação escrita).

O espaço físico da Apac ainda é no interior do presídio, dispõe de geladeira, freezer, água filtrada, os reeducandos entram e saem para o trabalho sem contato com os demais internos. O objetivo da organização é construir sua sede em local separado. Nesse espaço, os internos além de estudar e trabalhar, separam um momento próprio para meditação espiritual. Mesmo em meio à pandemia, na ausência da pastoral carcerária, continuam a cumprir as regras de devocionais matinais com orações pelas refeições e leitura bíblica diária. Desde a sua criação no município, não há registro de fuga de reeducandos, ponto deveras relevante para a associação. “A Apac é algo de Deus”¹⁵⁴, assegura o presidente.

Com instrumental metodológico preparatório próprio, essa agência acredita proporcionar suporte socializador ao reeducando, visando o seu regresso à sociedade amadurecido e humanizado emocional, espiritual e gregariamente. O empenho é direcionado no sentido de conscientizar o criminoso de suas agressões praticadas e dos prejuízos advindos de tais ações, em simultâneo, gerar incentivo e comprometimento de uma vida diferente, conforme reforça Antônio Maziole:

Aqueles acometidos de dependência química precisam tratar-se, os demais que cometeram delitos no tocante ao homicídio e a tudo mais, reconhecer o próprio erro, saber que são filhos de Deus e que Deus olha por eles. [...]. Na Apac passam a viver de outra forma, pensando em outras coisas e se descontaminando desse mundo do crime.¹⁵⁵

O Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadanias – Cejus, autoriza ao preso cumprir a sua pena na associação assistencial aos condenados, onde recebem aprendizado diferenciado. Em Cacoal busca-se um espaço adequado para a instalação dessa relevante instituição, não para facilitar ou desobrigar o reeducando de cumprir sua pena, pelo contrário, auxiliá-lo a trabalhar, estudar e praticar laboroterapia na confecção de artesanatos.

Segundo informe do Departamento Penitenciário Nacional, a casa de detenção de Cacoal, no período de janeiro a junho de 2020, abrigou 465 apenados (de ambos os sexos): 205 do espaço fechado, 32 do semiaberto, 115 do aberto e 113 provisórios. Destes, 20 são do sexo feminino. Quanto à movimentação, houve 47, sendo 38 entradas (29 inclusões originais e 9 transferências) e 9 saídas (1 óbito e 8 alvarás de soltura).¹⁵⁶

Fazendo um comparativo entre o ano 2019, quando a Casa de detenção possuía 347 internos (sendo destes, 11 do sexo feminino), e 2020, no mesmo período, de janeiro a junho,

¹⁵⁴ (informação escrita). Veja nota 153.

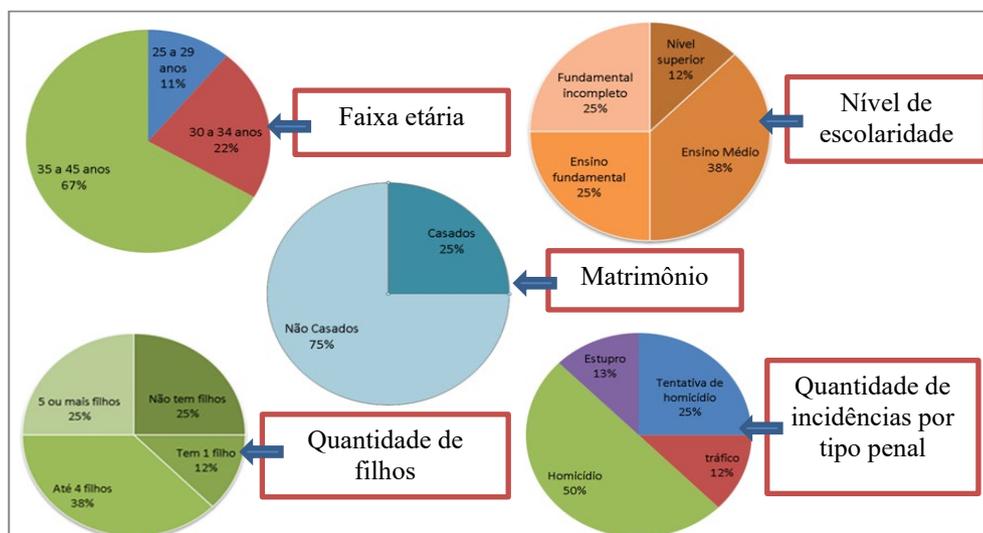
¹⁵⁵ (informação escrita). Veja nota 153.

¹⁵⁶BRASIL. LEVANTAMENTO NACIONAL DE INFORMAÇÕES PENITENCIÁRIAS. (Infopen). 2020. [online].

observa-se um acréscimo de 118 (25,37% a mais) detentos, e o número de internas saltou de 11 para 20 (45% a mais), revelando uma realidade geral da sociedade brasileira, tanto das pequenas cidades quanto das metrópoles.

Conforme a entrevista realizada com os reeducandos dessa casa de detenção, em outubro de 2020, quando foram entrevistados dez deles aleatoriamente, detectou-se respectivamente sobre suas características: faixa etária, matrimônio, quantidade de filhos, nível de escolaridade, fração de incidências por tipo penal, que 11% estão na faixa etária dos 25 a 29 anos, 22%, dos 30 aos 34, e 67%, dos 35 aos 45. Desses 25% são casados e 75% não; 25%, não possuem filhos, 12% apenas 1, 38%, até 4, e 25% reúne 5 ou mais; 12% cursaram nível superior, 38%, Ensino Médio, 25%, educação fundamental, e 25%, fundamental incompleto; 25%, respondem por tentativa de homicídio, 12%, tráfico, 50%, assassinato, e 13%, estupro.¹⁵⁷

Gráfico 4. Descrição característica dos reclusos¹⁵⁸



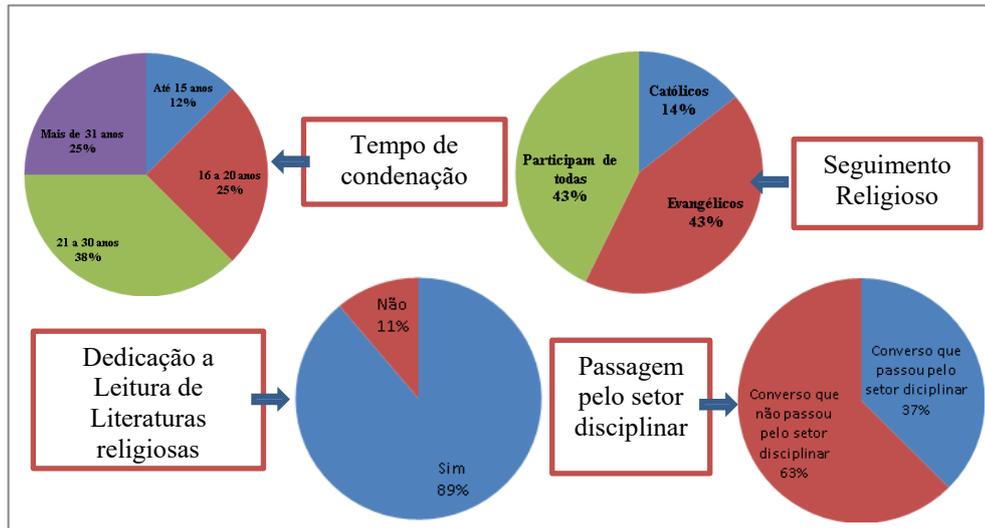
Detectou-se ainda que, a maioria dos presos recebeu penas de mais de 20 anos: 12%, até 15; 25%, de 16 a 20; 38%, de 21 a 30; e 25%, de 31 ou mais. Desses, acompanham todos os seguimentos religiosos 43%, seguem apenas as denominações evangélicas, 53%, pertencem ao seguimento Católico Romano, 14%; 37% declaram ter passado pelo setor disciplinar após seguirem a religião e 63% afirmam posteriormente à conversão à fé não ter comparecido nenhuma vez nesse departamento; 33% não sentem dificuldades em praticar a crença aderida, 33% encontram um pouco de impedimento e 34% dizem ser muito difícil cumprir as regras da

¹⁵⁷ Dados extraídos de entrevista realizada com os reeducandos da CDC, 20 ago. 2020, conforme Anexo B6 (informação escrita).

¹⁵⁸ Informações extraídas do Anexo B6. Elaboração própria, dados inéditos, 2021.

nova vida iniciada; 89% assumem que gostam de ler a Bíblia e outras literaturas religiosas, já 11% registram não ter facilidade com a leitura.¹⁵⁹

Gráfico 5. Características religiosas dos reclusos e tempo de condenação¹⁶⁰



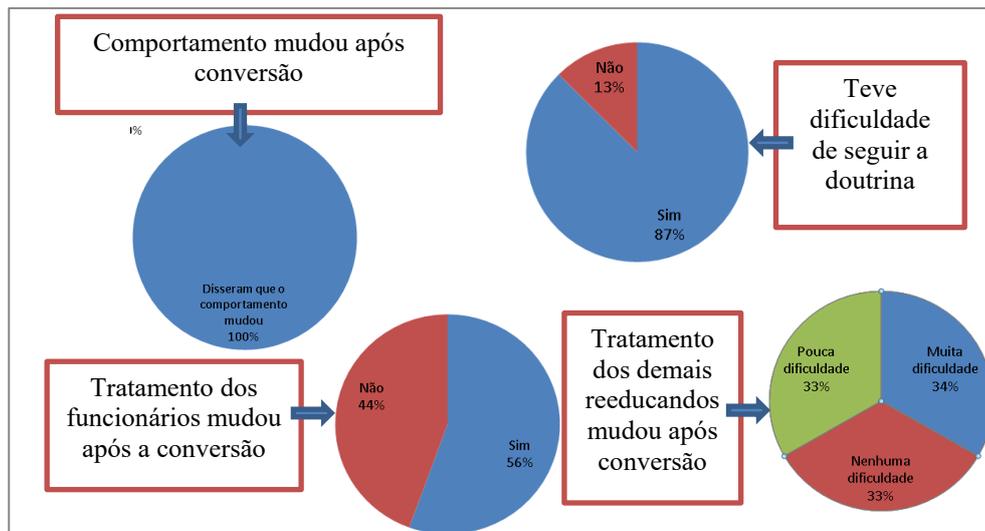
Ao analisar o tempo de sentença, como se observa no gráfico, 38% receberam condenação de 21 a 30 anos. Ponderou-se que muitos internos professam a fé cristã, mas não se declaram adeptos de nenhuma denominação religiosa, por isso, participam das reuniões de todas. As reuniões dos evangelistas acontecem várias vezes na semana — quarta, sexta, sábado e domingo — e a quantidade de agentes da fé em cada reunião se resume ao número de no máximo seis pessoas. Nesses momentos de devoção os visitantes trazem várias literaturas cristãs, e como o preso dispõe de muito tempo, são motivados a estudar constantemente a Bíblia e fazer os cursos bíblicos oferecidos. Percebe-se também que após o reeducando aderir a um seguimento religioso, diminuiu ou deixou de haver passagem pelo setor disciplinar.

Quanto à transformação experimentada seguidamente a anuência a um seguimento doutrinário: 100% alegaram terem seus comportamentos mudados; 56% dizem que passaram a ser tratados diferentes pelos funcionários do complexo e 44% não perceberam atenção distinta; 87% entendem que os demais reeducandos começaram a tratá-los com mais respeito e 13% não notaram alteração na gentileza e consideração dos demais; 56% relatam que se sentem vigiados pelos companheiros de cela, que cobram compromisso pela decisão feita, aderindo a alguma igreja, 44% não identificam esta exigência dos demais.¹⁶¹

¹⁵⁹ (informação escrita). Veja nota 157.

¹⁶⁰ Informações extraídas do Anexo B6. Elaboração própria, dados inéditos, 2021.

¹⁶¹ (informação escrita). Veja nota 157.

Gráfico 6. Mudanças após a conversão – Ótica dos detentos¹⁶²

Conforme o gráfico, esses detentos tiveram transformação de hábitos e pensamentos após a adesão a um seguimento Cristão, as atitudes significativamente mudaram segundo depoimento de 100% dos detentos. Esse fenômeno evoca atenção ao se avaliar o ambiente ameaçador enfrentado no cotidiano dos enclausurados, justificativa usada como explicação para a complexidade de se seguir o compromisso religioso. Por outro lado, quando um preso adere a um seguimento religioso produz esperança aos funcionários, o noviço tem oportunidade de provar melhoras no comportamento, conseqüentemente poderá ser tratado com distinção por alguns servidores. A presença religiosa na cadeia de Cacoal tem proporcionado significativos benefícios segundo os internos. Alívio, esperança e momentos de alegria são alguns dos resultados desse relevante serviço.¹⁶³ Receber a oportunidade de ser “regenerado” como propõe os religiosos é salutar, mas há entre os presos aqueles que não concordam, verberam que fraqueza é a causa de muitos aderirem a uma religião, como afirma o reeducando “B”: “[...] debocham quando nos reunimos para os cultos”¹⁶⁴.

A entrevista com os egressos registrou sobre a fé cristã como instrumento de ressocialização do recluso que, 40% estão seguindo as igrejas Assembleias de Deus, 40%, a igreja batista e 20%, não identificaram o seguimento religioso, o que deduz a possibilidade de não estar pertencendo a nenhuma denominação. Dentre esses, 80% estão trabalhando, alguns, no seu próprio negócio, outros, como pedreiros autônomos e ainda há os que executam serviços gerais, apenas 20% estão desempregados. Parece que os que praticam delitos de assassinato e tráfico de entorpecente têm menos dificuldades para encontrar emprego, e pela pesquisa, esses

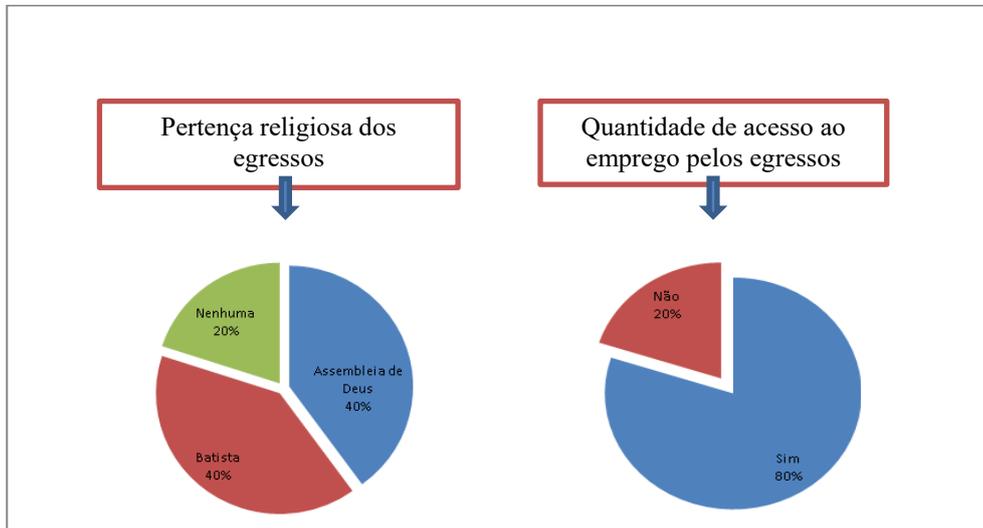
¹⁶² Informações extraídas do Anexo B6. Elaboração própria, dados inéditos, 2021.

¹⁶³ Dados colhidos em entrevista com o Egresso “B”, conforme o Anexo B5 (informação escrita).

¹⁶⁴ (informação escrita). Veja nota 163.

são os crimes que predominam nessa casa de detenção, principalmente o homicídio, dado apresentado no gráfico quatro.¹⁶⁵

Gráfico 7. Pertença religiosa e acesso ao emprego pelo egresso¹⁶⁶



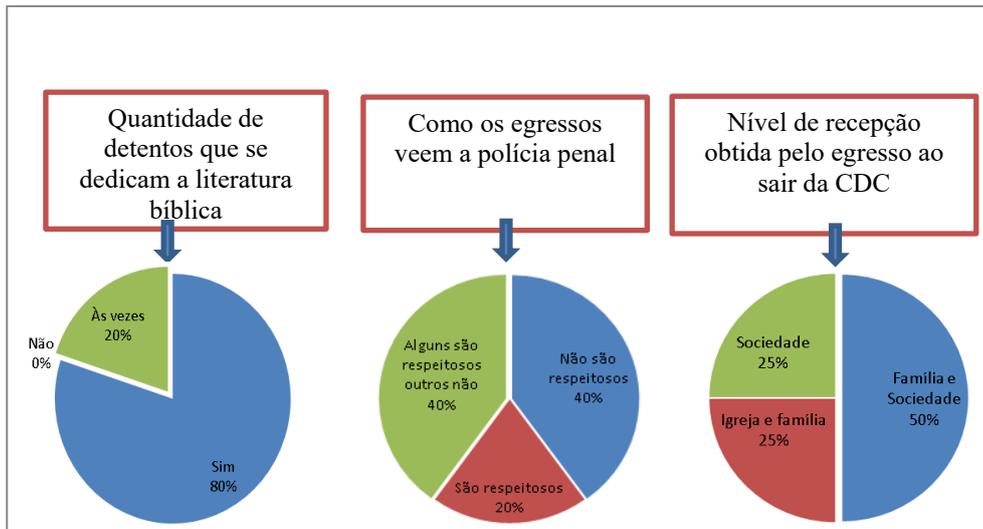
O mundo fora do presídio, para o egresso constitui-se outro universo e os desafios são tantos a ponto de, no afã da sobrevivência, alguns esquecerem que no presídio professavam a fé. Poucos deles procuram os missionários para auxiliá-los ou mesmo para agradecê-los as atividades voluntárias ganhas. Permanecer defendendo a fé fora da casa de prisão, por si só, já é um avanço, a falta de recursos e de suporte humano amigo auxiliador, que por vezes acontece, produz tamanha lacuna, afastando a pessoa do compromisso com a frequência na igreja.

Os funcionários do presídio nem sempre deixam boa imagem para o egresso, 20% afirmam que os agentes públicos do complexo são respeitosos para com os reeducandos, 40% falam que recebem às vezes tratamento digno, mas 40% dizem ser tratados com desrespeito e autoritarismo. Quanto ao grau de recepção obtida pela sociedade, pela família e pela igreja no momento da saída, observa-se, que os agentes religiosos estão em desvantagem, haja vista, 50% dos liberados pela justiça terem sido acolhidos pela parentela e pela comunidade, 25%, apenas pelos parentes, e tão somente 25% tiveram apoio dos missionários e do lar; 20% desses disseram que estudam às vezes a Bíblia ou outra literatura religiosa, 80% garantem ler constantemente tais bibliografias.¹⁶⁷

¹⁶⁵ Dados extraídos de entrevista realizada com os egressos da CDC, 20 ago. 2020, conforme Anexo B5 (informação escrita).

¹⁶⁶ Informações extraídas do Anexo B5. Elaboração própria, dados inéditos, 2021.

¹⁶⁷ (informação escrita). Veja nota 165.

Gráfico 8. Os egressos e a polícia penal, a recepção, e o compromisso bíblico¹⁶⁸

Para a maioria dos egressos o atendimento feito pelos funcionários da casa de detenção precisa melhorar, o egresso “B” alegou: “No meu ponto de vista, na justiça são todos incompetentes, pois, não trabalham do modo certo, e os funcionários do presídio, alguns são bons, mas outros ficam oprimindo os detentos”¹⁶⁹. No extramuros, o sentimento e a visibilidade da realidade prisional acabam recebendo novos contornos, alguns outrora condenados buscam distância do presídio, sentem-se mal ao ouvir sobre o assunto.

A massa social está despreparada para acolher o egresso, são poucos os projetos políticos públicos ofertantes de profissão e acesso ao trabalho. O preconceito, seguido pelo temor são os maiores inimigos. É habitual detentos despedirem-se da cadeia devendo, tanto para a sociedade externa quanto interna, o que reforça ainda mais a probabilidade de volta ao domínio da delinquência. Nessa conjuntura, os egressos carecem de suporte imediato das instituições e das pessoas certas. Empresas, igrejas e instituições filantrópicas podem cooperar na ressocialização, mas por diversos motivos, a começar da desinformação do ex-prisioneiro, poucos recebem atenção. Principalmente, os visitantes religiosos, responsáveis pelo serviço da fé, deveriam projetar-se junto às autoridades prisionais para recepcionar cada detento, encaminhando-o ao seu seguimento de fé, no momento que recebem permissão para deixar a detenção.

¹⁶⁸ Informações extraídas do Anexo B5. Elaboração própria, dados inéditos, 2021.

¹⁶⁹ Resposta fornecida pelo egresso da CDC, “B”, 01 out. 2021, hoje, médico certificado por uma Universidade da Bolívia.

3.2 As ações que mitigam a dor do isolamento na Casa de Detenção do município de Cacoal/RO

A adesão de um interno na casa de detenção de Cacoal a uma religião como em qualquer outro presídio do país, não auxilia em redução de pena, neste também não há favorecimento com cela especial, pois, esta casa de detenção, segundo o líder religioso “C” – que conhece o movimento evangelizante deste cárcere desde 2004 –, nunca houve celas separadas para detentos conversos. Entretanto, a liberdade de acesso para a realização das tarefas religiosas demonstra que a vida dos internos tem se tornado mais calma: a leitura bíblica, a oração, o culto cristão, os hinos religiosos, o atendimento com bens materiais, a visitação aos familiares de reeducandos e o acompanhamento aos egressos constituem um lenitivo para o privativo nesta Unidade.¹⁷⁰

O ensino da prática da devoção à divindade através da leitura bíblica e da oração são práticas principais no serviço dos missionários. Estes acreditam que as Escrituras cristãs são alicerce, afirmam que o Evangelho de Cristo ensinado engendrou mudança na vida de muitos detentos. Algumas autoridades civis também acreditam nisso, vários projetos de leis, alguns já aprovados, desenrolam-se no Brasil visando à remição de pena pela leitura bíblica e de outras literaturas, como reporta o jornal G1-MA:

Além do Maranhão, projetos de leis com o mesmo objetivo também já foram aprovados em estados como São Paulo e Ceará. Em São Paulo, por exemplo, a leitura é dividida em 39 livros do Velho Testamento e 27 do Novo, totalizando 66 livros. A leitura de cada um destes livros passa, então, a ser uma obra literária concluída.¹⁷¹

É consensual entre os presos, agentes religiosos e carcerários a ação transformadora da Bíblia na vida dos internos. Um deles ao ser entrevistado respondeu que além de ler a Bíblia, faz curso do Ibadep (Instituto Bíblico da Assembleia de Deus - Ensino e Pesquisa), que contém 20 módulos e duração de dois anos. O líder religioso, “C” esclarece que nos anos 2004 havia um termo de cooperação entre os religiosos e a escola bíblica Ibadep, fornecedora dos módulos gratuitos, a todos os detentos de Cacoal interessados, muitos participaram desse projeto, e conforme ficha de frequência arquivada, mais de dez pessoas cursavam as matérias.¹⁷² Assim não somente o livro sagrado dos cristãos, mas também outras literaturas bíblicas contribuem para abrandar o peso da pena. Coaduna com essa visão o pesquisador Gilmar Dias Silva, quando

¹⁷⁰ Explicações apresentadas pelo agente religioso da CDC, “C”, 30 ago. 2021, conforme Anexo B2 (informação escrita).

¹⁷¹ G1. Sancionado projeto de lei que diminui pena de presos que lerem livros da Bíblia no Maranhão. *G1*. Maranhão, 31 ago. 2020. [online].

¹⁷² (informação escrita). Veja nota 169.

escreve: “A leitura bíblica ou outras literaturas evangélicas ajudam a amenizar a solidão e as reações depressivas [...], a leitura também produz conforto e aconchego devido à falta de calor humano”¹⁷³.

Os detentos veem na oração outro recurso de escape e conforto frente às agruras dos momentos de enclausuro da cela. Hernandes Dias Lopes diz: “A oração é uma via de mão dupla, onde nos deleitamos em Deus e Deus tem prazer em nós”¹⁷⁴. Paul Tillich anota:

Toda oração e meditação, se cumprem seu sentido, isto é, se reúnem a criatura com seu fundamento criativo. São revelatórias neste sentido. As marcas da revelação — mistério, milagre e êxtase — estão presentes em toda oração verdadeira. Falar a Deus e receber uma resposta forma uma experiência extática e Milagrosa; transcendem todas as estruturas comuns da Razão subjetiva e objetiva. Constituem a presença do mistério do ser e uma efetivação de nossa preocupação última.¹⁷⁵

Para muitos privativos de liberdade a oração é um ato devocional ativador da conexão por palavras, que proporciona uma conversa com o transcendente, ação que envolve louvor, adoração, petição, humildade por parte do praticante e quando dotada de sinceridade traz transformação e mudança interna, proporcionando resultados que são muitas vezes refletidos externamente no caráter mudado. Pelas respostas, percebe-se que oração os torna mais fortes, capazes de enfrentar a cadeia e as adversidades da vida. Ao aprenderem a meditar destacam que a vida se apresenta mais otimista. Em sua resposta quando entrevistado sobre a importância e significado desse hábito para o detento, o egresso “B” respondeu:

Alívio! Alívio e uma esperança. Encontrava a paz porque, fora do momento da oração e da leitura da Bíblia [...] dava uma angústia, uma aflição, uma vontade de sair, principalmente no meu caso que tenho claustrofobia e o ambiente que era pra comportar oito pessoas tinha vinte e uma, tudo isso trazia certa angústia ao lembrar que lá fora tinha uma cama, ali quando a pessoa retornava do banheiro jogava água em mim. Então quando orava, o Espírito Santo me tirava de lá de dentro durante esses momentos, e eu me sentia livre, e olhava para as grades e dizia: vocês não têm poder de prender-me.¹⁷⁶

Quase todas as semanas antes da pandemia os agentes religiosos atuavam dirigindo cultos na CDC, todavia, além desses, cultos também são dirigidos pelos próprios presos em seus espaços. Há celas com pessoas que cultuam todas as semanas entre si, com horário já pré-estabelecido, quando o autor desse trabalho foi ao presídio pedir permissão para entrevista às 18 horas, um desses momentos estava acontecendo em uma das celas e pôde ouvir os hinos e orações realizadas por internos que reunidos adoravam a divindade. O serviço religioso dos

¹⁷³ SILVA, 2017, p. 18.

¹⁷⁴ LOPES, Hernandes Dias. *As faces da espiritualidade*. São Paulo: Candeia, 2000, p. 70.

¹⁷⁵ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 139.

¹⁷⁶ (informação escrita). Veja nota 169.

missionários tem como finalidade principal atender às necessidades espirituais dos detentos e isso acontece a partir da realização dos cultos, ato sagrado que, Jostein Gaarder define da seguinte maneira:

O conjunto das cerimônias religiosas de uma religião é conhecido como culto ou liturgia. A palavra, culto (do verbo latino colere, 'cultivar') é empregada, em geral, para significar 'adoração', mas na ciência das religiões é um termo coletivo que designa todas as formas de rito religioso. O culto promove o contato com o sagrado, [...].¹⁷⁷

Esse ritual na CDC envolve todos os presentes interessados, que passam a ter liberdade de se expressar, ler a Bíblia, ou cantar um hino. Essa prática desperta em muitos o desejo desses períodos com mais frequência, e a melhor maneira de se ter isso, é cultuando entre si em horas agendadas com o aval de todos. O instante que antecede o culto é de preparação, escolhas de textos bíblicos para apresentar no período da liturgia, separação de hinos, dedicação e uma maior entrega à devoção: muitos reservam períodos de oração e até jejuam com propósitos de terem um instante de comunhão, prática que titulam de “sentir a presença de Deus e ouvir Deus falar”¹⁷⁸. Os momentos mais esperados no presídio são os da visita familiar e os da reunião para os cultos, sejam eles com os pastores ou mesmo aqueles dirigidos pelos próprios detentos.

Dentre os fenômenos que se destacam na vida do preso como conforto está a música, que passa a fazer parte da vida dos internos religiosos. Com as composições dos muitos cantores/cantoras “gospel” do Brasil, os detentos tomam tempo decorando letras e ritmos para depois exporem suas habilidades, louvarem e adorarem a deidade de suas crenças. Esse Fenômeno ratifica a ideia de que essa arte está vinculada aos seres humanos, que manifestam seus próprios gostos por um ou outro gênero, pois, como o alimento, cada indivíduo apresenta sua espontânea aptidão. A doutora Marisa Trench de Oliveira Fonterrada declara que desde os gregos a música destaca-se entre as artes como expressão da alma:

Em Platão, como na filosofia grega de modo geral, a música ocupa uma posição de liderança em relação às outras artes. Acredita-se que seja possível estabelecer estreitas analogias entre os movimentos da alma e as expressões musicais. Assim, o propósito da música não poderia ser apenas a diversão, [...].¹⁷⁹

¹⁷⁷ GAARDER, Jostein; HELLEM, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. 7ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 23.

¹⁷⁸ (informação escrita). Veja nota 170.

¹⁷⁹ FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: Um ensaio sobre música educação*. São Paulo: Unesp, 2005, p. 19.

A música nesse tempo possuía um valor ético, modelador e integrador do jovem a sociedade¹⁸⁰, função essa que no presídio calha bem hoje, seja ela exercida nos cultos, ou de forma individual nas celas e até enquanto o interno toma banho. A melodia envolve os sentimentos, perpassa o intelecto e por vezes gera lágrimas, e estas quando sinceras limpam a alma amargurada promovendo sensação de recomeço, de novas oportunidades. Santo Agostinho, já em seus dias, percebia a beleza musical como instrumento de acesso ao transcendente. São suas estas declarações: “[...] quando me lembro das lágrimas derramadas ao ouvir os cânticos da vossa Igreja [...] em voz límpida e modulação apropriada, reconheço, de novo, a grande utilidade desde costume”¹⁸¹.

Além da música, na casa de detenção existem detentos que praticam a arte de tocar. Segundo o líder religioso “B”, não era preciso trazer tocadores de violão, porque entre os internos já havia hábeis musicistas que além de fazerem percutir instrumentos na cadeia, ensinam os outros presos interessados em desenvolver tal vocação, principalmente a de tocar violão.¹⁸² Os reeducandos têm nesse local inóspito uma grande oportunidade de descobrir ou desenvolver seus dons naturais, em alguns casos, mesmo sem a presença de um instrutor. O reformador Lutero teve essa experiência: “Enquanto se recuperava de um ferimento, Lutero aprendeu, sem professor, a tocar o alaúde e a compor. [...] Quando monge, Lutero aprenderia o canto gregoriano. Vale lembrar que a Ordem Agostiniana Eremita levava a música muito a sério”¹⁸³.

Nota-se no quesito regalias usufruídas na CDC pelos privativos de liberdade, a preocupação dos operadores da fé em realizar um serviço completo, atendendo além das necessidades espirituais, também as físicas, oferecendo recursos de subsistência, principalmente àqueles que não contam com a presença dos familiares para visitá-los, ou subsidiá-los com bens materiais que nem sempre são oferecidos pelo Estado. Segundo a pastoral católica e o pastor das Assembleias de Deus, sempre que preciso doam ventiladores, colchões, produtos de limpeza, higiene pessoal e alimentação. Houve época, segundo o pastor em que nos finais de ano ou em datas comemorativas como dias dos pais, os agentes religiosos se

¹⁸⁰ FONTERRADA, 2005, p. 19.

¹⁸¹ AGOSTINHO, 1980, p. 240.

¹⁸² Explicações apresentadas pelo agente religioso da CDC, “B”, 23 jul. 2021, conforme Anexo B2 (informação escrita).

¹⁸³ LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*, vol. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995, p. 475, 476.

programavam e compravam picolés, sorvetes, salgados e refrigerantes, e comemoravam com os internos, nos momentos das reuniões.¹⁸⁴

A questão material é muito ressaltada pelos presos, pois, a penitenciária torna-se um mundo construído separadamente do universo extramuros. Às vezes a reincidência está atrelada a essa necessidade de viver dentro daquele universo. As amizades internas tornam-se dependência, e um estilo de vida é convencionado e institucionalizado mentalmente, obstruindo a visão viabilizadora de existência em outro ambiente. Quando um dos colegas recebe alvará de soltura, os que ficam tratam logo de solicitar os bens do dispensado, Maria Thereza Coelhos, Milton Carvalho Filho enfatiza:

Faz parte do ritual de saída as doações dos bens agregados durante o aprisionamento. Os outros presos, geralmente os mais próximos, denominados ‘irmãos de cela’, ao saberem da saída de um companheiro solicitam a sua herança material da prisão: TVs, rádios e até objetos pessoais como canecos e pratos são doados aos que ficam. Poucos levam para casa os objetos que conseguiram juntar na prisão ao longo dos anos e alguns vendem para os outros como forma de angariar algum dinheiro para a saída. Doar bens estabelece uma forma de solidariedade entre os presos, uma maneira de comunicar uma irmandade através da herança.¹⁸⁵

Por outro lado, segundo o egresso “B”, nos tempos em que esteve encarcerado, não teve apoio dos agentes religiosos com recursos materiais, sempre que precisou, teve que trabalhar com produtos artesanais em cela, ou no próprio pátio da CDC. Conquanto, a dependência dessas economias seja evidente e que ocasionalmente suprida serve de bálsamo, percebe-se que os missionários, por vezes, estão mais preocupados com o atendimento espiritual, deixando a doação de haveres, em segundo plano. Aqui é relevante a lembrança das recomendações bíblicas cristãs, doutrinando sobre a assistência material paralela a espiritual, como observou o apóstolo Tiago:

Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Porventura, a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? (Tiago 2.14-16).

Os detentos demonstram muita satisfação e gratidão quando são informados que seus parentes: pai, mãe, irmãos foram visitados e atendidos com bens espirituais e materiais por algum participante dos grupos de missões no presídio. Muitos deles, quando estavam livres

¹⁸⁴ Explicações apresentadas pelos agentes religiosos da CDC, “A” e “B”, conforme Anexo B2 (informação escrita).

¹⁸⁵ CARVALHO FILHO, Milton Julio de. Sujeitos da fronteira. A saída da prisão *IN*: COELHOS, Maria Thereza Ávila Dantas; CARVALHO FILHO, Milton Julio de. [orgs.]. *Prisões numa abordagem interdisciplinar*. Salvador: Edufba, 2012, p. 179-195. p. 188.

viviam desligados de suas obrigações com a família, mas uma vez cerceados da liberdade, tudo aquilo que não fizeram de bom, o tempo e a presença que deixaram de dedicar, vem à consciência como um corretivo que reforça ainda mais a mazela da pena.

A noção de recuperabilidade ventila no ambiente carcerário entre os detentos numa dicotomia, recuperáveis/irrecuperáveis: é passível de retorno à sociedade aquele que prima pelo trabalho e pela família, opondo-se àquele que não menciona seus familiares e deixa transparecer desinteresse profissional por algum ofício. Lecionando sobre o assunto escreve José Ricardo Ramalho:

Os presos costumavam se referir à família, ou às relações familiares, como fundamentais para o processo de recuperação. Valorizar a família equivalia a um sinal de recuperabilidade, significava a possibilidade de voltar ao mundo do trabalho. O contrário implicava em afirmar os valores do mundo do crime. Juntamente com o trabalho, a família representava um forte laço de ligação do preso com seu possível retorno à vida na sociedade.¹⁸⁶

Dessa forma, entender a importância da família no processo de integração do recluso, acaba fazendo parte do serviço espiritual dos agentes, haja vista, o ser humano não se desenvolver fragmentado. Isso implica em responsabilidade por parte de quem trabalha a restauração humana e o preparo para reintegrar o indivíduo plenamente, ou seja, atendendo além desse, outras demandas que o envolve. Pesquisadores, cientistas sociais e autoridades das diversas áreas das emoções, e da saúde destacam a relevância do pilar família, para a recuperação do semelhante. No contexto prisional, o apoio dos agentes religiosos aos parentes tem agudo significado, porque o trabalho espiritual é uma maneira de educar para a cidadania, e surge como uma educação aliada ao amor que deve ser devotado pela família, como destaca Gabriel Chalita: “Na educação prisional, uma relação de amor familiar torna possível o cumprimento do desenvolvimento integral do preso, [...] na medida em que o processo didático complementa a ação da família e da comunidade”¹⁸⁷.

Após analisar alguns recursos e meios oferecidos, intuindo a atenuação dos infortúnios da realidade prisional interna, ocorre a necessidade do acompanhamento extramuro daqueles que retornam a sociedade. Esse processo de voltar ao convívio social é algo natural, visualizado pela lei aplicadora da pena ao delinquente. Na legislação brasileira, medidas são apresentadas objetivando a orientação ao regresso à sociedade. Nesse momento de recomeço, a presença dos líderes religiosos assistentes no presídio é certamente aguardada pelo egresso e servirá como

¹⁸⁶ RAMALHO, José Ricardo. *Mundo do Crime a ordem pelo avesso*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2008, p. 76.

¹⁸⁷ CHALITA, Gabriel. Lugar de família é na escola. *Revista Aprende Brasil*. a. 2, n. 3, p. 35- 56, 2005.

sustentáculo redutor de reincidência da atividade delituosa. Conforme Durval Andrade, faz parte do programa da Apac, “acompanhar os indicadores e as metas de reinserção social do egresso do sistema prisional”¹⁸⁸.

Na prática, todavia, a assistência aos egressos da CDC mostra-se vagarosa, tanto pela Apac quanto pelas organizações religiosas. Vê-se isso pelo depoimento de alguns, dentre eles o egresso “A” que disse não ter tido apoio de ninguém, exceto Deus e um amigo, e afirmou: “A maior dificuldade encontrada por um egresso é o trabalho. Trabalhei um ano de graça, depois saí à procura de emprego de cabeleireiro, pois, a prefeitura paga apenas R\$ 700,00, não vale a pena”.¹⁸⁹ A maioria dos absolvidos quando presenciam a abertura dos portões penitenciários, sentem a sensação de impotência para enfrentar os desafios estampados à frente. Nesse instante a presença do agente missionário seria um lenitivo, mas nem sempre ela está por ali.

Testemunham os detentos e os agentes religiosos que a voluntariedade dos pregadores da fé tem sido sempre exposta, entretanto, nem sempre o egresso procura o líder religioso dos cultos no presídio ou uma instituição religiosa para proteger-se. Não foi o caso do egresso “B”¹⁹⁰, que relata ter sido acolhido tão bem pela Igreja, a ponto de ter essa bancado metade de sua mensalidade no curso de medicina, oferecido pela Universidade da Bolívia, hoje, já formado, reconhece a contribuição. Outro depoimento, este do egresso “D”, declara: “Fui bem recebido pela Igreja, mais ainda pela família. Não tinha amizade forte com meu pai, hoje possuo”¹⁹¹. Logo, a assistência ao egresso robustece os laços sustentadores da reinserção social: com auxílio material, espiritual, à saúde, emocional, judiciário e familiar, ancorando o indivíduo frente ao instinto preconceituoso de parte da sociedade em acolher alguém recém-livre do espaço privativo de liberdade.

3.3 Os resultados advindos da aceitação da fé cristã e suas implicações na ressocialização do detento

Ao aderirem a um seguimento religioso, naturalmente o detento passa por mudanças iniciadas no momento da decisão e que se prolongam até após egresso. Essas modificações sucedem consigo mesmo, no relacionamento com a família e no convívio com a sociedade. No entanto, na junção entre fé e privativo de liberdade, a dicotomia benefício/malefício torna-se

¹⁸⁸ ANDRADE, Durval Ângelo. APAC: a face humana da prisão. 4 ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2016, p. 58.

¹⁸⁹ Explicações apresentadas pelo Egresso da CDC, “A”, conforme o Anexo B5 (informação escrita).

¹⁹⁰ (informação escrita). Veja nota 169.

¹⁹¹ Explicações apresentadas pelo Egresso da CDC, “D”, conforme o Anexo B5 (informação escrita).

possível, a depender da intensão do recluso ao se agregar ao movimento religioso, ou mesmo das finalidades internas secretas dos missionários. A partir dos dados colhidos nas entrevistas veem-se vantagens em aspectos familiares, sociais, físicos, emocionais, financeiros e espirituais; conveniências essas que podem promover oportunidades aos mal-intencionados de hipocritamente se utilizarem da fé para aplicar golpes de furto, fuga, e outras malandragens como tentar subornar os próprios religiosos, atenuando ainda mais a visão negativa que se perpetua do universo prisional.

Um dos grandes benefícios propiciado pela fé no interior da CDC, aparenta ser a mudança desenvolvida no indivíduo, refletida nas ações modeladoras de novo caráter. Desenvolver uma afinidade otimista com a espiritualidade conduz ao equilíbrio mental e previne depressões, transtornos psíquicos, e suicídios. Para o agente penitenciário “A” o recluso que participa dos grupos religiosos “[...] consegue manter a disciplina e o cumprimento das normas relacionadas ao cumprimento da pena [...]”¹⁹². O agente “C” assegura que “O trabalho religioso é superimportante na esfera penal, é uma das formas de se moldar o caráter do reeducando”¹⁹³. Atesta ainda o funcionário “D” que “o apenado ao aprender e estudar a palavra procura vivenciá-la no dia a dia com espírito de fraternidade”¹⁹⁴.

Caminhando nesse sentido, depreende-se que, a adesão à fé estimula a vida em comunidade e a pertença a um grupo religioso facilita o afastamento da solidão ao proporcionar oportunidades de convivência em torno de uma mesma ideologia ou crença. Obviamente não se questiona aqui se essa fé/crença parte de um espírito consciente ou não, se quem a segue compreende seu significado e dimensão. Paull Tillich afirma que “A fé contém os elementos de coragem e risco; na experiência Mística, estes elementos, que pressupõem a ruptura entre sujeito e objeto, são transcendidos”¹⁹⁵. Leonardo Boff declara que “A religião, a arte e o cinema podem ser drogas. Com elas rompem-se todos os limites, vive-se a onipotência e se voa para além dos limites da condição humana cotidiana”¹⁹⁶. Todavia, o objetivo que se mantém em voga aqui não é a dimensão da fé, mas sim os resultados decorrentes da associação a tal objeto.

¹⁹² Explicações apresentadas pelo Agente Penitenciário da CDC, “A”, 17 Out. 2020, conforme o Anexo B4 (informação escrita).

¹⁹³ Explicações apresentadas pelo Agente Penitenciário da CDC, “C”, 17 Out. 2020, conforme o Anexo B4 (informação escrita).

¹⁹⁴ Explicações apresentadas pelo Agente Penitenciário da CDC, “D”, 17 Out. 2020, conforme o Anexo B4 (informação escrita).

¹⁹⁵ TILLICH, 2005, p. 685.

¹⁹⁶ BOFF, Leonardo. *Tempo de Transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p. 22.

Nesse ponto, a fé apresenta-se como um remédio para alma, um oásis de esperança a refrigerar e fortalecer àqueles que lutam a batalha pela liberdade, e enquanto utilizam essa ferramenta desenvolvem a paz, para si mesmos e para os demais em seu entorno. Essa tranquilidade confere sono, raciocínio e soluções melhores para os problemas. Também movido por esse fenômeno, como um combustível que alimenta o automóvel energizando-o, consegue ânimo para meditar, orar e dedicar-se ao sagrado, gerando ainda mais saúde para o corpo, espírito e alma. Corroborar com esse pensamento Paulo Dalgalarondo:

Há, portanto, evidências epidemiológicas consistentes de que um nível de envolvimento religioso maior (sobretudo frequência à igreja) está associado a uma menor prevalência de transtornos mentais [...]. Provavelmente, os transtornos mais estudados nesse sentido foram abuso e dependência de álcool e outras drogas, por um lado, e depressão, por outro. Outros fenômenos ou condições também foram estudados, como suicídio, ansiedade e bem-estar psicológico e qualidade de vida.¹⁹⁷

As entidades religiosas assistem nas mais diversas áreas das necessidades humanas, mas seus principais objetivos estão atrelados de empenho ao proselitismo e condução ao sagrado, o que espelha certa dúvida quanto a esta ação ser alienadora, produtora de uma gravidade compulsiva sobre o indivíduo já reprimido ou um bem libertador que promove olhar distinto para si próprio, conectado com a razão. Os resultados na esfera espiritual do serviço cristão na CDC atendem bem os anseios e interesses dos missionários, e são ventilados pela mídia religiosa como podem ser notados, mediante alguns relatos como este do Informativo da União de Mocidade das Assembleias de Deus de Cacoal - Umadcal:

[...] a Umadcal tem chegado ao presídio, onde contamos com mais de vinte convertidos que cultuam a Deus semanalmente, excetuando os que após convertidos cumpriram suas penas e foram para suas cidades de origem. Deus fez muitas maravilhas ali dentro. Um jovem que recebeu sua carta de soltura para Camboriú-SC foi abençoado com a salvação de sua família, que ouvindo sobre sua transformação converteu-se ali na região sul do país. Uma irmã que havia aceitado a Jesus estava pedindo a Deus sua libertação e, embora condenada, foi solta milagrosamente. Nos cultos que acontecem nas sextas-feiras e aos domingos, em departamentos diferentes, constantemente ouvimos testemunhos de pessoas que receberam curas, salvação, diminuição da sentença, entre essas outras bênçãos.¹⁹⁸

A partir da visão do jornal religioso, o serviço dos agentes da fé mostra-se fecundo ao contribuir para a transformação de caráter, curas do corpo físico, mudanças religiosas e familiares. Automaticamente existem pensamentos duvidosos sobre esses resultados auxiliarem ou prejudicarem, alguns defendem tais ações como expressão de corações oprimidos, que

¹⁹⁷ DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 181, 182. *E-book*.

¹⁹⁸ MISSÕES: a Umadcal está fazendo a sua parte. *Informativo Umadcal*, Cacoal, a.1, n.1, p. 7, mar. 2003.

lançam mão de tais ofertas, intuindo obter prazer ou adquirir um alívio fictício.¹⁹⁹
 Condescendente com essa perspectiva religiosa divulga Gottfried Brakemeier:

Importa julgar as religiões por seu discurso fundante, não pelos desvios comportamentais. Em suas formas autênticas, religião costuma desempenhar função altamente salutar, sim, terapêutica, para as pessoas. Toda cultura repousa em bases religiosas.²⁰⁰

Destarte, sendo a fé religiosa uma prática arraigada nas sociedades, cabe respeitar as escolhas de cada indivíduo sem deixar de observar até onde tal decisão o favorece, amparando-o com orientações científicas que lhe proporcione agir com consciência para não se sentir lesado ou violentado por enganos. Outro Informativo da Umadcal reporta o depoimento de um reeducando egresso que decidiu, após investigar por dois anos a veracidade do conteúdo pregado pelos missionários da fé, converter-se ao credo assembeiano. Antônio Alves diz:

Quando estava no mundo, pensava ter tudo. Eram muitos meus amigos de farras e de noitadas. Acompanhado de tantos, a vida parecia um encanto. O tempo passava e a vida mostrava tudo normal, até que o inesperado aconteceu, perdi a liberdade. [...]. A partir de então, pude entender que sem Deus não somos nada. Ele operou muitas maravilhas em minha vida. Dentre todas as bênçãos recebidas, enfatizo o milagre da cura de um câncer pulmonar. Quero dizer para todos que pensei ser aqui no presídio o último lugar para um humano, aliás, para alguns é, entretanto, para mim, não, porque aqui nasci de novo.²⁰¹

Hoje, Antônio Alves é pastor de uma Igreja pentecostal na cidade de Cacoal, no bairro Vilage do Sol II. Sua vida após aceitar a fé cristã na casa de detenção tomou novos rumos. Sua declaração de crença no milagre da cura divina concorda com muitos outros testemunhos de presos que afirmam terem sido curados divinamente de enfermidades, ou percebido milagrosamente a ação da deidade agindo em diversas questões, como avisos por profecias sobre livramento de morte, ou benefícios de alvará de liberdade para pessoas que não imaginavam recebê-lo naquele momento²⁰².

A família também se beneficia quando o recluso é atendido pelos agentes da fé, e considerando que esta é um sólido contributo para a reintegração do apenado, pois os relacionamentos parentais moldam a cosmovisão do indivíduo e instilam valores estruturadores da identidade, tal cooperação entre família e missionários cristãos, torna-se um terreno fértil para a melhoria e crescimento do processo ressocializador. À vista disto, há ganho também

¹⁹⁹ MARX, Karl. *Contribuição à crítica da Filosofia de Hegel*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 145.

²⁰⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. *Ciência ou religião: quem vai conduzir a história?* São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 24.

²⁰¹ TESTEMUNHO de um presidiário que nasceu de novo. *Informativo Umadcal*, Cacoal, a.1, n. 4, p. 6, 04 out. 2003.

²⁰² (informação escrita) veja nota 170.

para os missionários, dado que, muitas famílias acabam aderindo às comunidades dos evangelistas, e enquanto as igrejas fortalecem as famílias estas revigoram as igrejas. A fusão, parentela e fé reforçam as normas do que é certo e errado, ensinam sobre o amor ao próximo e alicerçam a estrutura parental para suportarem os desafios da vida.²⁰³

Seguramente a família do preso padece sobremaneira com a privacidade de seu membro. A relação de reciprocidade integrante dos componentes da família impõe que a pena empregada a um desdobre seus efeitos aos demais, remodelando em múltiplos sentidos a mobilidade ativa familiar. Nessa circunstância, a presença pacificadora dos mensageiros da fé com promessas milagrosas, provindas do sobrenatural, abranda como um oásis de esperança, propondo que a confiança em Deus facultará a qualquer instante o retorno à vida normal. Além de visitas às famílias dos detentos, a maneira mais comum de se construir o elo missionário/família se dá através de recados orais e escritos circulando na esfera, preso e família, intermediados pelos missionários. Nessa esteira opina o agente penitenciário “E”:

Estou há mais de 20 anos no sistema e considero que a assistência religiosa é primordial para ajudar o reeducando a ingressar novamente na sociedade. É a luz e o caminho para o resgate de suas vidas junto a Deus. Os detentos que frequentam os grupos religiosos são mais serenos, tranquilos, amigáveis, tem mais amor pela família.²⁰⁴

O distanciamento do apenado da rotina parental provoca forte dor nele mesmo, e igualmente, nos partícipes de seu cotidiano, tendo em conta, o controle ser, não somente do privilégio propriamente dito, mas da relação indispensável para a harmonia da convivência familiar. O caráter compulsório e premente desse afastamento onera ainda mais a inconveniência da desagregação. Frequentemente se ouve frases como essa pronunciada pelo reeducando “C”: “Eu vim para cá porque não ouvi meus pais”²⁰⁵. Segundo o líder religioso “B”, o senhor Alberto de Pennat decidiu pela fé dentro da CDC, sua esposa e filhos agradecidos, posteriormente também resolveram seguir a mesma denominação religiosa, ainda relatou o líder sobre o João da Silva, que, egresso do presídio, construiu uma família nos parâmetros da crença adotada, casando-se em cerimônia consagrada na igreja.²⁰⁶

²⁰³ MERKH, David J. Comentário Bíblico lar & casamento: fundamentos, desafios e estudo bíblico-teológico prático para líderes, conselheiros e casais. São Paulo: Hagnos, 2019, p. 137.

²⁰⁴ Resposta fornecida pelo agente penitenciário da CDC, “E”, 11 abr. 2021, conforme o Anexo B4 (informação escrita).

²⁰⁵ Resposta fornecida pelo reeducando da CDC, “C”, 16 out. 2020, conforme o Anexo B6 (informação escrita).

²⁰⁶ Explicações apresentadas pelo agente religioso da CDC, “B”, 23 jul. 2021, conforme Anexo B4. Os nomes nessa referência são pseudônimos. (informação escrita).

A ressocialização é o caminho previsto na legislação no art. 10 da LEP que reza: “a assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade”. Em que pese ter a lei como norma a privação da liberdade do infrator, visando um período de reflexão sobre o seu ato delituoso, busca restaurá-lo. Todavia, raramente o condenado adquire instrução substancial para seu regresso à sociedade. Ao adentrarem no cárcere, forçosamente passam a pertencer ao submundo do crime, tendo como escolha, aprofundar-se mais ainda no erro ou buscar a restauração oferecida pelos profissionais, seja da segurança, da saúde, da educação ou da religião. Esta propõe uma solução mais rápida ao apresentar a divindade como saída. Faz parte do depoimento do reeducando “H” esta declaração: “Após aderir a uma igreja passei a não ver os funcionários como inimigos, mas apenas como trabalhadores nos ajudando a pagar nossa dívida com a justiça dos homens”²⁰⁷

Por mais que sejam criticados os que passam para o mundo da religião, há uma concepção generalizada de que são indivíduos passíveis de mudança, posição essa que lhes confere credibilidade, junto não somente aos demais penitentes, mas perante os funcionários e a sociedade externa, conforme observação feita pelo detento “I”: “Acredito que, por ser ou fazer parte de um grupo religioso, sou ou somos vistos como pessoas que realmente mudaram o rumo. Sinto que as pessoas Confiam em mim”²⁰⁸. Retratando sobre esse fenômeno, as pesquisadoras Maria Minayo e Patrícia Constantino declaram:

Todos estão cientes das dificuldades que enfrentaram. Alguns não se arrependem do caminho escolhido e o reafirmam como uma opção de risco. A maioria, no entanto, promete a si mesma e à sua família que se tornará cidadão, vivendo na legalidade e à espera de uma nova chance na comunidade próxima e na sociedade.²⁰⁹

Desse modo, a tomada de decisão por uma pertença religiosa contribui para que o detento ao assumir a posição de egresso, seja amparado pelos elos da comunhão de uma irmandade, onde possa moldar sua cosmovisão, instilando valores e solidificando a própria identidade. Cumprindo seu papel organizacional, a igreja oficia para que os indivíduos se tornem membros e usufruam de uma comunidade de fiéis, logo, em Cacoal, conforme declaração do líder religioso “B”, alguns reeducandos passaram a congregar após egressos em sua denominação:

Aqui em Cacoal temos o pastor Emersom de Oliveira e o pastor João da Silva, que pastoreiam igrejas pentecostais há mais de dez anos; O Enoque Silveira tornou-se

²⁰⁷ Resposta fornecida pelo reeducando da CDC, “H”, 16 out. 2020, conforme Anexo B6 (informação escrita).

²⁰⁸ Resposta fornecida pelo reeducando da CDC, “I”, 16 out. 2020, conforme Anexo B6 (informação escrita).

²⁰⁹ MINAYO, Maria Cecília de Souza; Constantino Patrícia. *Deserdados sociais condições de vida e saúde dos presos do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015, p. 20.

superintendente da Escola Dominical; o Rosivaldo Nunes ministra como pregador Itinerante; o Noé Lima coopera na obra, no templo sede.²¹⁰

Interrogados sobre o que habitam fazer nos momentos de descanso, entre outras, as seguintes respostas surgiram dos internos “J”, “I”, “H”, “G”, “F”, “E”, “D”, “B” e “A” da CDC respectivamente:

- a) Reeducando J, “Ler a palavra de Deus e Orar”;
- b) Reeducando I, “Gosto de ler. Leio a Bíblia, livros religiosos ou não. Gosto muito de exercícios físicos”;
- c) Reeducando H, “Medito”;
- d) Reeducando G, “Ler, assistir jornal, jogar jogos de tabuleiro como Xadrez ou dama”;
- e) Reeducando F, “Ler livros e fazer artesanatos”;
- f) Reeducando E, “Ler a Bíblia, orar, falar com Deus”;
- g) Reeducando D, “eu gosto muito de ler a Bíblia e também outros livros”;
- h) Reeducando B, “De vez em quando leio a Bíblia, oro, e assisto televisão”;
- i) Reeducando A, “Leio a Bíblia sagrada”.²¹¹

Evidencia-se a partir desses extratos que entre os incentivos dos religiosos aos condenados para um projeto de vida melhor, encontra-se o incentivo a leitura, 80% dos entrevistados afirmam em tempos vagos, lerem a Bíblia ou outros livros, ocupação esta, segundo Marcel Proust, das mais elevadas atitudes para o crescimento e humanização do indivíduo: “Talvez não haja, em nossa infância, dias que tenhamos vivido mais plenamente do que aqueles que acreditamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido (...)”²¹². O educador Paulo Freire corrobora com este nobre Conceito denunciando:

Em sociedade que exclui dois terços de sua população e que impõe ainda profundas injustiças à grande parte do terço para o qual funciona, é urgente que a questão da leitura e da escrita seja vista enfaticamente sob o ângulo da luta política a que a compreensão científica do problema traz sua colaboração.²¹³

O contato com a leitura desenvolve novos vocábulos o que facilita a comunicação e aperfeiçoa a escrita, sem falar na habilidade recebida pela memória que acaba gravando fatos,

²¹⁰ (informação escrita). Veja nota 206.

²¹¹ (informação escrita). Veja nota 157.

²¹² PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. 2 ed. Campinas, Pontes, 1991, p. 9.

²¹³ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017, p. 13. *E-book*.

especialmente, se o leitor entra em interação com mais de uma obra concomitantemente. Consequente, a capacidade de concentração se expande e a ampliação do conhecimento e da empatia pelo semelhante desenvolve ao contatar com realidades distintas, e universos múltiplos. Na CDC, além das leituras voluntárias da Bíblia e de revistas cristãs dominicais, são oferecidos cursos bíblicos, como o do Ibadep e o de discipulado evangélico. O Informativo Umadcal da Igreja Assembleia de Deus em Cacoal, Rondônia traz a seguinte reportagem:

A liderança da Umadcal continua realizando cultos no presídio. Quase todas as semanas, pessoas se convertem a Cristo; o que nos alegra ainda mais, é saber que vários irmãos estando ali já foram batizados com o Espírito Santo e recebem curas divinas, além de outras bênçãos. Foram entregues vários certificados a irmãos que concluíram seis meses de estudo da palavra de Deus. Estes, em destaque na fotografia (com roupas de batismo), desceram às águas batismais no dia 23/03, estão servindo ao senhor com júbilo e já participaram da Santa Ceia.²¹⁴

O momento de retornar a liberdade por parte do condenado caracteriza-se como um dos principais estágios de carência de acompanhamento religioso, haja vista, ser carregado de expectativa e, concomitante, de desconfiança. Diversas readaptações precisam ser feitas. Um emaranhado de situações, como enxurrada compele o vulnerável indivíduo que depende de abrigo, alimentação, transporte, roupas, amigos, emprego e saúde. Se, no presídio já precisa de assistência social e apoio, fora, muito mais dependerá, pois, o próprio poder público tornar-se-á mais burocrático para os mais desinformados. A vida do egresso é uma seara vasta para o agente religioso trabalhar, auxiliando em cada detalhe para que a vida desse reeducando alcance normalidade. Atentar para esse particular, auxilia a execução penal, que deveras deixa o egresso, às vezes à deriva. Sobre isso Fabiana Leite e Saulo Moraes expõem:

O modelo progressivo da execução penal no Brasil faz com que a maioria das pessoas que cumpre penas privadas de liberdade, ao se ver diante do alvará de soltura, experimente uma sensação de incerteza, dado que, se a liberdade se apresenta como direito efetivo, de outro lado há ausência de condições integrais de cidadania.²¹⁵

Embora 80% dos egressos entrevistados da CDC estejam trabalhando, suas respostas revelam que o maior impasse de um indivíduo em processo de volta a sociedade é sua aceitação no mercado de trabalho. Hesitante, pronuncia o egresso “C”: “a maior dificuldade no egresso são as faltas de oportunidade para trabalhos, pois, nem todo mundo confia. ‘Fechão’ as portas.”²¹⁶ Já, o líder religioso “C” afirma que os condenados recebem ajuda, e sempre que

²¹⁴ MISSÕES no presídio. *Informativo Umadcal*. Cacoal, ano 1, n. 2, p. 7, 31 mai. 2003.

²¹⁵ BELO HORIZONTE (cidade). Secretaria do Estado de defesa social. *Guia Trilhas da Cidadania*. Belo Horizonte: Oficial, p. 5. [s.d.]. [online].

²¹⁶ Depoimento fornecido pelo egresso da CDC, “C”, 11 abr. 2021, conforme anexo B5 (informação escrita).

solicitam apoio, seja para auxílio aos parentes com bens materiais e visitas são atendidos, reforça ainda que os egressos que mantêm contato com a equipe de missionários voluntários são acompanhados e auxiliados em suas necessidades.²¹⁷ O egresso “B” disse que não tem família morando na cidade, mas mesmo assim, conseguiu estabelecer-se, visto que, a Igreja o apoiou e o ampara até hoje, com alojamento e recursos.²¹⁸

Em testemunho, o agente penitenciário “E” relatou prestar muita atenção ao trabalho dos religiosos, afirmando que um dia seria batizado por um deles, e mesmo sem imaginar, após convertido, no dia do batismo alguns pastores oficiavam no tanque batismal a imersão de quase 100 candidatos, quando chegou a sua vez, percebeu que, quem iria submergi-lo era exatamente o pastor religioso que o evangelizara no presídio. Esse agente, hoje faz um trabalho social e espiritual de acompanhamento aos outrora presos, que desfrutam do alvará de soltura, e atende dezenas deles. Ele afirma que quando um condenado se torna religioso, “facilita participar dos convênios de emprego entre a secretaria de justiça, prefeitura e órgãos do governo. Por seus comportamentos bons são escolhidos”²¹⁹.

Não obstante, haja alguma assistência a egressos, percebe-se a insuficiência e exiguidade do serviço, e da dedicação das entidades religiosas e públicas, em amparar essa gente. O egresso “A” afirmou que ao sair da CDC, não conseguiu apoio de ninguém, exceto de um amigo, se não fosse Deus, disse, estaria perdido²²⁰. Cacoal, um município com menos de 100 mil habitantes ainda olvida em muitas áreas assistenciais: albergues, restaurantes populares, agência de emprego e de orientação profissional, centros de atenção psicossocial em álcool e drogas. A própria secretaria de assistência social, órgão da prefeitura, não possui programas de relevância para o egresso, ficando assim, o cuidado dessa massa sob responsabilidade de outras entidades, principalmente as religiosas, e essas, no que lhe concerne, atendem superficialmente, porquanto poucas possuem casas de apoio ou similar como a Igreja Avivamento Bíblico, mantenedora do centro de recuperação Abisai na cidade.²²¹

Destarte, não se deve ignorar a relevância do serviço religioso na prisão, visto que, a dimensão de bens oferecidos, notadamente auxilia na mudança de caráter, transformando pensamentos escabrosos em sonhos saudáveis a si mesmos e a comunidade. A pertença a um seguimento de fé torna-se um lenitivo para a alma, um antídoto a depressão, oportunidades

²¹⁷ (informação escrita). Veja nota 170.

²¹⁸ (informação escrita). Veja nota 169.

²¹⁹ (informação escrita). Veja nota 204.

²²⁰ Depoimento fornecido pelo egresso da CDC, “E”, 11 abr. 2021, conforme Anexo B5 (informação escrita).

²²¹ DIÁRIO DA AMAZÔNIA. *Cacoal: Centro de recuperação Abisai recebe veículo*. Porto Velho, 23 out. 2014. [online].

encobertas pelas trevas da privação de liberdade são clarificadas. Esse trabalho atinge muitas áreas da vida do indivíduo como, atendimento com recursos materiais, jurídicos, emocionais, e até financeiros, embora, seja evidente o interesse agudo pelo arrebanhar fiéis, postura essa passiva para o objetivo legal da ressocialização, visto que, não oferece risco para o Estado, e atende a finalidade primordial do esquema prisional: promover pelos mais diversos meios pertinentes a reparação da ofensa cometida, reeducando para o retorno ao convívio social.

As entrevistas mostram que a partir das frentes missionárias, a angústia entornada, tanto no reeducando, quanto em suas famílias são enfrentadas com mais segurança; oportunidades de empregos aparecem mais facilmente, e a própria capacidade intelectual é influenciada para melhor à medida que o detento se entrega a leitura e ao estudo literário religioso ou secular. Ainda que, não bem recepcionados por alguns críticos argumentadores das falhas religiosas, que reclamam dos missionários, alegando que não subsidiam a contento a vida do egresso, mas priorizam a dimensão espiritual em vez das necessidades físicas existenciais, ou mesmo, apregoam uma fé amparadora e evasiva que permite aos interesseiros aderirem ao seguimento da fé cristã com intensões particulares, esse instrumento de pesquisa não deve ser desprezado como recurso pertinente, no que tange à reintegração do detento à sociedade.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa que aconteceu de agosto de 2020 a novembro de 2021, além de fornecer informações crítico-reflexiva à sociedade em geral, visa proporcionar subsídios aos profissionais do direito, aos evangelistas assistentes religiosos oficiantes em prol dos privativos de liberdade, e a teóricos e pesquisadores que atuam nas áreas das ciências humanas e sociais. Sua metodologia abarcou revisão bibliográfica, coleta de dados e questionário semiestruturado. Por meio do estudo de caso, com abordagem qualitativa aplicou-se questionário a funcionários, reeducandos, egressos e agentes religiosos cristãos que atuam na Casa de Detenção de Cacoal. As coletas de dados aconteceram com anuência da direção do presídio e de cada entrevistado, valendo-se da confidencialidade da identidade dos partícipes. A materialização do estudo se deu através da análise e interpretação dos dados, e os resultados extraídos serão disponibilizados aos entrevistados e a comunidade cacoalense por meio digital, através da rede mundial de computadores.

Dessa forma, a investigação em seu bojo traz um vislumbre da realidade histórica e atual das prisões, focalizando a casa de Detenção de Cacoal e o trabalho dos agentes religiosos com os privativos de liberdade. Para isso, demonstrou-se que as punições surgiram, em moldes específicos, simultânea ao aparecimento do ser humano, e que, penas e prisões remontam a época da vingança privada, manifestando-se de diversas formas no decurso do tempo, com castigos de reclusão, amputação, e pena capital. Conforme as comunidades apareciam, regras também nasciam, marcando a história, desde os antigos calabouços até as atuais celas com água encanada e energia elétrica. Viu-se que, somente com o advento do iluminismo, a partir do século XVIII, as primeiras expressões criadoras de penas, visando à reintegração do criminoso a sociedade, vagamente, revelaram-se.

A despeito disso, o exercício prático da privação da liberdade com fim ressocializador retardou para o século XX, se é que se pode acreditar que algum delinquente tenha se recuperado nesse tempo, pois, ainda hoje, as leis que lecionam em vários países do globo, sobre o assunto, insistem por permanecer vinculadas às teorias burocráticas, forçando uma distância abissal entre o conceito e a execução. Pior quando se analisa o sistema carcerário brasileiro, assinalado por infortúnios diversos, desde a superlotação até a falta de suprimentos básicos de higiene e subsistência. Isso traz, não somente à vida do recluso um clima de insegurança e desesperança, como impregna, nos próprios funcionários públicos do estabelecimento, descrédito na devolução à sociedade de um interno recuperado.

Posto isso, analisou-se o recurso, fé como meio ressocializador, dialogando com alguns filósofos e teóricos que lecionaram sobre o assunto: Manuel Morente, que a une ao sobrenatural; Santo Agostinho, Tomás de Aquino e René Descartes, contribuindo sobre fé, razão e racionalismo; e finalmente, Kierkegaard, nesse trabalho, expoente principal da expressão fé, dimensão subjetiva, mas verdadeira. A partir dessas definições, averiguou-se o instrumento e artifício empregado pelos missionários cristãos na Casa de Detenção de Cacoal e com o apoio das entrevistas, percebeu-se que há muitas conversões religiosas, e que, mesmo após egressos, vários adeptos dos seguimentos cristãos continuam seguindo uma igreja.

Os funcionários, em sua maioria, concordam que o trabalho dos evangelistas recupera e auxilia o serviço dos agentes prisionais. O diretor da Apac acredita no trabalho espiritual no presídio e entende que a instituição sob sua responsabilidade é resultado do serviço cristão. Os internos custodiados e egressos defendem a necessidade de mais cultos e reuniões missionárias no cárcere, alegando que as autoridades do Estado precisam apoiar a causa e facilitar a entrada dos religiosos. Para os missionários, o exercício desse ministério é árduo e o obstáculo maior que enfrentam é se deslocarem de suas residências e sem aviso serem impedidos da realização do culto, devido alguma necessidade da segurança prisional.

Em suma, o ofício dos missionários da fé cristã não pode ser ignorado, pois, embora tenha seus inconvenientes, como proporcionar involuntariamente oportunidade de subterfúgio para os mal-intencionados, é um meio de construção cidadã, educando através da Bíblia, de hinários e de literaturas evangelizantes. Além disso, a atuação dos pregadores torna-se lenitivo ao trazer informações dos parentes e ao oferecer bens materiais. Assim, entender a dimensão desse empenho cristão é dever dos governantes, dos funcionários da casa de detenção e de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões De Magistro*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- AL-KHAZRAJI, Xeiqne Taleb Hussein. *Islamismo*. São Paulo: Bela letra, 2015.
- ANDERY, Maria Carolina Rissoni. *Presídio Romão Gomes: a religião como meio de emancipação e submissão*. Curitiba: Appris, 2016.
- ANDRADE, Durval Ângelo. *APAC: a face humana da prisão*. 4 ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2016.
- AQUINO, São Tomás de. *Suma Teológica I*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- ARISTÓTELES. *A Política*. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARATTA, A. *Ressocialização ou controle social: uma abordagem crítica da reintegração social do sentenciado*. Alemanha: Universidade de Saarland, 2007.
- BATISTA, Nilo. *Temas de Direito Penal*. Digitalizado: Liber Juris, 1984.
- BECCARIA, Cesare Bonesana. *Dos delitos e das penas*. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1999.
- BELO HORIZONTE (cidade). Secretaria do Estado de defesa social. *Guia Trilhas da Cidadania*. Belo Horizonte: Oficial, p. 5. [s.d.]. Disponível em: <http://www.institutoelo.org.br/site/app/webroot/files/file/Guia%20Trilhas%20da%20cidadania.pdf>. Acesso em: 09 de set. 2021.
- BÍBLIA com anotações A. W. Tozer. Tradução Degmar Ribas Júnior e Michael Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.
- BITTENCOURT, Cezar Roberto. *Tratado de Direito Penal: Parte Geral I*. 17. Ed. São Paulo: Saraiva, 2012.
- BOFF, Leonardo. *Tempo de Transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Ciência ou religião: quem vai conduzir a história?* São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- BRASIL. [Lei antidrogas (2006)]. *Lei Antidrogas*. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.
- BRASIL. [LEP]. Lei no 7.210, de 11 de julho de 1984. *Lei de Execuções Penais*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7210.htm. Acesso em: 28 ago. 2020.

BRASIL. LEVANTAMENTO NACIONAL DE INFORMAÇÕES PENITENCIÁRIAS. (Infopen). 2020. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMjU3Y2RjNjctODQzMj00YTE4LWEwMDAtZDIzNWQ5YmIzMzk1IiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>. Acesso em: 05 out. 2021.

BURNS, Edward McNall. *História da civilização Ocidental: do homem das cavernas às naveas espaciais*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1967.

CARVALHO FILHO, Milton Julio de. Sujeitos da fronteira. A saída da prisão In: COELHOS, Maria Thereza Ávila Dantas; CARVALHO FILHO, Milton Julio de. [orgs.]. *Prisões numa abordagem interdisciplinar*. Salvador: Edufba, 2012. p. 179-195.

CASTRO, Flávia Lages. *História do Direito Geral e Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

CHALITA, Gabriel. Lugar de família é na escola. *Revista Aprende Brasil*. a. 2, n. 3, p. 35- 56, 2005.

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CNJ NOTÍCIAS. *Um em cada quatro condenados reincide no crime aponta pesquisa*. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/um-em-cada-quatro-condenados-reincide-no-crime-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 06 de jul. 2020.

CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA E PAZ” *Compêndio da doutrina social da Igreja*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

COSTA, Bruno Moraes; SANTOS, Francisco de Assis Souza dos. Ressocialização mediada pela assistência religiosa: direito dos encarcerados no sistema penitenciário. *Revista Unitas*, v.5, n.2, p. 901-928, 2017. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2F41_xib6lAJ:revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/download/615/523+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em 14 mar. 2021.

CRÜSEMANN, Frank. *A Torá: teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Trad. Haroldo Reimer. Petrópolis: Vozes, 2001.

CUNHA, Rogério Sanches. *Manual de Direito Penal*. 7. ed. Salvador: JusPODVM, 2019.

DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008. *E-book*.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Levantamento Nacional de Informações penitenciárias. Tabela 7 - Presos em unidades Prisionais no Brasil. jul. - dez./ 2019. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZWl2MmJmMzYtODA2MC00YmZiLWI4M2ItNDU2ZmlyZjFjZGQ0IiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>. Acesso em 05 jul. 2020.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Levantamento Nacional de Informações penitenciárias. Tabela 7 - Presos em unidades Prisionais no Brasil. jul. - dez./ 2018. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiMThjOWU0YzUtMjFmNS00Y2U2LThiMzgtZDEzNWY4MGU5YmNhIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>. Acesso em: 05 jul. 2020.

DIÁRIO DA AMAZÔNIA. *Cacoal*: Centro de recuperação Abisai recebe veículo. Porto Velho, 23 out. 2014. [online]. Disponível em: <https://www.diariodaamazonia.com.br/cacoal-centro-de-recuperacao-abisai-recebe-veiculo/>. Acesso em 10 dez. 2021.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FBAC. *Relatório sobre APACs*. 02 jul. 2021. Disponível em: <http://www.fbac.org.br/>. Acesso em 02 jul. 2021.

FERREIRA, Valdeci; OTTOBONI, Mario. *Método APAC: sistematização de processos*. Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, 2016.

FIGUEIREDO, Railander Quintão. Educação em serviços penais: diretrizes para a escola de formação do sistema prisional em Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

FOLHA POLÍTICA. *Brasil tem um policial morto a cada 32 horas aponta levantamento*. Disponível em: <https://folhapolitica.jusbrasil.com.br/noticias/125372387/brasil-tem-um-policial-morto-a-cada-32-horas-aponta-levantamento>. Acesso em: 05 jul. 2020.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: Um ensaio sobre música educação*. São Paulo: Unesp, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2017. *E-book*.

G1. Brasil tem aumento de 5% nos assassinatos em 2020, ano marcado pela pandemia do novo corona vírus; alta é puxada pela região Nordeste. *G1*, São Paulo, 12 fev. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2021/02/12/brasil-tem-aumento-de-5percent-nos-assassinatos-em-2020-ano-marcado-pela-pandemia-do-novo-coronavirus-alta-e-puxada-pela-regiao-nordeste.ghtml>. Acesso em 22 de jul. 2021.

G1. Cerca de 70% dos presos postos em liberdade volta cometer crimes. *G1*, Piauí, 17 mai. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/05/cerca-de-70-dos-presos-postos-em-liberdade-volta-cometer-crimes.html>. Acesso em: 05 jul. 2020.

G1. Sancionado projeto de lei que diminui pena de presos que lerem livros da Bíblia no Maranhão. *G1*, Maranhão, 31 ago. 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2020/08/31/sancionado-projeto-de-lei-que-diminui-pena-de-presos-que-lerem-livros-da-biblia-no-maranhao.ghtml>. Acesso em 31 ago. 2021.

GAARDER, Jostein; HELLEM, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GLISSEN, Jonh. *Introdução a História do Direito*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

GOMES, Djean Ribeiro; JESUS, Monica Lima de. Entre discursos intolerantes e privilégios religiosos: práticas discursivas sobre religiões de matrizes africanas no cárcere baiano. *Revista ODEERE*, Bahia, v. 4, n. 8, p. 261-291, 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/5763/4668>. Acesso em: 16 mar. 2021.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo. Uma Introdução a Kierkegaard*. São Paulo: Novo Século, 2000.

GOVERNO ES. *Sejus capacita voluntários para oferecerem assistência religiosa nos presídios*. [s.d]. Disponível em: <https://www.es.gov.br/Noticia/sejus-capacita-voluntarios-para-oferecerem-assistencia-religiosa-nos-presidios>. Acesso em: 15 fev. 2021.

GRECO, Rogério. *Curso de Direito Penal*. 17. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2015.

GUSMÃO, Paulo Dourado de. *Introdução ao estudo do direito*. 49. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

HARVEY, David. *A Justiça Social e a Cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.

HARVEY, Peter. *A tradição do budismo: história, filosofia, literatura, ensinamentos e práticas*. São Paulo: Cultrix, 2019.

HOBBS, Thomas. *O Leviatã*. São Paulo: Martin Claret Ltda., 2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [site institucional]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/cacoal/panorama>. Acesso em 05 out. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Tabela 2103 – População residente, por situação de domicílio, sexo, grupos de idade e religião. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2103#resultado>. Acesso em: 06 jul. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (Orgs.). *Atlas da violência 2019*. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: IPEA; FBSP, 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf. Acesso em 22 de jun. 2021.

JORNAL BOM DIA. *A importância da função social das igrejas nos presídios*. [s.d]. Disponível em: <https://www.jornalbomdia.com.br/noticia/11093/a-importancia-da-funcao-social-das-igrejas-nos-presidios>. Acesso em: 15 fev. 2021.

JUSBRASIL. *Espiritualidade é uma das bases para recuperação*. [s.d]. Disponível em: <https://tj-mt.jusbrasil.com.br/noticias/100600286/espirtualidade-e-uma-das-bases-para-recuperacao>. Acesso em 12 fev. 2021.

- KANT, Immanuel. *Metafísica dos costumes*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- KIERKEGAARD, Soren Aabye. *Diário de Um Sedutor; Temor e tremor; o desejo humano*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- LIMA, Anderson. *A Vida Humana como Reinvenção Em Sören Kierkegaard*. [s.l.]: Managed, 2006.
- LOBO, Abelardo Saraiva da Cunha. *Curso de Direito Romano*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006.
- LOBO, Edileuza Santana. *Católicos e evangélicos em prisões do Rio de Janeiro* In: QUIROGA, Ana Maria; VITA, Christina; CONRADO, Flávio; CUNHA, Marilena (orgs.). ISER, Comunicações do. *Religiões & prisões*, n. 61. Rio de Janeiro: Minister, 2012.
- LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. Petrópolis: vozes, 2019.
- LOCKE, John. *Segundo tratado sobre o governo civil*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LOPES, Hernandes Dias. *As faces da espiritualidade*. São Paulo: Candeia, 2000.
- LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas, vol. 7*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995.
- MARMOL, Renata Rodrigues. *Auxílio reclusão, entenda antes de atirar a primeira pedra: reflexões sobre a fundamentalidade do direito (ao auxílio)*. Belo Horizonte: dialética, 2020. *E-book*.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da Filosofia de Hegel*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.
- MASSON, Cleber. *Direito Penal Esquematizado*. 10. ed. São Paulo: Método, 2016.
- MATTOS, Hebe Maria. A escravidão moderna nos quadros do império português: o Antigo Regime em perspectiva atlântica. In: FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima. (orgs.). *Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 142-163. p. 146.
- MELO, Flávia Valéria C.B. *Nem culpa, nem condenação: a saída pode ser Jesus. A atuação das Igrejas pentecostais na agência prisional de Goiânia*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, departamento de filosofia e teologia, mestrado em ciências da religião, Goiás, 2005.
- MENDONÇA, Alex Assis de; ABREU, Célia Barbosa; RANGEL, Tauã Lima Verdam. *Debates sobre direitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.
- MERKH, David J. *Comentário Bíblico lar & casamento: fundamentos, desafios e estudo bíblico-teológico prático para líderes, conselheiros e casais*. São Paulo: Hagnos, 2019.

- MINAYO, Maria Cecília de Souza; Constantino Patrícia. *Deserdados sociais condições de vida e saúde dos presos do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.
- MIRABETE, Júlio Fabbrini. *Manual de Direito Penal*. 17 ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MIRABETE, Júlio Fabbrini. *Execução Penal*. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MIRANDA, Maria M. *Diário de um Presídio*. Vila Velha: Above Publicações, 2011.
- MISSÕES no presídio. *Informativo Umadcal*. Cacoal, ano 1, n. 2, p. 7, mai. 2003.
- MISSÕES: a Umadcal está fazendo a sua parte. *Informativo Umadcal*, Cacoal, a. 1, n. 1, p. 7, mar. 2003.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- MORAES, Alexandre de. *Direito Constitucional*. 34. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MORENTE, Manuel Garcia (1886-1942). *Fundamentos de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou (s.d.).
- NAGARAJAN, K.V. *The Code of Hammurabi: an economic interpretation*. International Journal of Business and Social Science, v.8, n.2, 2011, p.108.
- NOGUEIRA, Paulo Lúcio. *Juizados Especiais Cíveis e Criminais*. São Paulo: Saraiva, 1987.
- NORONHA, E. Magalhães. *Direito Penal*. 38. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- NOVAES, Regina Reyes. Trajetórias religiosas e experiências prisionais: a conversão em uma instituição penal. In: QUIROGA, Ana Maria; VITA, Christina; CONRADO, Flávio; CUNHA, Marilena (orgs.). ISER, Comunicações do. *Religiões & prisões*, n. 61. Rio de Janeiro: Minister, 2012.
- NUNES, Adeildo. *A Realidade das Prisões Brasileiras*. Recife: Nova Livraria, 2005.
- NUNES, Ana Idalina Carvalho. *Discurso Religioso no Cárcere: caminhos e possibilidades*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais): Universidade Federal de Juiz de Fora programa de pós-graduação em ciências sociais, Juiz de Fora, 2017.
- NUNES, Cesar Aparecido. *Aprendendo Filosofia*. 17. Ed. Campinas: Papyrus, 2008.
- O GLOBO. Os maiores massacres em presídios do Brasil. *O Globo*, 06 de abril de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/os-maiores-massacres-em-presidios-do-brasil-20720978>. Acesso em: 05 jul. 2020.
- OLIVEIRA, Anaize Anália de. *A Experiência Religiosa no Cárcere: O caso do Centro de Reeducação Feminino Maria Júlia Maranhão em João Pessoa – PB*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões): Universidade Federal da Paraíba Centro de Educação Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões, Paraíba, 2012.

PALAZZO, Janete; PIMENTEL, Gabriela Souza Rêgo. O acesso à educação em prisões no Brasil: desafios de atendimento escolar *In*: SANTOS, Fernanda marsaro dos; Gomes, Cândido Alberto; Vasconcelos, Ivar César Oliveira de. (orgs.). *Educação nas prisões*. Jundiaí: Paco, 2019.

PALMA, A. Castro; ROGÈRIO, Ivonte; NEVES, Lair Celeste Dias. *A Questão Penitenciária e a Letra Morta de Lei*. Curitiba: JM, 1997.

PASTORAL CARCERÁRIA. *Intolerância Religiosa: as restrições ao culto da fé sofridas no cárcere*. [s.d]. Disponível em: <https://carceraria.org.br/igreja-em-saida/intolerancia-religiosa-as-restricoes-ao-culto-da-fe-sofridas-no-carcere>. Acesso em: 15 fev. 2021.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *As revoluções utópicas dos anos 60: a revolução estudantil e a revolução estudantil e a revolução utópica da Igreja*. 3. ed. São Paulo: 34, 2006.

PETERS, Edwards. *A história da Tortura*. Lisboa: Teorema, 1985.

PRADO, Amanda; BASSAN, Pedro. RJ tem apenas uma mãe de santo autorizada a entrar em presídios: “A cadeia reproduz o preconceito da sociedade”. *G1*, Rio de Janeiro, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/19/rj-tem-apenas-uma-mae-de-santo-autorizada-a-entrar-em-presidios-a-cadeia-reproduz-o-preconceito-da-sociedade.ghtml>. Acesso em 13 fev. 2021.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. 2 ed. Campinas, Pontes, 1991.

RAMALHO, José Ricardo. *Mundo do Crime a ordem pelo avesso*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de pesquisas sociais, 2008.

REVISTA ADVENTISTA. *Liberdade atrás das grades*. [s.d]. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/liberdade-atras-das-grades/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

REVISTA CONSULTOR JURÍDICO. *Maior população carcerária do mundo – 726 mil presos*. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2017-dez-08/brasil-maior-populacao-carceraria-mundo-726-mil-presos>. Acesso em 05 de jul. de 2020.

REVISTA DO BRASIL, REVISTA DO BRASIL. *Disputa de igrejas em presídios interessa ao sistema, não aos presos, diz especialista*. [s.d]. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/2018/02/disputa-religiosa-nos-presidios-interessa-ao-sistema-e-nao-aos-detentos-diz-especialista/>. Acesso em: 15 fev. 2021.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria de Estado de Administração Penitenciária – SEAP. *Edital 01/2020* [Dispõe sobre as inscrições para o credenciamento de Instituições Religiosas junto a Secretaria Estadual de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro]. Rio De Janeiro: Governo do Estado. Disponível em: http://visitanteseap.detran.rj.gov.br/VisitanteSeap/documentos/edital_01_2020_credenciamento_de_agentes_religiosos.pdf. Acesso em 12 fev. 2021.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Do contrato social*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SALLA, F.; LOURENÇO, L. C. *Aprisionamento e prisões*. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTORO, Luciano de Freitas. *Justiça Penal: Princípios, História e Teorias da Pena*. São Paulo: Independently published, 2019.

SANTOS, Thandara; MARQUES, David. Prisões superlotadas não inibirão o crime e a violência. *GI*, São Paulo, 26 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/04/26/prisoos-superlotadas-nao-inibirao-o-crime-e-a-violencia.ghtml>. Acesso em: 05 jul. 2020.

SCHAEFER, Richard T. *Sociologia*. 6. ed. São Paulo: AMGH, 2006.

SCHELIGA, Eva Lenita. Trajetórias religiosas e experiências prisionais: a conversão em uma instituição penal. In: QUIROGA, Ana Maria; VITA, Christina; CONRADO, Flávio; CUNHA, Marilena (orgs.). ISER, Comunicações do. *Religiões & prisões*, n. 61. Rio de Janeiro: Minister, 2012.

SEJUSP. *Coordenado pela Agepen, grupo ecumênico inicia trabalhos para aperfeiçoar assistência religiosa em presídios* [s.d.]. Disponível em: <https://www.sejusp.ms.gov.br/coordenado-pela-agepen-grupo-ecumenico-inicia-trabalhos-para-aperfeicoar-assistencia-religiosa-em-presidios/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

SERIS. *Assistência religiosa muda a vida de reeducandos nos presídios alagoanos* [s.d.]. Disponível em: <http://www.seris.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/2017/02-fevereiro/assistencia-religiosa-muda-a-vida-de-reeducandos-nos-presidios-alagoanos>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SERPRO. *Rondônia implanta sistema para mapear população carcerária*. Disponível em: <https://www.serpro.gov.br/menu/imprensa/Releases/rondonia-implanta-sistema-para-mapear-populacao-carceraria>. Acesso em 21 ago. 2020.

SILVA, Gilmar dias. *Novas atitudes nos Cárceres: Buscando novos atos*. São José dos Campos: Amazon, 2017.

TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

TESTEMUNHO de um presidiário que nasceu de novo. *Informativo Umadcal*, Cacoal, a.1, n. 4, p. 6, 04 out. 2003.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VERGOTE, Antoine. *Modernidade e cristianismo*. São Paulo, Loyola, 2002.

VERNANT, Jean Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *Os paradoxos da revolução Russa: Ascensão e queda do socialismo soviético (1917-1991)*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017. *E-book*.

VOCABULÁRIO. In: DICIONÁRIO Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=f%C3%A9>. Acesso em: 17 mar. 2021.

WACQUANT, Loïc. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WOLKMER, Antônio Carlos. *Fundamentos de História do Direito*. 5. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. São Paulo, Paulus, 2010.



APÊNDICE A1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. Convite

Venho através deste, convidá-lo(a) a participar da entrevista para a pesquisa de mestrado de Elizeu de Oliveira, intitulada: A FÉ CRISTÃ COMO INSTRUMENTO DE RESSOCIALIZAÇÃO DO RECLUSO DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL/RO.

Para isso, antes, é importante entender que a sua participação tem como objetivo fornecer respostas aos questionamentos que serão realizados, sobre o tema da dissertação de Mestrado. Reserve um momento para ler atentamente as perguntas, havendo dúvidas, esclareceremos. Lembrando que participará da pesquisa somente se desejar.

2. Título da pesquisa:

A FÉ CRISTÃ COMO INSTRUMENTO DE RESSOCIALIZAÇÃO DO RECLUSO DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL.

3. O que é o projeto?

Este trabalho se dispõe a analisar a forma como a fé exerce influência no processo de reeducação do apenado, apontando por meio de pesquisa, dados que devem ser medido para se obter a compreensão do fenômeno fé, trabalhado por agentes religiosos na recuperação daqueles que tiveram suas vidas enveredadas no mundo do crime. Visa também possibilitar uma interpretação racional que permita responder à questão: A fé auxilia o reeducando restituindo-o à família e à sociedade?

4. Qual é o objetivo do estudo?

Mostrar a Fé cristã como instrumento de reintegração do detento do Presídio de Cacoal/RO.

5. Por que você foi convidado(a)?

Devido a nossa necessidade de contatar quem tem experiências no assunto, você foi convidado(a) a cooperar na pesquisa, deixando-o(a) com liberdade de participar ou não, a depender da autorização voluntária dos interessados.

6. Eu tenho que participar?

Ninguém é obrigado a participar. Se desejar contribuir com o trabalho em questão, você receberá um questionário que deverá responder e um termo de consentimento que assinará, podendo reservar uma via deste documento para guardar, deverá assinar um termo de consentimento e desejando participará com propostas no decorrer da pesquisa.

7. O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?

A participação se dará através das respostas espontâneas às perguntas do questionário escrito que receberá.

8. O que acontece quando o estudo termina?

Ao término da pesquisa serão informados pelo pesquisador os resultados obtidos, deixando disponível para os interessados a consulta. A dissertação comporá o acervo de pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da FUV- Faculdade Unida de Vitória/ES.

9. Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?

Sim. Os nomes serão substituídos por letras do alfabeto da língua Portuguesa.

10. Contato para informações adicionais

Se você precisar de informações adicionais sobre a participação na pesquisa:

Pesquisador: Elizeu de Oliveira

Professor de Língua Portuguesa

E-mail: elizeudeoliveira77@gmail.com

Telefone: (69) 981013750

Orientador: Professor Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos

E-mail: assis@fuv.edu.br

Caso deseje participar desta pesquisa, assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anexo e devolva-o ao pesquisador. Você pode guardar uma cópia destas informações e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para seu próprio registro. Obrigado por ler estas informações!

Cacoal – RO, ___ de _____ de 20__.

Assinatura do pesquisador



APÊNDICE A2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – AO
DIRETOR DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
TERMO DE CONSENTIMENTO DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL E
ESCLARECIMENTO DA PESQUISA

Ao Senhor Diretor
Casa de Detenção de Cacoal
Gilberto Santos de Andrade

Venho por meio deste, solicitar de VS^a, a autorização para entrevistar alguns funcionários e reeducandos desta Casa de Detenção, e utilizar os dados coletados nas entrevistas como requisito avaliativo para fins de submissão ao Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória – organização de direito privado, registrada sob o CNPJ 03.962.607/0001-40 situada à Rua Eng. Fábio Ruschi - 161 - Bento Ferreira - Vitória - ES - CEP: 29.050-670.

A entrevista tem como objetivo fornecer dados para a pesquisa sobre “A fé Cristã como Instrumento de Ressocialização do Recluso da Casa de Detenção de Cacoal/Ro” e será respondida de forma escrita. A identidade do(a) participante não será de nenhum modo divulgada. Este documento servirá somente para identificação do pesquisador.

Cacoal/RO _____ de _____ de 202__.

DIREÇÃO DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

APÊNDICE B1: ENTREVISTA AOS LÍDERES DOS GRUPOS RELIGIOSOS

ENTREVISTA REALIZADA COM LÍDERES DOS GRUPOS RELIGIOSOS QUE ATUAM NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

1. O que motivou vocês a fazerem visitas na Casa de Detenção de Cacoal? Desde quando realizam visitas Religiosas Assistenciais nessa Unidade?

2. A Igreja através dos visitantes contribui de alguma maneira com o presídio auxiliando o trabalho da justiça?

3. De que maneira o trabalho realizado colabora com a reinserção do preso à sociedade?

4. Qual é o maior obstáculo encontrado pelo grupo religioso para realizar as visitas de Assistência Religiosa na Unidade carcerária?

5. O grupo religioso se encarrega de alguma responsabilidade assistencial na Casa de Detenção de Cacoal?

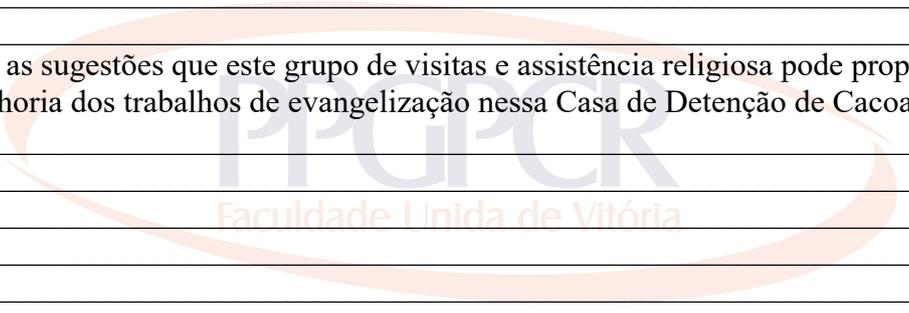
6. O grupo ou alguém do grupo religioso já teve desavença com algum interno? Há algum exemplo prático de melhorias no quesito recuperação dos valores espirituais éticos e morais de reclusos ou egressos? Se sim, cite algumas.

7. Vocês não consideram perigoso esse trabalho? Acreditam mesmo que vale a pena exercê-lo?

8. Há ex-presidiário fazendo parte do grupo de visitas evangelizante e que foi resultado dos trabalhos desta igreja? Que cargo ele ocupa na comunidade?

9. De que maneira o governo poderia ampliar as relações com as igrejas na questão carcerária?

11. Quais as sugestões que este grupo de visitas e assistência religiosa pode propor a instituição para melhoria dos trabalhos de evangelização nessa Casa de Detenção de Cacoal?



APÊNDICE B2: ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS EGRESSOS

ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS EGRESSOS QUE PARTICIPARAM DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

1- Qual a sua Idade? É casado (a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual Foi motivo da prisão?

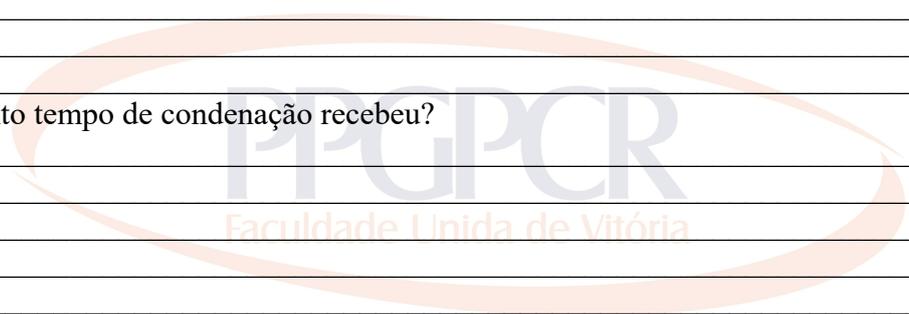
2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

3- Quanto tempo de condenação recebeu?

4- Exercia algum trabalho fora ou dentro do presídio enquanto preso?

5- Possui alguma profissão? O que faz agora em liberdade?

6- Participa de algum grupo religioso? Está seguindo alguma Igreja?

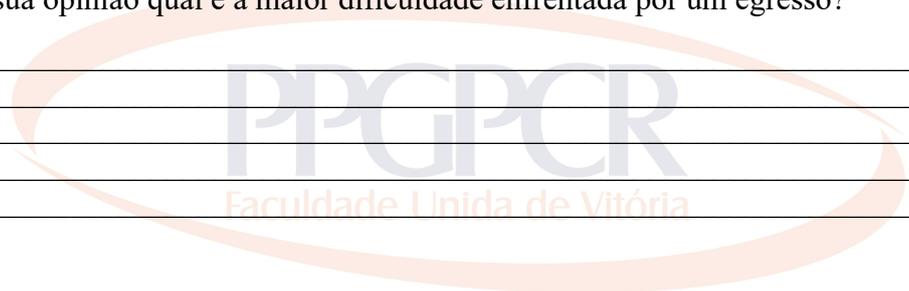


7- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

8- Como você vê a justiça e os funcionários do presídio. Explique.

9- Como foi sua recepção aqui fora, pela família, pela Igreja e pela sociedade?

10- Em sua opinião qual é a maior dificuldade enfrentada por um egresso?



APÊNDICE B3: ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIOS DO PRESÍDIO

ENTREVISTA REALIZADA COM FUNCIONÁRIOS DA CASA DE
DETENÇÃO DE CACOAL

1- Qual a sua Idade, Formação Escolar e Função que desempenha na Casa de detenção de Cacoal?

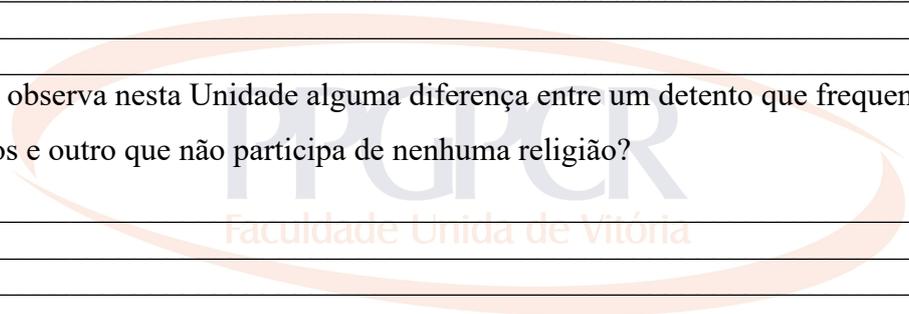
2- Você é membro de algum seguimento Religioso? Qual?

3- Você observa nesta Unidade alguma diferença entre um detento que frequenta os grupos religiosos e outro que não participa de nenhuma religião?

4- Já houve algum problema de ordem disciplinar entre você e um detento que participa de grupo religioso? Qual?

5- Observou alguma forma de privilégio ao recluso que participa de grupos religiosos?

6- Tem ciência de algum detento religioso que foi afastado do trabalho, perdendo o benefício por descumprir ordem?

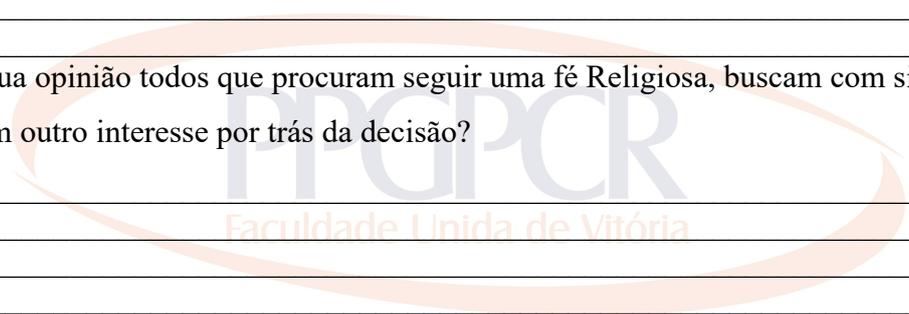


7- É possível perceber diferença no asseio do detento que pertence a grupo religioso daquele que não faz parte de nenhuma religião (roupas limpas, bem passadas, Cabelos e barba bem feitos)? Justifique.

8- Você concorda que os detentos religiosos têm mais habilidade de diálogo e receptividade a qualquer tratamento ou relacionamento com os servidores da Unidade em geral? Justifique.

9- Em sua opinião todos que procuram seguir uma fé Religiosa, buscam com sinceridade, ou há algum outro interesse por trás da decisão?

10-Diante da sua experiência na Casa de Detenção em sua opinião qual a importância do trabalho dos religiosos? Você acredita que assistência religiosa nos presídios faz a diferença para mudança na vida do preso ou poderia ser dispensada?



APÊNDICE B4: ENTREVISTA COM A DIREÇÃO DO PRESÍDIO

ENTREVISTA COM A DIREÇÃO DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

1. Quantas celas tem a Unidade Prisional de Cacoal?

Regime Fechado: ___ Semiaberto: ___ Pavilhão Feminino: ___ Desativadas: ___

Outras: _____

2. Quantos presos são abrigados na Casa de Detenção de Cacoal?

Regime Fechado: Semiaberto:

Provisórios: Ala Feminina:

Outros: _____

3. Qual é o trabalho do agente Carcerário? _____

4. Quais outros profissionais laboram nesta casa de Detenção? _____

5. Como funciona a recepção do preso no presídio pelos funcionários da Instituição?

6. Quais entidades Religiosas Fazem trabalho de assistência Religiosa dentro do presídio?

7. Como é visto o trabalho da Apac aqui em Cacoal? E dos Visitantes Religiosos?

APÊNDICE B5: ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS

ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS QUE PARTICIPAM
DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE
CACOAL

1- Qual a sua Idade? É casado (a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual o motivo da prisão?

2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

3- Quanto tempo de condenação recebeu? Falta muito para cumprir a pena privativa?

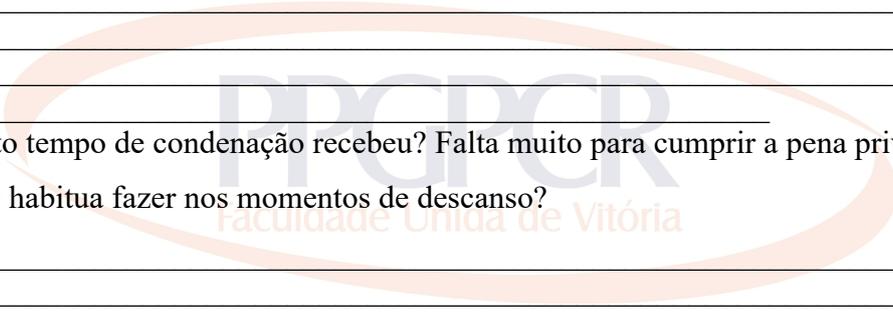
4- O que habitua fazer nos momentos de descanso?

5- Tem algum trabalho fora ou dentro do presídio?

6- Possui alguma profissão? O que pensa em fazer quando sair em liberdade?

7- Já teve passagem pelo setor disciplinar dessa unidade? Se sim, por qual motivo?

8- Participa de algum grupo religioso ou de todos? Há quanto tempo?



9- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

10- Após aderir a alguma Igreja, notou mudança em relação a você por parte dos funcionários?

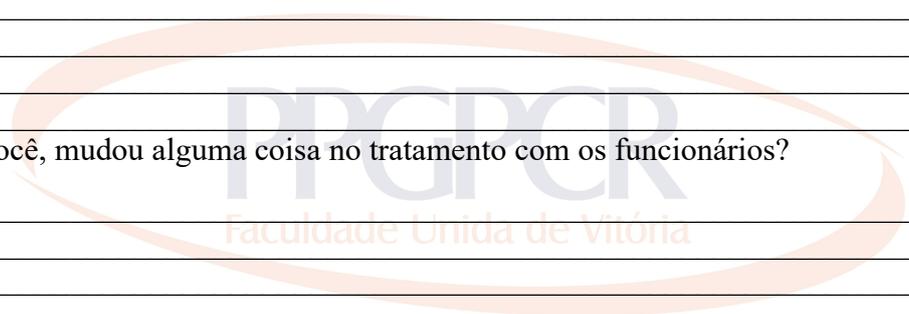
11- Após aderir a alguma Igreja, Percebeu alguma diferença no tratamento em relação a você por parte dos demais reeducandos?

12- E você, mudou alguma coisa no tratamento com os funcionários?

13- Obtém alguma atenção diferenciada por ser adepto de grupo religioso?

14- Você acredita que a doutrina religiosa que você aceitou é muito difícil de seguir?

15- Você se sente vigiado pelos demais presos, no sentido de procurarem alguma falta/fraqueza para tirar proveito da situação?



APÊNDICE B6: ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA APAC DE CACOAL

ENTREVISTA AO DIRETOR DA APAC DE CACOAL

1. Como funciona a APAC aqui em Cacoal?
2. Quantos reeducandos participam desse projeto?
3. Quais são os objetivos da APAC de Cacoal a curto e longo prazo?
4. Como é o espaço físico?
5. Quais privilégios os detentos que participam da APAC desfrutam?
6. A APAC é nova em Cacoal. Ela tem conseguido atingir seus objetivos? Os presos estão satisfeitos?
7. Como funciona o trabalho desses detentos?
8. Os reeducandos da APAC estudam?
9. Os reeducandos da APAC participam de alguma atividade espiritual? Algum grupo religioso faz trabalho com eles?
10. Como a direção do presídio e os agentes penitenciários veem a APAC?
11. Outras informações relevantes.

ANEXO A1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO
PELO DIRETOR DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

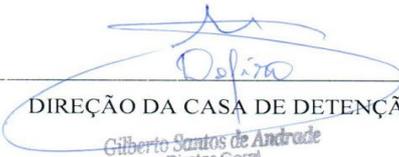
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
TERMO DE CONSENTIMENTO DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL E
ESCLARECIMENTO DA PESQUISA

Ao Senhor Diretor
Casa de Detenção de Cacoal
Gilberto Santos de Andrade

Venho por meio deste, solicitar de VS^a a autorização para entrevistar alguns funcionários e reeducandos desta Casa de Detenção e utilizar os dados coletados nas entrevistas como requisito avaliativo para fins de submissão ao Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória – organização de direito privado, registrada sob o CNPJ 03.962.607/0001-40 situada à Rua Eng. Fábio Ruschi - 161 - Bento Ferreira - Vitória - ES - CEP: 29.050-670.

A entrevista tem como objetivo fornecer dados para a pesquisa sobre “A fé Cristã como Instrumento de Ressocialização do Recluso da Casa de Detenção de Cacoal/Ro” e será respondida de forma escrita. A identidade do (a) participante não será de nenhum modo divulgada. Este documento servirá somente para identificação do pesquisador.

Cacoal/RO 17 de outubro de 2020.


DIREÇÃO DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

Gilberto Santos de Andrade
Diretor Geral
Casa de Detenção de Cacoal
Mat. 385117762

ANEXO A2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO
PELO PRESIDENTE DA APAC DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
TERMO DE CONSENTIMENTO DOS ENTREVISTADOS (AS) E ESCLARECIMENTO
DA PESQUISA

Prezado (a)

Venho através deste solicitar sua autorização para utilizar os dados coletados nesta entrevista. Os mesmos serão utilizados para elaboração de minha Dissertação de Mestrado que realizo na Faculdade Unida de Vitória – organização de direito privado, registrada sob o CNPJ 03.962.607/0001-40 situada à Rua Eng. Fábio Ruschi - 161 - Bento Ferreira - Vitória - ES - CEP: 29.050-670.

A sua participação tem como objetivo fornecer respostas aos questionamentos que serão realizados, sobre A FÉ CRISTÃ COMO INSTRUMENTO DE RESSOCIALIZAÇÃO DO RECLUSO DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL/RO. A entrevista será respondida de forma escrita. Se o Senhor (a) permite que sua identidade seja divulgada na minha dissertação assine este documento e querendo pode guardar uma cópia destas informações e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para seu próprio registro.

Obrigado por ler estas informações!

Cacoal/RO _____ de _____ de 2021.

Participante, *Antonio Masioli*
OAB/8489

Pesquisador

ANEXO B1: RESPOSTAS FORNECIDADA PELO DIRETOR DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

Entrevista com a direção da Casa de Detenção de Cacoal

1. Quantas celas tem a Unidade Prisional de Cacoal?

Regime Fechado: 11
Outras: 01 APAC
Semiaberto: 17
Pavilhão Feminino: 03
Desativadas:

2. Quantos presos são abrigados na Casa de Detenção de Cacoal?

Regime Fechado: 118
Semiaberto: 106 68
Provisórios: 96
Outros: APAC 27, Terceira 11
Ala Feminina: 30

3. Qual é o trabalho do agente Carcerário? Manter a ordem e segurança da unidade prisional, promover a ressocialização dos detidos.

4. Quais outros profissionais laboram nesta casa de Detenção? Profissionais de saúde e educação.

5. Como funciona a recepção do preso no presídio pelos funcionários da Instituição? É realizado uma triagem de saúde.

6. Quais entidades Religiosas Fazem trabalho de assistência Religiosa dentro do presídio? Igreja Católica, Igreja Assembleia e Congregação Cristã do Brasil.

7. Como é visto o trabalho da Apac aqui em Cacoal? E dos Visitantes Religiosos? É um trabalho fundamental para a recuperação do preso de liberdade.

28/09/2022

ANEXO B2: RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS AOS LÍDERES DOS GRUPOS RELIGIOSOS DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

LÍDER RELIGIOSO “A”

1. A que religião ou seguimento religioso vocês fazem parte e representam?

Igreja Católica Apostólica Romana, representamos o caminho de Cristo. O Objetivo da pastoral carcerária aqui em Cacoal é fazer visita aos presídios, fazer visitas às famílias deles, dos condenados, e acompanhamento no foro, levando documentos para aqueles que não tem família. A gente acompanha também as famílias levando cestas básicas, remédios, e pagando o aluguel, energia e água daqueles que não tem condições.

2. O que motivou vocês a fazerem visitas na Casa de Detenção de Cacoal? Desde quando realizam visitas religiosas assistenciais nessa Unidade?

Um Chamado de Deus que, me despertou desde 1992.

3. A Igreja através dos visitantes contribui de alguma maneira com o presídio auxiliando o trabalho da justiça?

Sim.

4. De que maneira o trabalho realizado colabora com a reinserção do preso à sociedade?

Através das cartas de serviços.

5. Qual é o maior obstáculo encontrado pelo grupo religioso para realizar as visitas de assistência religiosa na unidade carcerária?

Nós se deslocamos de nossas casas para assim unirmos forças, com nossas visitas, e ao chegar lá sermos barrados e não podermos entrar.

6. O grupo religioso se encarrega de alguma responsabilidade assistencial na Casa de Detenção de Cacoal?

Não.

7. O grupo ou alguém do grupo religioso já teve desavença com algum interno? Há algum exemplo prático de melhorias no quesito recuperação dos valores espirituais éticos e morais de reclusos ou egressos? Se sim, cite algumas.

Não

8. Vocês não consideram perigoso esse trabalho? Acreditam mesmo que vale a pena exercê-lo?

Não, pois creio que Jesus vai à frente, pois Deus fala que de 100 (cem) ovelhas uma voltou para casa, é uma vitória.

9. Há ex-presidiário fazendo parte do grupo de visitas evangelizante e que foi resultado dos trabalhos desta igreja? Que cargo ele ocupa na comunidade?

Não, a Pastoral carcerária não permite.

10. De que maneira o governo poderia ampliar as relações com as igrejas na questão carcerária?

Mudando o tratamento, ou seja a maneira que devemos tratar cada ser humano.

11. Quais as sugestões que este grupo de visitas e assistência religiosa pode propor a instituição para melhoria dos trabalhos de evangelização nessa Casa de Detenção de Cacoal?

Através da colaboração de todos.

LÍDER RELIGIOSO “B”

1. A que religião ou seguimento religioso vocês fazem parte e representam?

Assembleia de Deus, sito à Av. São Paulo, 3040 em Cacoal-Ro.

2. O que motivou vocês a fazerem visitas na Casa de Detenção de Cacoal? Desde quanto realizam visitas Religiosas Assistenciais nessa Unidade?

Primeiramente atendendo uma ordem do mestre Senhor Jesus Cristo, disse para ir em todos os lugares, pregar o Evangelho, e levar ao detento a oportunidade, e ajuda espiritual, a ter uma nova vida. Desde 2002.

3. A Igreja através dos visitantes contribui de alguma maneira com o presídio auxiliando o trabalho da justiça?

Sem dúvida. A igreja evangélica é um verdadeiro agente de transformação de condutas de pessoas.

4. De que maneira o trabalho realizado colabora com a reinserção do preso à sociedade?

Porque os ensinamentos bíblicos nos orientam não somente a parte espiritual, mas também nos ensina a ter boas condutas, orienta a pessoa a ser honesta, sincera, um bom filho, um bom pai, um bom funcionário e um bom patrão etc. O senhor Alberto de Pennat decidiu pela fé dentro do presídio, depois sua família feliz por isso, também decidiu seguir a Igreja.

5. Qual é o maior obstáculo encontrado pelo grupo religioso para realizar as visitas de Assistência Religiosa na Unidade carcerária?

As instalações muito precárias, as condições subumanas, às vezes, atendemos os detentos debaixo de chuva ou muito sol. Não tem nenhuma cadeira ou mesa, o estado teria que reconhecer o trabalho da igreja e ajudar.

6. O grupo religioso se encarrega de alguma responsabilidade assistencial na Casa de Detenção de Cacoal?

Claro, na medida do possível ajudamos às vezes familiares, esposas e Filhos atendimento assistência social, porque são muitas as dificuldades. são oferecidos para os detentos ventiladores, colchões, produtos de limpeza, higiene pessoal e alimentação. Nos finais de anos ou em datas comemorativas, como dias dos pais, programávamos para comprar picolés, sorvetes, salgados e refrigerantes, e comemorar com os internos.

7. O grupo ou alguém do grupo religioso já teve desavença com algum interno? Há algum exemplo prático de melhorias no quesito recuperação dos valores espirituais éticos e morais de reclusos ou egressos? Se sim, cite algumas.

Não, nunca tivemos algum desentendimento, pelo contrário, eles nos recebem muito bem. ficam honrados com a nossa presença.

8. Vocês não consideram perigoso esse trabalho? Acreditam mesmo que vale a pena exercê-lo?

Não acho, até porque eles sabem que estamos ali para ajudá-los. vale a pena, porque é muito gratificante ver uma família sendo restaurada, abençoada. Eles ajudam a cultivar, pediam que levássemos violão, mesmo que não soubéssemos tocar, porque entre eles havia bons violinistas.

9. Há ex-presidiário fazendo parte do grupo de visitas evangelizante e que foi resultado dos trabalhos desta igreja? Que cargo ele ocupa na comunidade?

A igreja é muito Prudente Nesta parte, só depois de um relacionamento de longas datas e treinamento que os mesmos têm a oportunidade de exercer essa tarefa. Entretanto posso numerar algumas pessoas que tiveram as suas vidas transformadas através do trabalho da Igreja Assembleia de Deus. Aqui em Cacoal temos o pastor João da silva e o pastor Emersom de Oliveira que pastoreiam igrejas pentecostais; o Enoque Silveira que se tornou professor e superintendente da Escola Bíblica Dominical; o Rosivaldo Nunes é pregador Itinerante; e o Noé Lima coopera em nossa igreja sede, quando saiu do presídio recebeu apoio financeiro da igreja por 5 anos, para formar-se em Medicina na Bolívia, e hoje trabalha na área médica. Dentre outros egressos que exercem profissões na cidade estão o Andrade Rodrigues, mecânico profissional, o Abraão da Costa que trabalha em auto elétrica, e o Vagner Shuzzter cabeleireiro que tem o seu próprio empreendimento.

10. De que maneira o governo poderia ampliar as relações com as igrejas na questão carcerária?

Dando mais condições e liberdade para a igreja atuar, e colocar alguns projetos em prática, criando um espaço apropriado com infraestrutura, para oferecermos um atendimento melhor.

11- Quais as sugestões que este grupo de visitas e assistência religiosa pode propor a instituição para melhoria dos trabalhos de evangelização nessa Casa de Detenção de Cacoal?

Criar um espaço apropriado para as reuniões, equipando com som, cadeiras, sistema de ventilação, destinar verbas para materiais educacionais: Livros, Bíblias, instrumentos musicais.

LÍDER RELIGIOSO “C”

1. A que religião ou seguimento religioso vocês fazem parte e representam?

Igreja Batista Nacional

2. O que motivou vocês a fazerem visitas na Casa de Detenção de Cacoal? Desde quando realizam visitas Religiosas Assistenciais nessa Unidade?

2004 a 2010. O que me motivou foi a palavra de Deus. Meu desejo era que as pessoas conhecessem Jesus e pudessem se recuperar daquela vida ruim que levavam enclausurados nas celas.

3. A Igreja através dos visitantes contribui de alguma maneira com o presídio auxiliando o trabalho da justiça?

Ali dentro do presídio auxiliávamos somente na área espiritual, naquele tempo não houve parceria para que auxiliássemos, por exemplo, com telhas para construção ou tinta para reformas.

4- De que maneira o trabalho realizado colabora com a reinserção do preso à sociedade?

Acredito que a contribuição da igreja para a reinserção do preso à sociedade é de 70%, porque a palavra de Deus tem esse poder de regenerar, também os condenados recebem ajuda, e sempre que solicitam apoio, seja para auxílio aos parentes com bens materiais ou mesmo uma visita, são atendidos. Os que saíam do presídio com alvará de soltura e mantinham contato conosco eram acompanhados e auxiliados em suas necessidades.

5. Qual é o maior obstáculo encontrado pelo grupo religioso para realizar as visitas de Assistência Religiosa na Unidade carcerária? O maior problema que enfrentávamos era chegar ao presídio e não poder realizar os cultos, devido alguma rebelião dos presos ou

desobediência, fazendo com que ficassem sem banho de sol e até sem os cultos. Várias vezes tivemos que voltar sem realizar os cultos.

6. O grupo religioso se encarrega de alguma responsabilidade assistencial na Casa de Detenção de Cacoal?

Não. Quando auxiliávamos com alguns bens eram para as famílias, ou então, alimentos que trazíamos e entregávamos aos agentes penitenciários no dia da visita familiar, e eles entregavam para os detentos.

7. O grupo ou alguém do grupo religioso já teve desavença com algum interno? Há algum exemplo prático de melhorias no quesito recuperação dos valores espirituais éticos e morais de reclusos ou egressos? Se sim, cite algumas.

Não! Não, eles sempre nos respeitavam. Eles aguardavam os cultos com muito entusiasmo, oravam, jejuavam com intuito de obterem momentos de comunhão, de sentir a presença de Deus, ouvir Deus falar.

8. Vocês não consideram perigoso esse trabalho? Acreditam mesmo que vale a pena exercê-lo?

Perigoso pode ser, mas nós acreditamos na palavra que pregamos e por isso vamos confiantes em Deus.

9. Há ex-presidiário fazendo parte do grupo de visitas evangelizante e que foi resultado dos trabalhos desta igreja? Que cargo ele ocupa na comunidade?

No tempo em que trabalhei lá, os presos cursavam o IBADEP, um curso teológico de 20 módulos que os pastores da Assembleia de Deus ministravam. Eu solicitei do juiz e consegui umas três vezes caixa de Bíblias com 30 a 40 Bíblias para os presidiários e eram Bíblias boas. Pessoas que eram usuários e traficantes tiveram suas vidas mudadas.

10. De que maneira o governo poderia ampliar as relações com as igrejas na questão carcerária?

Comprando Bíblias e outras literaturas.

11. Quais as sugestões que este grupo de visitas e assistência religiosa pode propor a instituição para melhoria dos trabalhos de evangelização nessa Casa de Detenção de Cacoal?

Os agentes religiosos precisam permissão para conquistar apoio das autoridades para obter celas separadas para os que se decidem pela fé, pois nunca houve celas separadas para os detentos conversos, embora algumas vezes solicitadas.

ANEXO B3: RESPOSTAS FORNECIDADA PELO PRESIDENTE DA APAC DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

ENTREVISTA SOBRE A APAC DE CACOAL

1. Como funciona a APAC aqui em Cacoal?

A Apac é um projeto global, em Cacoal ainda está em processo de implementação, funciona em local separado no presídio (pré-apac), acolhe em separado os presos que saíram do sistema fechado que buscam o que a PAC tem a oferecer.

No local da (pré-apac) têm cama de madeira, colchão, os reeducandos não dormem como no sistema fechado sobre jirau de cimento. Dispõem de uma série de coisas permitidas, por exemplo: um pequeno fogareiro; alimentação diferenciada, uma fruta, uma verdura. Eles já têm alguma vantagem como recompensa desse processo que avança a cada dia para a reintegração social, e estão sendo preparados para voltar a sociedade de uma maneira diferenciada daqueles do sistema comum.

2. Quantos reeducando participam desse projeto?

Nós começamos com vinte e três, alguns adquiriram já o regime semiaberto, já foi autorizada uma segunda turma, hoje nós estamos com vinte e oito homens do regime fechado. Estes têm a sua preparação semanal para entender a metodologia do sistema com aulas aos domingos.

3. Quais são os objetivos da APAC de Cacoal a curto e longo prazo?

Bom, o objetivo é preparar esses homens que estão passando pela metodologia para o regresso à sociedade. A finalidade maior é com o tratamento humanizado, com local humanizado, onde possam cumprir suas penas preparando-se com o olhar para Deus sem perder de vista a sociedade, reconhecendo que foram praticantes de delitos e causadores de grande prejuízo para as pessoas, famílias. Eles precisam reconhecer a sua culpa e, ao mesmo tempo se comprometer a olhar para a frente, não cometer novos crimes.

Aqueles acometidos de dependência química precisam tratar-se, os demais que cometeram delitos no tocante ao homicídio e tudo mais, reconhecer o próprio erro, saber que são filhos de Deus e que Deus olha por eles.

Nessa questão espiritual estão sendo preparados em médio prazo, aliás, em curto prazo. Separados do sistema fechado para a APAC, ficam longe daqueles presos que fatalmente participam de facções e estão com a cabeça em outro nível. Na Apac passam a viver de outra

forma, pensando em outras coisas e se descontaminando desse mundo do crime. O foco agora é construir a nossa Apac em local separado do presídio.

A Cejus autoriza o preso cumprir a sua pena na APAC, onde aprende outras questões que, às vezes, nunca ouviu falar: o próprio amor de Deus por ele, o carinho e aconchego familiar. Nós vemos a família de reeducandos que a rejeitaram voltando a oferecer o amor fraterno. Nós queremos que eles conheçam de fato o amor de Deus e recebam na vida. Esperamos ter o nosso prédio construído e o apenado cumprindo a sua pena no prédio da APAC, com quartos para no máximo oito pessoas. Nesse projeto há regras rigorosas para serem cumpridas, o preso tem que trabalhar, estudar, envolver-se com a laboratoterapia, confeccionando artesanato, não fica improdutivo.

3. Como é o espaço físico?

Hoje o espaço físico da Apac é ainda dentro do presídio, separado dos demais, entram e saem para o trabalho sem contato, a princípio, com os outros presos. Precisam evitar conversar com os privativos do sistema convencional. O espaço físico hoje, pelo tamanho do presídio em Cacoal, é precário, não tem alas capazes de comportar a demanda adequadamente, porém, futuramente o nosso espaço físico será construído conforme as necessidades que a APAC precisa.

4. Quais privilégios os detentos que participam da APAC desfrutam?

Na Verdade, não diria privilégios, trabalham intramuros (dentro do próprio presídio), a direção do presídio providenciou a construção de nova recepção, alojamento para os agentes penitenciários, nova sala do diretor, bem como o espaço da OAB. Essa obra é construída pelos presos. Privilégio, nós não concordamos muito com essa palavra, porém, para alimentação recebem marmitas como o restante, mas podem fazer uma salada, podem complementar com carne da geladeira ou do freezer, recebem água filtrada e usufruem de água o tempo inteiro, necessidade que nas celas em cima não é suprida em algumas horas do dia. Enfim, a acomodação é um pouco diferente para incentivá-los a vir para a Apac e nela permaneça com propósito de mudança de vida.

5. A APAC é nova em Cacoal. Ela tem conseguido atingir seus objetivos? Os presos estão satisfeitos?

APAC é antiga, em 1979 funcionava apenas com alguns convênios empresariais, não tinha uma abrangência. Assumimos a diretoria em dezembro de 2017. A partir daí, aumentamos bastante a quantidade de convênios e a reiniciamos no interior do espaço prisional. Agora os reeducandos trabalham construído o centro de reabilitação, realizam o a

metodologia do processo de preparação para reintegração social. Dispondo de recursos concretos o trabalho artesanal rende. Os apaquianos trabalham no lado externo do presídio, alguns executam serviço no pátio na construção civil na obra da recepção e do alojamento.

6. Como funciona o trabalho desses detentos?

No Momento, não estão em condições de sair, em razão da pandemia, porém, parte se ocupa da edificação no próprio presídio, fazendo broque-te com a máquina. São utilizados como trabalhadores permanentes, muitos têm conhecimento profundo de construção civil, eletricidade, solda, enfim. Há uma equipe trabalhando com marcenaria. Quando tivermos a própria sede, serão retirados de manhã para o campo de trabalho, acompanhamento dos agentes penitenciários, e retornarão à noite. Não há necessita de excesso de agentes, basta um para acompanhá-los, haja vista, o grau de envolvimento e comprometimento com a própria APAC.

Importante salientar, não há na história da APAC registro de fugas, não oferece riscos de evasões. Recentemente, antes de ser modificada a frente do presídio, os presos da APAC ficavam na frente, com enxada, trabalhando e carpindo, um agente de longe, apenas acompanhando. Em compensação, quando tiram um preso do sistema fechado para a rua, dois ou três agentes o acompanham com risco de fuga. O preso da APAC está bem consciente e mesmo indo para a rua, vai com tranquilidade.

7. Os reeducando da APAC estudam?

Os apaquianos tem a responsabilidade de estudar, trabalhar e comportar-se para o regresso integral à sociedade. O estudo é algo praticamente obrigatório, um pré-requisito a cumprir. Na cidade de Ji-Paraná, por exemplo, a Apac mais próxima, o preso cursa a faculdade virtual na própria unidade, para que ao sair tenha uma profissão e um diploma na mão. Eles podem sim estudar e devem.

8. Os reeducandos da APAC participam de alguma atividade espiritual? Algum grupo religioso faz trabalho com eles?

Hoje, separados na APAC tem um sistema próprio na questão espiritual. A pastoral carcerária acompanhou bastante e continua acompanhando, mas, o fato de estarem no alojamento e não ter um espaço aberto para acolher torna-se inviável os cultos. Então, eles mesmos vão cuidando dessa parte espiritual. A APAC ensina a prática da oração ao amanhecer, ao anoitecer e antes das refeições, a leitura diária das escrituras e o ato religioso ou ato espiritual é obrigatório. Não se alimentam sem orar nem acordam sem o ato coletivo,

isso é bacana. Além disso, todas as quartas-feiras cultuam de acordo com os próprios conhecimentos espirituais e religiosos.

9. Como a direção do presídio e os agentes penitenciários veem a APAC?

Tivemos sorte aqui, os diretores que passaram pelo presídio até agora apoiaram a APAC, alguns agentes foram um pouco resistentes, alegando ser privilégio, vantagem demais para o preso da APAC, conceito esse que já tem mudado muito. Levamos um grupo de vinte agentes penitenciários para visitar a Apac de Ji-Paraná, alterou um pouco a visão deles. Creio que nosso trabalho em está se destacando.

10. Outras informações relevantes.

APAC é um projeto abrangente, um plano de Deus, uma ideia que costumo dizer: nasceu no pé da cruz, trazendo uma grande luz àqueles que com uma condenação longa de dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta anos de prisão, não enxergam sentido na própria vida. São pessoas deixando a juventude toda no presídio. Por outro lado, a família consegue mais dignidade ao entrar para a visitação, não precisam despir-se diante de ninguém.

Dentro do programa o preso passa a acreditar no futuro, em seu potencial e na possibilidade de oferecer algo bom para a sociedade. A Apac de Ji-Paraná é um exemplo em funcionamento como outras Apacs nacionais. Minas Gerais é o berço, São Paulo e Espírito Santo se destacam também. O modelo está sendo exportado, já funcionam 20 a 30 Apacs fora do Brasil. Ela é luz que resplandece na escuridão.

Assim, a Apac se apresenta como uma grande novidade para o judiciário e para todo o sistema prisional, uma alternativa credível, vinda para ficar. O sistema prisional vem respeitando isso e quando chegarmos ao ponto de termos o prédio adequado para o preso cumprir sua pena, certamente teremos mais anuência ainda, pois, verão vidas recuperadas, o que no sistema convencional dificilmente acontece.

Infelizmente estamos atrasados na construção do prédio, a falta de recurso e a pandemia retardam o sonho. Estando os presos da PAC trabalhando facilitaria a garantia da construção, mas, Deus está olhando por cada um de nós e sabe de nosso interesse. No momento certo teremos oportunidade de construir e vivenciar em Cacoal esse novo tempo, quando o preso poderá, efetivamente, recuperar-se dos traumas negativos e ter uma vida diferente daquela conhecida no passado.

Caso tenha alguma outra dúvida, estamos à disposição para esclarecer e até mostrar, na prática do dia a dia. Querendo, marcaremos um momento para conhecer os homens que estão sendo modificados pela oração, trabalho e conscientização de suas filiações a Deus. Pessoas

que tem uma missão não criminosa a cumprir, pregar a palavra de Deus e participar de seu reino na terra. Muito obrigado, ficamos à disposição.



ANEXO B4: RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM POLÍCIA PENAL
DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

AGENTE PENITENCIÁRIO “A”

ENTREVISTA REALIZADA COM FUNCIONÁRIOS DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

- 1- Qual a sua Idade, Formação Escolar e Função que desempenha na Casa de detenção de Cacoal?

42, nível superior, Polícia Penal

- 2- Você é membro de algum seguimento Religioso? Qual?

Sim, Evangélico, Cristo para o Brasil

- 3- Você observa nesta Unidade alguma diferença entre um detento que frequenta os grupos religiosos e outro que não participa de nenhuma religião?

Sim, no comportamento, na disciplina e o respeito entre com os servidores e os próprios detentos e também no cumprimento da pena

- 4- Já houve algum problema de ordem disciplinar entre você e um detento que participa de grupo religioso? Qual?

Não.

- 5- Observou alguma forma de privilégio ao recluso que participa de grupos religiosos?

(C) Os detentos que participam desses grupos eles conseguem manter a disciplina e o cumprimento das normas relacionadas ao (cu) cumprimento da pena e com isso tem a oportunidade de serem beneficiados com benefícios judiciais.

- 6- Tem ciência de algum detento religioso que foi afastado do trabalho, perdendo o benefício por descumprir ordem?

Não.

- 7- É possível perceber diferença no asseio do detento que pertence a grupo religioso daquele que não faz parte de nenhuma religião (roupas limpas, bem passadas, Cabelos e barba bem feitos)?

Justifique.

Sim, os detentos que pertencem ao grupo religioso eles prezam pelo asseio, seja na parte de vestimentas ou visual.

- 8- Você concorda que os detentos religiosos têm mais habilidade de diálogo e receptividade a qualquer tratamento ou relacionamento com os servidores da Unidade em geral? Justifique.

Sim, eles tem mais facilidade para dialogar e se relacionar entre eles mesmos como também com o (mal) tratamento com servidores da unidade.

- 9- Em sua opinião todos que procuram seguir uma fé Religiosa, buscam com sinceridade, ou há algum outro interesse por trás da decisão?

Não, podemos perceber que alguns querem participar de um grupo religioso apenas para conseguirem benefícios não realmente um compromisso de mudança e de servir a Deus de (D) verdade.

- 10- Diante da sua experiência na Casa de Detenção em sua opinião qual a importância do trabalho dos religiosos? Você acredita que assistência religiosa nos presídios faz a diferença para mudança na vida do preso ou poderia ser dispensada?

Na minha opinião a assistência religiosa nos presídios devem continuar, pois ela é muito importante na questão da socialização, por através do Evangelho o detento passa a conhecer a Palavra de Deus, que pode mudar a sua vida, os seus caminhos, transformando o seu caráter de pessoa que era criminoso em uma abençoada e será um canal de bênçãos pra sociedade

AGENTE PENITENCIÁRIO "B"

ENTREVISTA REALIZADA COM FUNCIONÁRIOS DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

- 1- Qual a sua Idade, Formação Escolar e Função que desempenha na Casa de detenção de Cacoal?
 56 (Lingueta e seis) anos, Bacharelado em Direito,
 Policial Penal
- 2- Você é membro de algum seguimento Religioso? Qual?
 Sou membro da Religião Católica Apostólica Romana
- 3- Você observa nesta Unidade alguma diferença entre um detento que frequenta os grupos religiosos e outro que não participa de nenhuma religião?
 Não vejo nenhuma diferença entre os Detentos que participam de algum grupo religioso.
- 4- Já houve algum problema de ordem disciplinar entre você e um detento que participa de grupo religioso? Qual?
 Não houve entre preso nenhum problema.
- 5- Observou alguma forma de privilégio ao recluso que participa de grupos religiosos?
 Nenhum privilégio.
- 6- Tem ciência de algum detento religioso que foi afastado do trabalho, perdendo o benefício por descumprir ordem?
 Sim. de cada dez um cumpre as ordens na sua totalidade
- 7- É possível perceber diferença no asseio do detento que pertence a grupo religioso daquele que não faz parte de nenhuma religião (roupas limpas, bem passadas, Cabelos e barba bem feitos)? Justifique.
 Não percebo nenhuma diferença entre aqueles que seguem algum grupo religioso entre os Detentos que não seguem.

- 8- Você concorda que os detentos religiosos têm mais habilidade de diálogo e receptividade a qualquer tratamento ou relacionamento com os servidores da Unidade em geral? Justifique.

Não há nenhuma diferença no tratamento dos detentos em relação aos servidores pelo fato de seguirem uma Religião.

- 9- Em sua opinião todos que procuram seguir uma fé Religiosa, buscam com sinceridade, ou há algum outro interesse por trás da decisão?

Na minha opinião a maioria tem parte dos que procuram seguir uma fé Religiosa, porém com outros interesses.

- 10- Diante da sua experiência na Casa de Detenção em sua opinião qual a importância do trabalho dos religiosos? Você acredita que assistência religiosa nos presídios faz a diferença para mudança na vida do preso ou poderia ser dispensada?

Na minha opinião, toda assistência ou trabalho desenvolvido na Casa de Detenção contribui no mínimo para ressocialização do Detento: eu creio que assistência religiosa tem importância para esta mudança de paradigma.

AGENTE PENITENCIÁRIO “C”

ENTREVISTA REALIZADA COM FUNCIONÁRIOS DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

1- Qual a sua Idade, Formação Escolar e Função que desempenha na Casa de detenção de Cacoal?

36 anos, ensino médio completo, setor da revista

2- Você é membro de algum seguimento Religioso? Qual?

sim, Congregação Cristã

3- Você observa nesta Unidade alguma diferença entre um detento que frequenta os grupos religiosos e outro que não participa de nenhuma religião?

sim

4- Já houve algum problema de ordem disciplinar entre você e um detento que participa de grupo religioso? Qual?

não

5- Observou alguma forma de privilégio ao recluso que participa de grupos religiosos?

não

6- Tem ciência de algum detento religioso que foi afastado do trabalho, perdendo o benefício por descumprir ordem?

sim

7- É possível perceber diferença no asseio do detento que pertence a grupo religioso daquele que não faz parte de nenhuma religião (roupas limpas, bem passadas, Cabelos e barba bem feitos)? Justifique.

não

- 8- Você concorda que os detentos religiosos têm mais habilidade de diálogo e receptividade a qualquer tratamento ou relacionamento com os servidores da Unidade em geral? Justifique.

Sim, por seguirem seus princípios.

- 9- Em sua opinião todos que procuram seguir uma fé Religiosa, buscam com sinceridade, ou há algum outro interesse por trás da decisão?

Não, alguns com interesses particulares.

- 10- Diante da sua experiência na Casa de Detenção em sua opinião qual a importância do trabalho dos religiosos? Você acredita que assistência religiosa nos presídios faz a diferença para mudança na vida do preso ou poderia ser dispensada?

O trabalho religioso é super importante na esfera penal, é um dos meios de se matar o caráter do Reducendo.

AGENTE PENITENCIÁRIO "D"

ENTREVISTA REALIZADA COM FUNCIONÁRIOS DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

1- Qual a sua Idade, Formação Escolar e Função que desempenha na Casa de detenção de Cacoal?

51 anos
Ensino Superior completo
Policial Penal

2- Você é membro de algum seguimento Religioso? Qual?

Sim
Assembleia de Deus - Canto

3- Você observa nesta Unidade alguma diferença entre um detento que frequenta os grupos religiosos e outro que não participa de nenhuma religião?

Sim!
Geralmente, os detentos que participam desses grupos evitam situações de manifestações que perturbem a ordem e disciplina do presídio. Os membros costumam ouvir e não murmurar, pregar a palavra.

4- Já houve algum problema de ordem disciplinar entre você e um detento que participa de grupo religioso? Qual?

Não!

5- Observou alguma forma de privilégio ao recluso que participa de grupos religiosos?

não!

6- Tem ciência de algum detento religioso que foi afastado do trabalho, perdendo o benefício por descumprir ordem?

não!

7- É possível perceber diferença no asseio do detento que pertence a grupo religioso daquele que não faz parte de nenhuma religião (roupas limpas, bem passadas, Cabelos e barba bem feitos)? Justifique.

Sim!
É fato.
É perceptível a higienização pessoal dos participantes do grupo evangélico se comparados aos que não participam do referido grupo.

- 8- Você concorda que os detentos religiosos têm mais habilidade de diálogo e receptividade a qualquer tratamento ou relacionamento com os servidores da Unidade em geral? Justifique.

Sim!
 Os mesmos costumam atender os ordens e pedidos sem questionamentos. A maioria das dificuldades ou problemas são resolvidos facilmente, os mesmos costumam resolver com diálogo.

- 9- Em sua opinião todos que procuram seguir uma fé Religiosa, buscam com sinceridade, ou há algum outro interesse por trás da decisão?

Nem todos os participantes são sinceros. Alguns procuram benefícios pessoais.

- 10- Diante da sua experiência na Casa de Detenção em sua opinião qual a importância do trabalho dos religiosos? Você acredita que assistência religiosa nos presídios faz a diferença para mudança na vida do preso ou poderia ser dispensada?

O trabalho é essencial, uma vez que, os presos ao aprender e estudar a palavra procuram viver a fé no dia a dia, com espírito de fraternidade.
 É notória a mudança de pensamento e atitude. Os mesmos têm ciência que a prática religiosa pode mudar sua vida.

AGENTE PENITENCIÁRIO "E"

ENTREVISTA REALIZADA COM FUNCIONÁRIOS DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

- 1- Qual a sua Idade, Formação Escolar e Função que desempenha na Casa de detenção de Cacoal?
- 65 ANOS.
- SUPERIOR E PÓS GRADUADO.
- POLICIA PENAL (AGENTE)
- 2- Você é membro de algum seguimento Religioso? Qual?
- SIM
- IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS (CONGREGAÇÃO BERÉIA)
- VILAGE SOL I.
- 3- Você observa nesta Unidade alguma diferença entre um detento que frequenta os grupos religiosos e outro que não participa de nenhuma religião?
- SIM.
OS QUE FREQUENTAM SÃO MAIS SERENOS, TRAN-
QUILOS, AMIGAVEIS, TEM MAIS AMOR PELA FA-
MÍLIA.
- 4- Já houve algum problema de ordem disciplinar entre você e um detento que participa de grupo religioso? Qual?
- NAO. TODOS SÃO DISCIPLINADOS NA OBRA DE
DEUS E OBEIENTES.
- 5- Observou alguma forma de privilégio ao recluso que participa de grupos religiosos?
- SIM.
FACILITA PARTICIPAR DOS CONVÊNIOS DE
EMPREGO ENTRE A SECRETARIA DE JUSTIÇA / PREFEI-
TURA E ORGAOS DO GOVERNO.
OBS: POR CAUSA DE SEUS COMPORTAMENTO "BONS" SÃO
- 6- Tem ciência de algum detento religioso que foi afastado do trabalho, perdendo o benefício por descumprir ordem?
- SIM, MAS FOI INCORPORADO POR SUA DEDI-
CAÇÃO AO TRABALHO E RELIGIOSO.
- OBS: ELE FRAQUEZOU, MAS SEMPRE FOI UM BOM
TRABALHADOR E RELIGIOSO E ISSO CONTRIBUI PREVENTIVAMENTE
- 7- É possível perceber diferença no asseio do detento que pertence a grupo religioso daquele que não faz parte de nenhuma religião (roupas limpas, bem passadas, Cabelos e barba bem feitos)? Justifique.
- CERTEZA.
- ELES SE PREOCUPAM COM A APARENCIA.

- 8- Você concorda que os detentos religiosos têm mais habilidade de diálogo e receptividade a qualquer tratamento ou relacionamento com os servidores da Unidade em geral? Justifique.

SIM.

- SÃO MAIS COMPREENSÍVEIS, EDUCADOS,
PRESTATIVOS E PRINCIPALMENTE, SOLIDÁRIOS.

- 9- Em sua opinião todos que procuram seguir uma fé Religiosa, buscam com sinceridade, ou há algum outro interesse por trás da decisão?

- ALGUNS, QUE SÃO POUCOS, TENTAM UTILIZAR
A RELIGIÃO, MAS QUANDO COMEÇAM A FREQUENTAR
MUDAM DE OPINIÃO E COMEÇAM A SERVIR
A DEUS COM SINCERIDADE.

- 10- Diante da sua experiência na Casa de Detenção em sua opinião qual a importância do trabalho dos religiosos? Você acredita que assistência religiosa nos presídios faz a diferença para mudança na vida do preso ou poderia ser dispensada?

- ESTOU A + DE 30 ANOS NO SISTEMA E
CONSIDERO QUE A ASSISTÊNCIA RELIGIOSA É PRIMOR-
DIAL PARA AJUDAR O REEDUCANDO A INGRESSAR
NO VIVERE NA SOCIEDADE.
É A LUZ E O CAMINHO P/O RESGATE DE SUA
VIDA, JUNTO A DEUS.

ANEXO B5: RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS REEDUCANDOS EGRESSOS DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

EGRESSO “A”

ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS EGRESSOS QUE PARTICIPARAM DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE

1- Qual a sua Idade? É casado (a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual Foi motivo da prisão?

37 anos, divorciado, 4 filhos, homicídio 121, médio

2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

Família

3- Quanto tempo de condenação recebeu?

18 anos e 5 meses

4- Exercia algum trabalho fora ou dentro do presídio enquanto preso?

Sim, artesanato

5- Possui alguma profissão? O que faz agora em liberdade?

Cabeleireiro e pedreiro

6- Participa de algum grupo religioso? Está seguindo alguma Igreja?

Sim, Batista

7- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

De vez em quando

8- Como você vê a justiça e os funcionários do presídio. Explique.

Tratamento péssimo, falta muito respeito. Tem alguns que estão para trabalhar, mas são poucos.

9- Como foi sua recepção aqui fora, pela família, pela Igreja e pela sociedade?

amigo ajudou, Deus

10- Em sua opinião qual é a maior dificuldade enfrentada por um egresso?

Trabalho. Trabalhei pela Pac um ano de graça. Sair à procura de emprego de cabeleireiro. A prefeitura paga apenas r\$ 700, não vale a pena.

EGRESSO “B”

ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS EGRESSOS QUE PARTICIPARAM DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

1. Qual a sua Idade? É casado (a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual Foi motivo da prisão?

28 nos, não, nenhum, nível superior, cometi um crime.

2. Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

Talvez a ausência da família tenha contribuído, numa pequena parcela.

3. Quanto tempo de condenação recebeu?

4 anos.

4. Exercia algum trabalho fora ou dentro do presídio enquanto preso?

Sim, limpava a cela para conseguir me manter nos primeiros dias.

5. Possui alguma profissão? O que faz agora em liberdade?

Sim, estudo, trabalho, gozo minha liberdade.

6. Participa de algum grupo religioso? Está seguindo alguma Igreja?

sim, sim. Assembleia de Deus “CGADB”

7. Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

Sim! Orava Também. Oração para mim significava Alívio! Alívio e uma esperança. Encontrava a paz porque, fora do momento da oração e da leitura da Bíblia dava uma angústia, uma aflição, uma vontade de sair, principalmente no meu caso que tenho claustrofobia e o ambiente que era pra comportar oito pessoas tinha vinte e uma, tudo isso trazia certa angústia ao lembrar que lá fora tinha uma cama, ali quando a pessoa retornava do banheiro jogava água em mim. Então quando orava, o Espírito Santo me tirava de lá de dentro durante esses momentos, e eu me sentia livre, e olhava para as grades e dizia: vocês não tem poder de prender-me.

8. Como você vê a justiça e os funcionários do presídio. Explique.

Injusta, falha, por ser pobre a justiça não é a mesma, abuso, ofensa, discriminação, ameaças e omissões foram situações comuns durante o processo pré e intra detenção.

9. Como foi sua recepção aqui fora, pela família, pela Igreja e pela sociedade?

Minha família reside em outro estado, mesmo à distância alegria foi transmitida. Ótima, obviamente não unanimemente, fui bem acolhido. Sociedade é uma definição muito ampla, sofri preconceito por parte da Polícia Militar.

10. Em sua opinião qual é a maior dificuldade enfrentada por um egresso?

A mesma enfrentada por qualquer ser humano ainda que nunca tenha sido recluso: falta de temor ao Senhor.



EGRESSO "C"

**ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS EGRESSOS QUE PARTICIPARAM DOS GRUPOS RELIGIOSOS
EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL**

- 1- Qual a sua Idade? É casado (a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual Foi motivo da prisão?
 36 ANOS, SOLTEIRO, FILHO NENHUM, 1º AO 3º MEIO, TRAFICO, ROUBO, POSE DE ARMA, DANOS AO PATRIMONIO,
- 2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?
 FALTA DE EMPREGO, CONTRIBUIÇÃO DE AMIGOS, FALTA DE RECURSO
- 3- Quanto tempo de condenação recebeu?
 29 ANOS CONDENACÃO TOTAL
- 4- Exercia algum trabalho fora ou dentro do presídio enquanto preso?
 SIM FAZIA MEUS ARTESANATOS COM EX: TAPETES
- 5- Possui alguma profissão? O que faz agora em liberdade?
 SIM MINHA PROFISSÃO É PEDREIRO, FASSO OBRAS
- 6- Participa de algum grupo religioso? Está seguindo alguma Igreja?
 PARTICIPO SIM, ESTOU SEGUINDO A IGREJA CONGREGAÇÃO ASSEMBLEIA DE DEUS BEREA
- 7- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?
 SIM ESTUDO FREQUENTEMENTE
- 8- Como você vê a justiça e os funcionários do presídio. Explique.
 NO MEU PUNTO DE VISTA A JUSTIÇA SÃO TODOS COMPETENTES POIS NÃO TRABALHA DO MODO CERTO, E OS FUNCIONARIOS DO PRESIDIO ALGUNS SÃO BOM E OUTRO QUEREM FICAR OPPRIMINDO OS DETENTOS
- 9- Como foi sua recepção aqui fora, pela família, pela Igreja e pela sociedade?
 MINHA FAMILIA ME RECEBEU DE BRACOS ABERTO COM MUITO CONSELHOS, POIS AQUI FORA ESTOU SABENDO VIVER DE MANEIRA DIFERENTES LONGE DE COISAS ERRADAS GRACAS PELO O APOIO DA FAMILIAS E AMIGOS QUE ME ASSUNDAM
- 10- Em sua opinião qual é a maior dificuldade enfrentada por um egresso?
 A MAIOR DIFICULDADE NO EGRESSO SÃO AS FALTAS DE OPORTUNIDADE PARA TRABALHOS POIS NEM TODO MUNDO CONFIA FECHÃO AS PORTAS.

EGRESSO "D"

ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS EGRESSOS QUE PARTICIPARAM DOS GRUPOS RELIGIOSOS
EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

1- Qual a sua Idade? É casado (a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual Foi motivo da prisão?

35 anos, casado, 5 filhos, Médio completo.
121 (Homicídio)

2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

Não era bem empregado. Houve a morte da esposa, mas não teve nada diretamente ligado.

3- Quanto tempo de condenação recebeu?

30 anos e dois meses.

4- Exercia algum trabalho fora ou dentro do presídio enquanto preso?

Coverna, Tarrapa, Tapete

5- Possui alguma profissão? O que faz agora em liberdade?

Apurador, Consultor. Hoje é pedreiro.
faz qualquer tipo de serviço

6- Participa de algum grupo religioso? Está seguindo alguma Igreja?

Assimbleia e Batiste, pedreira. Hoje vai a Assembleia no "Rua A"

7- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

Faz o curso Bíblico (IBADEP). Sou a Bíblia mas não estudo, em sequência

8- Como você vê a justiça e os funcionários do presídio. Explique.

Não posso reclamar. Eles fazem o trabalho deles. Nunca tive problemas.

9- Como foi sua recepção aqui fora, pela família, pela Igreja e pela sociedade?

Bem recebido pelo grupo. Mais ainda pela família. Não tem ninguém fora com o pai, hoje possui

10- Em sua opinião qual é a maior dificuldade enfrentada por um egresso?

Rejeição da sociedade. Eu não tive dificuldades. Já fui chamado para trabalhar em vários lugares

EGRESSO "E"

ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS EGRESSOS QUE PARTICIPARAM DOS GRUPOS RELIGIOSOS
EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

- 1- Qual a sua Idade? É casado (a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual Foi motivo da prisão?
- _____
- _____
- 2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?
- Mulher, perdeu coleção*
- _____
- _____
- 3- Quanto tempo de condenação recebeu?
- 29 e 4 meses*
- _____
- 4- Exercia algum trabalho fora ou dentro do presídio enquanto preso?
- Tapete, Bone*
- _____
- 5- Possui alguma profissão? O que faz agora em liberdade?
- _____
- _____
- 6- Participa de algum grupo religioso? Está seguindo alguma Igreja?
- _____
- _____
- 7- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?
- Sim a Bíblia proposta*
- _____
- 8- Como você vê a justiça e os funcionários do presídio. Explique.
- Antigamente tinha respeito. Hoje o tratamento é ruim.*
- _____
- 9- Como foi sua recepção aqui fora, pela família, pela Igreja e pela sociedade?
- _____
- _____
- 10- Em sua opinião qual é a maior dificuldade enfrentada por um egresso?
- A falta de lugar*
- _____

ANEXO B6: RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS REEDUCANDOS DA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

REEDUCANDO “A”

ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS QUE PARTICIPAM
DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

- 1- Qual a sua Idade? É casado(a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual o motivo da prisão?
 minha idade 30 sou casado 2 filhos terceira serie
 tentativa de homicidio
- 2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?
~~ela me abandonou~~ eu bebia muito
- 3- Quanto tempo de condenação recebeu? Falta muito para cumprir a pena privativa?
 e dá qui que eu estou pagando o prazo que vem
 eu sei mais tem outra recadendo se deu pra
 mim apurar
- 4- O que habitua fazer nos momentos de descanso?
 ler a biblia sagada
- 5- Tem algum trabalho fora ou dentro do presídio?
 estou parado por enquanto
- 6- Possui alguma profissão? O que pensa em fazer quando sair em liberdade?
 eu penso trabalha e seguir a senhor com
 a minha familia
- 7- Já teve passagem pelo setor disciplinar dessa unidade? Se sim, por qual motivo?
 já tive um tapão e estou indo pagar um
 castigo agora
- 8- Participa de algum grupo religioso ou de todos? Há quanto tempo?
 eu ia de vez em quando na igreja com
 eu estava no rua mais aqui eu participo dos cultos

9- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

eu estudo a bíblia todos os dias

10- Após aderir a alguma Igreja, notou mudança em relação a você por parte dos funcionários?

*não eu estou do mesmo jeito mais eu
têm fé em deus ele vai me abençoar*

11- Após aderir a alguma Igreja, Percebeu alguma diferença no tratamento em relação a você por parte dos demais reeducandos?

eu estou tentando mais está difícil

12- E você, mudou alguma coisa no tratamento com os funcionários?

mudou muito

13- Obtém alguma atenção diferenciada por ser adepto de grupo religioso?

não

14- Você acredita que a doutrina religiosa que você aceitou é muito difícil de seguir?

um pouco atentação é muita

15- Você se sente vigiado pelos demais presos, no sentido de procurarem alguma falta/fraqueza para tirar proveito da situação?

*não porque deus está comigo me protegendo
de todos mal*

REEDUCANDO "B"

ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS QUE PARTICIPAM
DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

- 1- Qual a sua idade? É casado(a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual o motivo da prisão?

Tenho 33 anos eu tenho o fundamental completo.
Eu fui preso por homicídio art. 121

- 2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

Não porque quando cheguei da igreja o inimigo
achou parecido na minha cara eu vou a pele uso drogas
e aconteceu o fato.

- 3- Quanto tempo de condenação recebeu? Falta muito para cumprir a pena privativa?

Eu fui condenado 12,4,24 hoje são quatro meses e
vinte e quatro dias. falta 10 meses pra mim sair

- 4- O que habitua fazer nos momentos de descanso?

Em vez de quando eu leio a bíblia e oro e assiste
televisão

- 5- Tem algum trabalho fora ou dentro do presídio?

Tenho dentro do presídio mas antes da pandemia eu
trabalhava no quintal

- 6- Possui alguma profissão? O que pensa em fazer quando sair em liberdade?

Eu sou pintor eu quero quando sair me latizar
nos órgãos com Cristo Jesus

- 7- Já teve passagem pelo setor disciplinar dessa unidade? Se sim, por qual motivo?

Sim 2010 passei com Raba 555 mas não fui eu
que matei

- 8- Participa de algum grupo religioso ou de todos? Há quanto tempo?

Eu sou evangélico nos meus quinze meses
seguintes a igreja Batista da minha mãe mas desviei

9- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

Eu sou leigo a bíblia e alguns livros relacionados com a palavra de Deus

10- Após aderir a alguma Igreja, notou mudança em relação a você por parte dos funcionários?

Não todos são iguais mas sou 2 fazer piada mas com Jesus Cristo tudo você vence na vida basta buscar a ele de coração.

11- Após aderir a alguma Igreja, Percebeu alguma diferença no tratamento em relação a você por parte dos demais reeducandos?

Sim alguns é até debara mais outros fica dizendo oncha por causa dos auto

12- E você, mudou alguma coisa no tratamento com os funcionários?

Sim com Jesus nada ti a tigi e cre nele entro eu sou muito humilde de coração Deus me deu este dom

13- Obtém alguma atenção diferenciada por ser adepto de grupo religioso?

~~Sim~~ Não porque eu sou muito calmo e com Jesus você vence todas barreiras.

14- Você acredita que a doutrina religiosa que você aceitou é muito difícil de seguir?

Um pouco porque quando a pessoa que é mais fácil, mas quando a pessoa vai vai pra Deus a palavra mais não que mecho é mais difícil

15- Você se sente vigiado pelos demais presos, no sentido de procurarem alguma falta/ fraqueza para tirar proveito da situação?

Por alguns sim mas a maioria não porque quando você segue a Deus você é vigiado por todos por o inimigo vê na fraqueza dele para que fique assim

REEDUCANDO "C"

**ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS QUE PARTICIPAM
DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL**

- 1- Qual a sua Idade? É casado(a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual o motivo da prisão?

38 Anos Solteiro 3 Filhos Em Sino Médio
 9 Anos de estudo Parte de ano e tem de fato
 de 9 anos de estudo

- 2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

Eu não porquê Eu não
 não era meus Pai

- 3- Quanto tempo de condenação recebeu? Falta muito para cumprir a pena privativa?

Eu não condenado 12 anos de prisão
 só cumprir mais de um mês
 falta menos da metade

- 4- O que habitua fazer nos momentos de descanso?

Eu gosto de ficar deitado
 sozinho em silêncio

- 5- Tem algum trabalho fora ou dentro do presídio?

Sim Trabalho todos os dias
 da 07:30 às 17:30

- 6- Possui alguma profissão? O que pensa em fazer quando sair em liberdade?

Eu só pedreiro Pense em fazer
 muros, terra e gentiana a
 criação de bali ect

- 7- Já teve passagem pelo setor disciplinar dessa unidade? Se sim, por qual motivo?

Opção A DEUS NÃO
 Tem 7 anos fecha do ruca
 fui no JAPAO

- 8- Participa de algum grupo religioso ou de todos? Há quanto tempo?

Eu participo de todos
 A 8 anos

9- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

Sim Eu leio a Bíblia todos
dia cedo

10- Após aderir a alguma Igreja, notou mudança em relação a você por parte dos funcionários?

Eu não fui em igreja porque eu
Acredito Jesus na prisão

11- Após aderir a alguma Igreja, Percebeu alguma diferença no tratamento em relação a você por parte dos demais reeducandos?

Sim Sempre Jesus
Alegre que não agradeço em Deus

12- E você, mudou alguma coisa no tratamento com os funcionários?

Sim Respeito mais aos funcionários

13- Obtém alguma atenção diferenciada por ser adepto de grupo religioso?

Não porque sou mantido a
ordem e não agrido

14- Você acredita que a doutrina religiosa que você aceitou é muito difícil de seguir?

Sim porque essas religiões são
perseguidas

15- Você se sente vigiado pelos demais presos, no sentido de procurarem alguma falta/fraqueza para tirar proveito da situação?

Sim porque todos cuida para
surto

REEDUCANDO “D”

ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS QUE PARTICIPAM
DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

- 1- Qual a sua Idade? É casado(a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual o motivo da prisão?

idade 45 anos não sou casado. Tenho dois filhos antigo 217

- 2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

Só uma pessoa contribuiu para eu vir para cá

- 3- Quanto tempo de condenação recebeu? Falta muito para cumprir a pena privativa?

Eu fui condenado à 23 anos e ainda falta 12 anos

- 4- O que habitua fazer nos momentos de descanso?

sim eu gosto muito de ler a bíblia e também alguns livros

- 5- Tem algum trabalho fora ou dentro do presídio?

Trabalho no presídio e também fresto cerveja no ~~quarto~~ quartel

- 6- Possui alguma profissão? O que pensa em fazer quando sair em liberdade?

sim pretendo trabalhar por conta própria

- 7- Já teve passagem pelo setor disciplinar dessa unidade? Se sim, por qual motivo?

nenhuma tive essa é a primeira vez

- 8- Participa de algum grupo religioso ou de todos? Há quanto tempo?

não pratico tem muito tempo

9- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

não leio nem um por que tem alguns que não são interessantes

10- Após aderir a alguma Igreja, notou mudança em relação a você por parte dos funcionários?

sim sentir muita diferença quando eu participava

11- Após aderir a alguma Igreja, Percebeu alguma diferença no tratamento em relação a você por parte dos demais reeducandos?

sim porque é muito bom ouvir a palavra de Deus e muito fala com a gente com mais respeito

12- E você, mudou alguma coisa no tratamento com os funcionários?

sim porque também eles trata a gente com mais educação e por o motivo de nos está neste projeto

13- Obtém alguma atenção diferenciada por ser adepto de grupo religioso?

sim todos dão muita atenção para nos e nos fala palavras boas

14- Você acredita que a doutrina religiosa que você aceitou é muito difícil de seguir?

não é nada difícil Basta nós querer e continuar na presença de Deus

15- Você se sente vigiado pelos demais presos, no sentido de procurarem alguma falta/fraqueza para tirar proveito da situação?

sim principalmente nos momentos de levantar cedo quando desobedecemos a cama sem arrumar

REEDUCANDO “E”

**ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS QUE PARTICIPAM
DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL**

- 1- Qual a sua Idade? É casado(a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual o motivo da prisão?

TENHO 44 ANOS. NÃO SOU CASADO. TENHO 04 FILHOS.
TENHO A 4ª SÉRIE. CRIME HEBÍDIO.

- 2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

NÃO.

- 3- Quanto tempo de condenação recebeu? Falta muito para cumprir a pena privativa?

EU FUI CONDENADO A 13 ANOS DE PRISÃO.
FALTA 8 ANOS NO FECHADO PARA ME CUMPRIR.

- 4- O que habitua fazer nos momentos de descanso?

LER A BÍBLIA, ORAR, FALAR COM DEUS.

- 5- Tem algum trabalho fora ou dentro do presídio?

TEM 1 TRABALHO AQUI DENTRO DO PRESÍDIO
TRABALHO NA CONSTRUÇÃO E NA LIMPEZA.

- 6- Possui alguma profissão? O que pensa em fazer quando sair em liberdade?

A MINHA PROFIÇÃO É SERVIÇOS GERAIS
QUANDO EU SAIR DAQUI EU QUERO SER UM
EVANGELISTA DE JESUS.

- 7- Já teve passagem pelo setor disciplinar dessa unidade? Se sim, por qual motivo?

NÃO

- 8- Participa de algum grupo religioso ou de todos? Há quanto tempo?

EU PARTICIPO DOS CULTOS 2ª FEIRAS E NOS
SABADOS EU QUE PREGO A PALAVRA AQUI
JÁ TO NA PRESENÇA DE JESUS A 1 ANO E 4 MESES

9- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

EU ESTUDO A BIBLIA TODOS OS DIAS.

10- Após aderir a alguma Igreja, notou mudança em relação a você por parte dos funcionários?

SIM ELES ME TRATAM COM RESPEITO.

11- Após aderir a alguma Igreja, Percebeu alguma diferença no tratamento em relação a você por parte dos demais reeducandos?

SIM, HOJE ELES ME RESPEITA, E HOJE QUANDO EU FALO COM ELES.

12- E você, mudou alguma coisa no tratamento com os funcionários?

SIM EU TRATO ELES COM AMOR, E A PALAVRA DE DEUS.

13- Obtém alguma atenção diferenciada por ser adepto de grupo religioso?

SIM ELES NÃO FALAM PALAVRÃO PERTO DE MIM, NEM PALAVRAS TORPE ELES ME TRATAM COM RESPEITO.

14- Você acredita que a doutrina religiosa que você aceitou é muito difícil de seguir?

SIM A PORTA É ESTREITA, MAIS AQUELES QUE PERSEVERAR ATÉ O FIM SERÁ SALVO.

15- Você se sente vigiado pelos demais presos, no sentido de procurarem alguma falta/fraqueza para tirar proveito da situação?

SIM

REEDUCANDO "F"

**ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS QUE PARTICIPAM
DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL**

- 1- Qual a sua Idade? É casado(a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual o motivo da prisão?

40 anos, não, 1 filha, ensino médio completo.
Art. 121

- 2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

não, foi por motivo de discursão e
fartada.

- 3- Quanto tempo de condenação recebeu? Falta muito para cumprir a pena privativa?

não foi condenado ainda.

- 4- O que habitua fazer nos momentos de descanso?

ler livro e artesanatos

- 5- Tem algum trabalho fora ou dentro do presídio?

sim, trabalho na construção dentro do
presídio.

- 6- Possui alguma profissão? O que pensa em fazer quando sair em liberdade?

pedreiro e voltar a trabalhar na
construção civil.

- 7- Já teve passagem pelo setor disciplinar dessa unidade? Se sim, por qual motivo?

não, não tive nem uma falta.

- 8- Participa de algum grupo religioso ou de todos? Há quanto tempo?

sim, já faz 10 meses.

9- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

sim, a bíblia.

10- Após aderir a alguma Igreja, notou mudança em relação a você por parte dos funcionários?

não. os funcionários me tratam normalmente. como tratam todos os outros reeducandos.

11- Após aderir a alguma Igreja, Percebeu alguma diferença no tratamento em relação a você por parte dos demais reeducandos?

não. todos me tratam normalmente como antes de eu participar dos cultos religiosos.

12- E você, mudou alguma coisa no tratamento com os funcionários?

sim, com mais respeito e atenção.

13- Obtém alguma atenção diferenciada por ser adepto de grupo religioso?

não. tenho a atenção normal como todos os outros reeducandos têm.

14- Você acredita que a doutrina religiosa que você aceitou é muito difícil de seguir?

sim, porque andar segundo as escrituras não é fácil. ainda mais estando preso.

15- Você se sente vigiado pelos demais presos, no sentido de procurarem alguma falta/fraqueza para tirar proveito da situação?

não. faço a minha caminhada correta, e não peço reeducando nenhum criticando a minha caminhada.

REEDUCANDO "G"

**ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS QUE PARTICIPAM
DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL**

1- Qual a sua Idade? É casado(a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual o motivo da prisão?

at. Eu tenho 29 anos, sou casado, tenho uma filha, cursei ensino médio completo
art. 33.

2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

busca por uma condição financeira melhor.

3- Quanto tempo de condenação recebeu? Falta muito para cumprir a pena privativa?

24 anos, falta 14 anos

4- O que habitua fazer nos momentos de descanso?

ler, assistir jornal, e jogar jogos de tabuleiro como Xadrez ou dama.

5- Tem algum trabalho fora ou dentro do presídio?

sim, servente de pedreiro.

6- Possui alguma profissão? O que pensa em fazer quando sair em liberdade?

Não tenho profissão, estou para ter uma profissão e trabalhar no que eu conseguir

7- Já teve passagem pelo setor disciplinar dessa unidade? Se sim, por qual motivo?

Não, sempre cumpro todos os ordens dos carcereiros

8- Participa de algum grupo religioso ou de todos? Há quanto tempo?

sim, sou evangélico, desde de quando eu tava na rua em liberdade.

9- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

Não leio a Bíblia, quase todos os dias, não sim, não

10- Após aderir a alguma Igreja, notou mudança em relação a você por parte dos funcionários?

Não, eles sempre ~~se~~ atuam com autoritarismo, ignorância, discriminação e laço

11- Após aderir a alguma Igreja, Percebeu alguma diferença no tratamento em relação a você por parte dos demais reeducandos?

Sim, evitam certos tipos de conversa de crime e coisas criadas por parte de mim, sem respeito

12- E você, mudou alguma coisa no tratamento com os funcionários?

Sim, apesar de não adiantar nada.

13- Obtém alguma atenção diferenciada por ser adepto de grupo religioso?

Não, o tratamento é o mesmo, truculência, desumano em questões de respeito e dignidade autoritarismo, ignorância, discriminação

14- Você acredita que a doutrina religiosa que você aceitou é muito difícil de seguir?

Um pouco mais não por causa dele, mais sim minha, porque se deixou levar pelas tentações e fraquezas

15- Você se sente vigiado pelos demais presos, no sentido de procurarem alguma falta/fraqueza para tirar proveito da situação?

No questão de religião Não, mas no dia a dia sim.

REEDUCANDO "H"

ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS QUE PARTICIPAM
DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

1- Qual a sua Idade? É casado(a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual o motivo da prisão?

"38 anos". Casado. 04 filhos. 2º grau. "Homicídio".

2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

-> Para minha defesa!

3- Quanto tempo de condenação recebeu? Falta muito para cumprir a pena privativa?

"120 dias".
"04 anos".

4- O que habitua fazer nos momentos de descanso?

Medito.

5- Tem algum trabalho fora ou dentro do presídio?

As vezes faço los ou em de Beisulos.

6- Possui alguma profissão? O que pensa em fazer quando sair em liberdade?

Apresentador.
Para superar o tempo perdido (resistência).

7- Já teve passagem pelo setor disciplinar dessa unidade? Se sim, por qual motivo?

celo.

8- Participa de algum grupo religioso ou de todos? Há quanto tempo?

Sim.
06 meses, (no "Apos") e 05 anos de total.

9- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

Sim, sempre fazemos orações em grupo, e isso é parte do projeto da "Apas".

10- Após aderir a alguma Igreja, notou mudança em relação a você por parte dos funcionários?

Sim! A maioria dos funcionários também são fiéis e isso nos fez sentir mais compreendidos.

11- Após aderir a alguma Igreja, Percebeu alguma diferença no tratamento em relação a você por parte dos demais reeducandos?

Sim. Quando estamos no mesmo objetivo "em fé", sempre somos mais valorizados por todos em volta.

12- E você, mudou alguma coisa no tratamento com os funcionários?

Sim. Fomei e não se-les como indivíduos e apenas trabalhadores e nos ajudamos a superar o "novo destino" com o "juízo" de Deus.

13- Obtém alguma atenção diferenciada por ser adepto de grupo religioso?

Sim, sempre somos diferenciados quando estamos em "fé".

14- Você acredita que a doutrina religiosa que você aceitou é muito difícil de seguir?

Sim! Quando estamos em "fé" as tentações vêm e vão, mas com muita fé, conseguimos lidar!

15- Você se sente vigiado pelos demais presos, no sentido de procurarem alguma falta/fraqueza para tirar proveito da situação?

Sim! Quando em "fé" os faltar e fraquezas, também em "fé" são evitados.

REEDUCANDO 'I'

ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS QUE PARTICIPAM
DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL

- 1- Qual a sua Idade? É casado(a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual o motivo da prisão?

Tenho 36 Anos. Separado. não Tenho Filhos. Ensino Médio. Art. 121.

- 2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?

não, não me faltava família ou emprego ou amigos. O que me trouxe pra cá foi a ganância de ignorância.

- 3- Quanto tempo de condenação recebeu? Falta muito para cumprir a pena privativa?

Fui condenado a 20 Anos. Tenho que pagar no total oito Anos no regime Fechado. no regime Fechado ainda falta quase três anos. sem contar com minhas férias.

- 4- O que habitua fazer nos momentos de descanso?

Gosto de Ler. Leio a Bíblia, livros religiosos ou não. Gosto muito de exercícios físicos.

- 5- Tem algum trabalho fora ou dentro do presídio?

Tenho Sim. Trabalho no recebimento das compras dos outros apenados, três dias por semana. Faço a contagem e entrega da alimentação na prisão.

- 6- Possui alguma profissão? O que pensa em fazer quando sair em liberdade?

Fiz vários cursos na área de segurança. segurança patrimonial, pessoal e transporte de altos valores. O que eu mais quero é fazer uma faculdade. pretendo fazer o curso de Direito.

- 7- Já teve passagem pelo setor disciplinar dessa unidade? Se sim, por qual motivo?

não. Dentro de todos esses Anos, graças a Deus não.

- 8- Participa de algum grupo religioso ou de todos? Há quanto tempo?

participo. Agora no projeto APAC e faço parte dos cultos. Quando estava no fechado já tinha uns 2 anos.

9- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

Faço leitura diárias. Principalmente do Livro de Provérbios. Temos aqui uma carência de material para estudos Bíblicos, e/ou algum grupo capacitado que possa nos auxiliar.

10- Após aderir a alguma Igreja, notou mudança em relação a você por parte dos funcionários?

Acredito que deve sim uma grande mudança em minha vida de um modo geral. Após eu começar buscar a Deus, muitas portas se abriram. Mesmo que eu ainda esteja aqui, hoje consigo perceber que em tudo na vida tem algo te apontando

11- Após aderir a alguma Igreja, Percebeu alguma diferença no tratamento em relação a você por parte dos demais reeducandos?

Muito. Comecei a perceber que eles viam algo de Deus em mim. Até mesmo no respeito.

12- E você, mudou alguma coisa no tratamento com os funcionários?

Acho que hoje eu mudei referente aos funcionários, foi que sempre coloco eles em minhas orações.

13- Obtém alguma atenção diferenciada por ser adepto de grupo religioso?

Acredito que por ser ou fazer parte de um grupo religioso sou ou soumos vistos como pessoas que realmente mudou o rumo. Sinto que as pessoas confiam em mim.

14- Você acredita que a doutrina religiosa que você aceitou é muito difícil de seguir?

Se depender de mim somente, é muito. Somente com a bondade e misericórdia de Deus.

15- Você se sente vigiado pelos demais presos, no sentido de procurarem alguma falta/ fraqueza para tirar proveito da situação?

As vezes sim. Uma memória tenta achar erros ou fraquezas para diminuir a postura cristã.

REEDUCANDO "J"

**ENTREVISTA REALIZADA COM PRESOS QUE PARTICIPAM
DOS GRUPOS RELIGIOSOS EVANGÉLICOS NA CASA DE DETENÇÃO DE CACOAL**

- 1- Qual a sua Idade? É casado(a)? Tem quantos filhos? Qual a sua escolaridade? Qual o motivo da prisão?
 40 Anos Sim três Primeiro Anos
 721
- 2- Alguma situação como falta de emprego, ausência da família ou outros contribuiu para sua detenção?
 Não
- 3- Quanto tempo de condenação recebeu? Falta muito para cumprir a pena privativa?
 28 Anos, Não
- 4- O que habitua fazer nos momentos de descanso?
 Ler a Palavra de Deus e ~~outra~~ hora
- 5- Tem algum trabalho fora ou dentro do presídio?
 Tem, Presto serviço no Cartel serviço Gerais
- 6- Possui alguma profissão? O que pensa em fazer quando sair em liberdade?
 Carrador
 Trabalho e viver a Vida Deguma
- 7- Já teve passagem pelo setor disciplinar dessa unidade? Se sim, por qual motivo?
 Sim,
 Desobediência
- 8- Participa de algum grupo religioso ou de todos? Há quanto tempo?
 Católica,
 40 anos

9- Você estuda a Bíblia e outras literaturas religiosas frequentemente?

Sim, porque a palavra de Deus é muito importante na nossa vida

10- Após aderir a alguma Igreja, notou mudança em relação a você por parte dos funcionários?

Sim, porque temos que pegar esta mudança de vida

11- Após aderir a alguma Igreja, Percebeu alguma diferença no tratamento em relação a você por parte dos demais reeducandos?

Sim, ter respeito com os outros

12- E você, mudou alguma coisa no tratamento com os funcionários?

Sim, pela mudança que o projeto oferece, sou tratado melhor

13- Obtém alguma atenção diferenciada por ser adepto de grupo religioso?

Não, porque sou católico e também evangélico

14- Você acredita que a doutrina religiosa que você aceitou é muito difícil de seguir?

Não, porque temos que acreditar em Deus porque é só ele que passa nos liberta

15- Você se sente vigiado pelos demais presos, no sentido de procurarem alguma falta/fraqueza para tirar proveito da situação?

Não, temos que ser retos e ajudar o próximo